

EDIÇÃO BILÍNGUE
PT-ESP



TEIAS DE LUTA:
NARRATIVAS FEMINISTAS EM RESISTÊNCIA
AOS MEGAPROJETOS



TRAMAS DE LUCHA:
NARRATIVAS FEMINISTAS EN RESISTENCIA A MEGAPROYECTOS



TEIAS DE LUTA:
NARRATIVAS FEMINISTAS EM RESISTÊNCIA
AOS MEGAPROJETOS



TRAMAS DE LUCHA:
NARRATIVAS FEMINISTAS EN RESISTENCIA A MEGAPROYECTOS

Ficha Técnica

Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul

Avenida Henrique Valadares 23, sala
504 – Centro, Rio de Janeiro/RJ – CEP
20231-030

Coordenação Colegiada:

Aline Lima
Marina Praça

Organização e concepção da publicação:

Ana Luisa Queiroz
Marina Praça
Yasmin Bitencourt

Autoras:

Aline Lima
Ana Paula dos Santos
Ana Luisa Queiroz
Cris Faustino
Francisca Fernández Droguett
Isabelle Rodrigues
Karoline Kina
Larissa Santos
Lorena Cabnal
Marina Praça
Saneý Souza
Vera Domingos
Wanessa Afonso de Andrade
Yasmin Bitencourt

Revisão e edição dos textos:

Carolina Dias
Marina Praça

Tradução:

Jessica Patrocinio Pessanha

Ilustrações e projeto gráfico:

Camila Schindler

Diagramação:

Karoline Kina

Realização:



Apoio:

**Appleton
Foundation**



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons AttributionNonCommercial-ShareAlike 4.0 International license. Igual 4.0 Internacional. Textos e fotografias podem ser utilizados, copiados, distribuídos, exibido ou reproduzido em qualquer meio ou forma, mecânico, electrónico, incluindo fotocópias, desde que não fotocópia, desde que não tenha finalidade comercial e que as fontes, autores e autores sejam citados.

Rio de Janeiro
2021



TEIAS DE LUTA :
Narrativas feministas em resistência aos megaprojetos

TRAMAS DE LUCHA :
Narrativas feministas en resistencia a megaproyectos

Rio de Janeiro, 2021



Sumário

* Apresentação

- Experiências em escrita: vozes e afetos que ecoam – *Marina Praça* 11
- O que é luta? – *Isabelle Rodrigues* 23

* Mulheres

- Ser e me reconhecer mulher entre mulheres – *Ana Paula Santos* 31
- Mulher é o que ela quer ser – *Karoline Kina* 37
- Ser e sentir o contraditório – *Ana Luisa Queiroz* 43
- Construindo feminismos nossos – *Yasmin Bitencourt* 49
- Desabafo – *Ana Paula Santos* 57

* Corpo-território

- Meu Corpo – *Vera Domingos* 61
- Conhecer seu corpo e a si mesma como potência de vida e luta – *Marina Praça* 65
- Como nascem as cidades? – *Ana Luisa Queiroz* 75
- Meu Território – *Wanessa Afonso de Andrade* 81
- Se perceber natureza: sutil, força e misturada – *Marina Praça* 83
- Notícias de outros mundos: religiosidade e fé nas resistências cotidianas – *Aline Lima* 91

* Megaprojetos

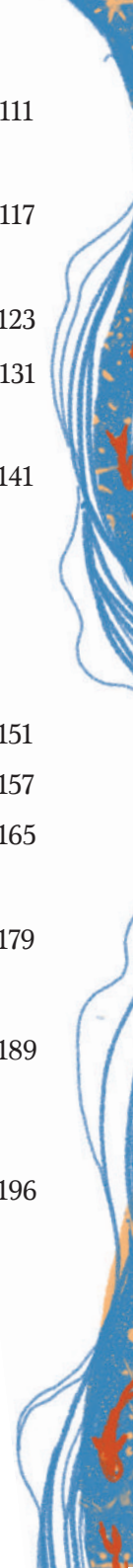
- Onde o direito de sair é irmão do direito de ficar – *Ana Luisa Queiroz* 99
- Escuto, aprendo e me conecto com as lutas e resistências dessas mulheres – *Larissa Santos* 105

- Por um feminismo anti-extrativista frente às economias e territorialidades masculinizadas – *Francisca Fernández Droguett* 111
- O racismo ambiental e as faces brancas e patriarcais dos megaprojetos de “desenvolvimento” – *Cris Faustino* 117
- A militarização da vida e os megaprojetos – *Yasmin Bitencourt* 123
- Morte em vida: a dor como reação à falta de humanidade – *Isabelle Rodrigues* 131
- A visão das sanadoras sobre a pandemia do COVID-19: como o sistema patriarcal tem agido para calar as mulheres na Guatemala – *Lorena Cabnal* 141

✦ Resistências

- A ancestralidade como forma de resistência – *Saney Souza* 151
- Existências em memória são resistências – *Marina Praça* 157
- A arte e os largos horizontes que se abrem com pequenos furos – *Ana Luisa Queiroz* 165
- Semeando autogestão e soberania alimentar na favela da Penha, Rio de Janeiro – *Ana Paula Santos* 179
- Cuidado com o outro é o legado, o cuidado consigo é o desafio – *Yasmin Bitencourt* 189

✦ Sobre as autoras e realizadoras 196



Resumen

*** Presentación**

- Experiencias en escritura: el eco de las voces y los afectos – 11
Marina Praça
- ¿Qué es la lucha? – *Isabelle Rodrigues* 23

*** Mujeres**

- Ser y reconocerse mujer entre las mujeres – *Ana Paula Santos* 31
- ¡Mujer es lo que quiere ser! – *Karoline Kina* 37
- Ser y sentir el contradictorio – *Ana Luisa Queiroz* 43
- Construir nuestros propios feminismos - *Yasmin Bitencourt* 49
- Desahogo – *Ana Paula Santos* 57

*** Cuerpo-territorio**

- Mi Cuerpo – *Vera Domingos* 61
- Conocer tu cuerpo y a ti mismo como potencia de vida y lucha– 65
Marina Praça
- ¿Cómo nacen las ciudades? – *Ana Luisa Queiroz* 75
- Mi territorio – *Wanessa Afonso de Andrade* 81
- Sentirse naturaleza: sutil, fuerza y mezcla – *Marina Praça* 83
- Noticias de otros mundos: religiosidad y fe en las resistencias 91
cotidianas – *Aline Lima*

*** Megaproyectos**

- Donde el derecho a irse es hermano del derecho a quedarse – 105
Ana Luisa Queiroz

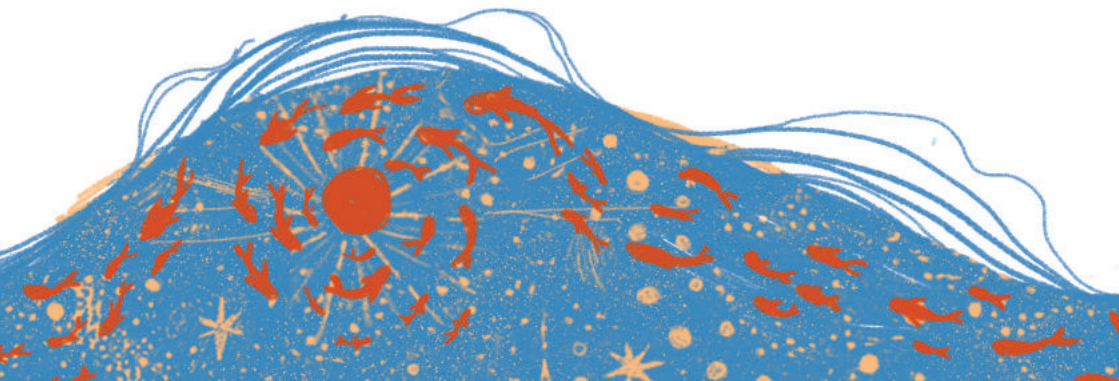
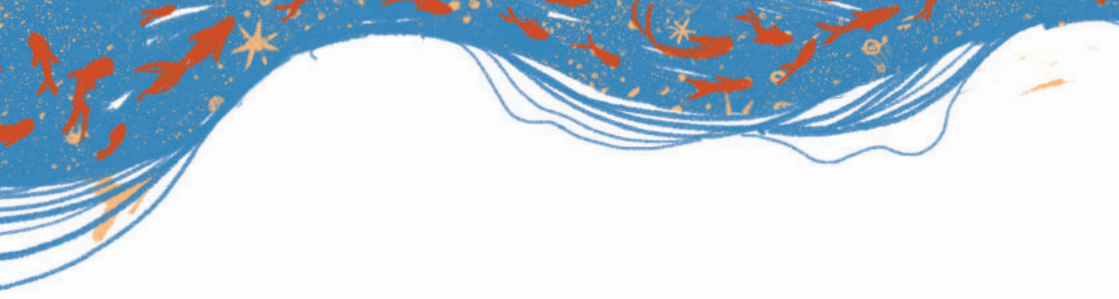
- Escucho, aprendo y me conecto con las luchas y resistencias de estas mujeres – *Larissa Santos* 105
- Por un feminismo antiextractivista ante economías y territorialidades masculinizadas – *Francisca Fernández Droguett* 111
- El racismo ambiental y los rostros blancos y patriarcales de los megaproyectos de “desarrollo” – *Cris Faustino* 117
- La militarización de la vida y los megaproyectos – *Yasmin Bitencourt* 123
- Muerte en vida: el dolor como reacción a la falta de humanidad – *Isabelle Rodrigues* 131
- La visión de las sanadoras sobre la pandemia COVID-19: cómo ha actuado el sistema patriarcal para silenciar a las mujeres en Guatemala – *Lorena Cabnal* 141

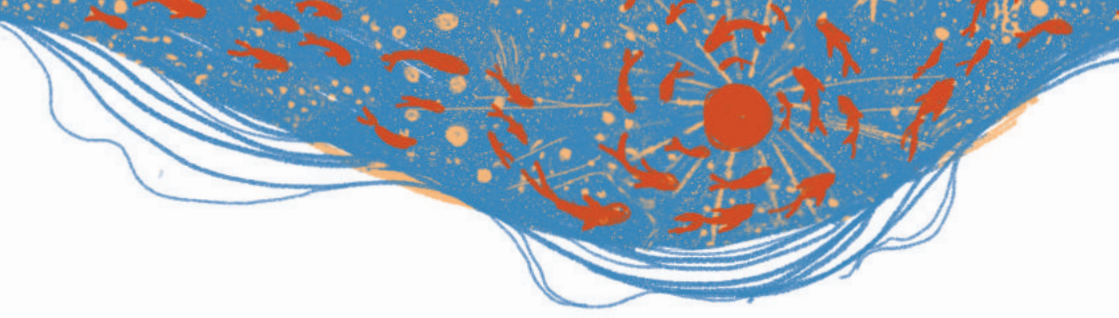
★ Resistências

- La ancestralidad como forma de resistencia – *Saney Souza* 151
- Las existencias en memoria son resistencias – *Marina Praça* 157
- El arte y los amplios horizontes que se abren con pequeños agujeros – *Ana Luisa Queiroz* 165
- Sembrando autogestión y soberanía alimentaria en la favela de Penha, Río de Janeiro – *Ana Paula Santos* 179
- Cuidar a los demás es el legado, cuidarte a ti mismo es el desafío – *Yasmin Bitencourt* 189

★ Sobre las autoras y realizadoras 196

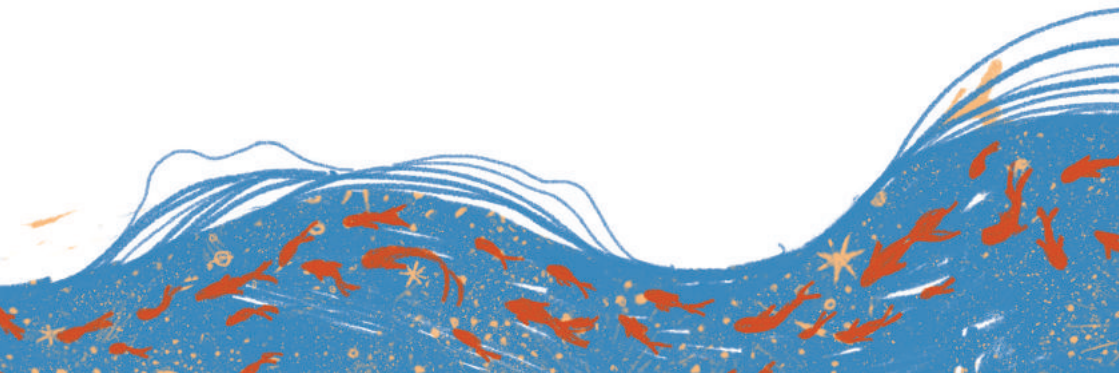






APRESENTAÇÃO

PRESENTACIÓN





EXPERIÊNCIAS EM ESCRITA: VOZES E AFETOS QUE ECOAM

EXPERIENCIAS EN ESCRITURA: EL ECO DE LAS VOGES Y LOS AFECTOS

Marina Praça

As vozes que ecoam nos textos deste livro são de mulheres lutadoras contra os megaprojetos de desenvolvimento em diversos cantos do Brasil e em outras partes da América Latina. O material surge de entrevistas elaboradas pelo Pacs, banhadas de afetos e sentidos. As entrevistas visavam amplificar histórias, olhares, corpos e emoções. A perspectiva era visibilizar as lutas das mulheres, os impactos vividos em seus corpos, mas também, os tantos saberes e sentimentos encarnados. Evidenciar quão sábias são essas mulheres e como constroem conhecimentos em seus cotidianos de resistência.

Quando as entrevistamos não sabíamos ao certo o que faríamos com tanto e não podíamos imaginar os diversos desdobramentos futuros. As entrevistas se tornaram fontes de pesquisa para o livro *“Mulheres Atingidas: territórios atravessados*

Las voces que resuenan en los textos de este libro son de mujeres luchadoras contra los megaproyectos de desarrollo en diversos rincones de Brasil y en otras partes de América Latina. El material proviene de entrevistas elaboradas por Pacs, llenas de afectos y significados. Las entrevistas tenían como objetivo amplificar historias, miradas, cuerpos y emociones. La perspectiva era visibilizar las luchas de las mujeres, los impactos experimentados en sus cuerpos, pero también los tantos conocimientos y sentimientos encarnados. Evidenciar cuán sabias son estas mujeres y cómo construyen conocimientos en sus cotidianos de resistencia.

Quando las entrevistamos, no estábamos seguras de qué haríamos con tanto y no podíamos

por megaprojetos”¹, que trazem casos de territórios atingidos por meio do olhar para estrutura patriarcal e os impactos diferenciados vividos nos corpos e territórios das mulheres. Diversas das entrevistas foram editadas e publicadas nas redes sociais do Pacs e agora encontram-se organizadas na publicação “Diálogos da terra e das águas: entrevistas da campanha ‘Mulheres Territórios de Luta’”² e, também, no site da Campanha Mulheres Territórios de Luta³. Por fim, agora, dão origem a diversos dos diálogos presentes nas nossas “**Teias de Luta: narrativas feministas em resistência aos megaprojetos**”. Além das entrevistas, esse campo de reflexão e os caminhos traçados junto às mulheres e suas lutas, gerou a cartilha “Mulheres-territórios: mapeando conflitos, afetos e resistências”⁴.

imaginar los diversos desarrollos futuros. Las entrevistas se convirtieron en fuentes de investigación para el libro “Mujeres Afectadas: territorios atravesados por megaproyectos”¹, que traen casos de territorios afectados desde una mirada a la estructura patriarcal y los impactos diferenciados vividos en los cuerpos y territorios de las mujeres. Varias de las entrevistas fueron editadas y publicadas en las redes sociales de Pacs y ahora están organizadas en la publicación “Diálogos de la tierra y de las aguas: entrevistas de la campaña ‘Mujeres Territorios de Lucha’”² y, también, en el sitio web de la Campaña Mujeres Territorios de Lucha³. Finalmente, ahora, dan lugar a varios de los diálogos presentes en nuestras

¹ Instituto Pacs. Mulheres Atingidas: territórios atravessados por megaprojetos. Rio de Janeiro: Pacs, 2021. Disponível em: <http://biblioteca.pacs.org.br/publicacao/mulheres-atingidas-territorios-atravesados-por-megaprojetos/>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

Instituto Pacs. Mujeres Afectadas: territorios atravesados por megaproyectos. Rio de Janeiro: Pacs, 2021. Disponible en: <http://biblioteca.pacs.org.br/publicacao/mulheres-atingidas-territorios-atravesados-por-megaprojetos/>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

² Instituto Pacs. Diálogos da terra e das águas: entrevistas da campanha ‘Mulheres Territórios de Luta’. Rio de Janeiro: Pacs, 2021. Disponível em: <http://biblioteca.pacs.org.br/publicacao/dialogos-da-terra-e-das-aguas-entrevistas-da-campanha-mulheres-territorios-de-luta/>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

Instituto Pacs. Diálogos sobre tierra y agua: entrevistas de la campaña ‘Mujeres territorios de lucha’. Rio de Janeiro: Pacs, 2021. Disponible en: <http://biblioteca.pacs.org.br/publicacao/dialogos-da-terra-e-das-aguas-entrevistas-da-campanha-mulheres-territorios-de-luta/>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

³ <http://pacs.org.br/mulheresterritoriosdeluta/>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

⁴ Instituto Pacs. Mulheres-Territórios: mapeando conflitos, afetos e resistências. Rio de Janeiro: Pacs, 2021. Disponível em: <http://biblioteca.pacs.org.br/publicacao/mulheres-territorios-mapeando-conflitos-afetos-e-resistencias/>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

Instituto Pacs. Mujeres-territorios: mapeo de conflictos, afectos y resistencias Rio de Janeiro: Pacs, 2021. Disponible en: <http://biblioteca.pacs.org.br/publicacao/mulheres-territorios-mapeando-conflitos-afetos-e-resistencias/>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

“Tramas de lucha: narrativas feministas en resistencia a los megaproyectos”. Además de las entrevistas, este campo de reflexión y los caminos trazados con las mujeres y sus luchas, generó la cartilla “Mujeres-territorios: mapeo de conflictos, afectos y resistencias”.⁴

Así, las voces presentes en las citas fueron fuentes y guías para la construcción de este material. Nosotras, las educadoras populares del Instituto Pacs y organizadoras de este material, leemos y releemos cada palabra, cada historia muchas veces. Destacamos extractos, creamos categorías comunes y compusimos, a través de confabulaciones, entre nosotras y con las mujeres y sus voces, el recorrido narrativo que aquí presentamos.

Sobre la escritura y los afectos

Escribir en muchos momentos es una forma de dar sentido a los acontecimientos, que son vividos, pero que narrados encuentran un nuevo lugar y sentido. Se convierten en experiencias sistematizadas desde las emociones, elecciones y afectos. Revela cómo nos transformamos a partir de aquellas experiencias. La escritura en general es individual, pero las historias de muchas, cuando se narran, ganan cuerpo y terreno y pueden compartirse.

Assim, as vozes presentes nas citações foram mananciais e guias para construção desse material. Nós, educadoras populares do Instituto Pacs e organizadoras desse material, lemos e releemos muitas vezes cada palavra, cada história. Destacamos trechos, criamos categorias comuns, e compusimos através das confabulações, entre nós e junto às mulheres e suas vozes, o caminho narrativo que aqui apresentamos.

Sobre a escrita e os afetos

Escrever em muitos momentos é uma forma de dar sentido aos acontecimentos, que são vividos, mas que narrados encontram um novo lugar e sentido. Tornam-se experiências sistematizadas desde as emoções, escolhas e afetos. Revela como nos transformamos a partir daquelas experiências. A escrita em geral é individual, mas a história de muitas, ao serem narradas, ganham corpo e chão e podem ser partilhadas.

A escrita tem um quê de elitista, cria diferenças, determina saberes e válida conhecimentos. Isto é real. Mas a escrita das histórias e experiências vividas também é uma forma de construir reconhecimento de si, de povos e realidades invisibilizadas. bell hooks e Grada Kilomba falam disso, que a escrita de si, das suas experiências e realidades lhes dá o direito de se definir.

As tornam sujeitas de suas histórias e realidades, pois podem estabelecê-las, deixarem de ser objetos e passarem a ser sujeitas. Aí a escrita torna-se um ato político. As escrituradas de Conceição Evaristo, trazem isso em dupla dimensão: a vida escrita pela vivência de cada pessoa e o mundo escrito por quem o enfrenta todos os dias.

Hooks, Kilomba, Evaristo ensinam muito. Ajudam na labuta diária de encarar branquitudes, racismos e privilégios de cor e classe. A escrita de cada uma não é a mesma e nem pode ser. Os corpos, pensares e sentires não são marcados pelas mesmas violências de todos os dias. Por isso, aqui busca-se, apenas, apostar na escrita como caminho de identidade e cura. As escritas cheias de vida, de histórias, de mundo. No caminhar, vamos aprendendo que revolucionar é dar espaço para criação do novo, é gerar movimento. Tornar o movimento uma metodologia de construção de uma nova sociedade. Movimento que convoca os conhecimentos imateriais, que trazem à tona a memória e sua força de transformação, que convida as parceiras, irmãs, amigas, companheiras a criar junto.

Criar com a escrita é desafiador, criar movimento coletivo através da escrita é uma empreitada e tanto. Nós, as mulheres do Pacs, nos propomos a movi-

La escritura tiene un aire elitista, crea diferencias, determina el conocimiento y valida el conocimiento. Esto es real. Pero la escritura de historias y experiencias vividas es también una forma de construir el reconocimiento de uno mismo, los pueblos y las realidades invisibles. bell hooks y Grada Kilomba hablan de esto, que la escritura de sí, de sus experiencias y realidades les da el derecho de definirse. Las hacen sujetos de sus historias y realidades, ya que pueden establecerlas, dejar de ser objetos y convertirse en sujetos. Entonces escribir se convierte en un acto político.

Las escrituradas de Conceição Evaristo, traen esto en dos dimensiones: la vida escrita por la experiencia de cada persona y el mundo escrito por quienes lo enfrentan todos los días.

Hooks, Kilomba, Evaristo enseñan mucho. Ayudan en la lucha diaria de enfrentar las blanquitudes, el racismo y los privilegios de color y clase. La escritura de cada una no es la misma y tampoco puede serlo. Los cuerpos, los pensamientos y los sentimientos no están marcados por la misma violencia cotidiana. Por eso, aquí solo buscamos apostar por la escritura como camino de identidad y sanación. Escritos llenos de vida, de historias, del

mundo. Mientras caminamos, aprendemos que revolucionar es dar espacio para crear lo nuevo, es generar movimiento. Hacer del movimiento una metodología para la construcción de una nueva sociedad. Movimiento que convoca conocimientos inmatereiales, que hace aflorar la memoria y su fuerza de transformación, que invita a hermanas, amigas, compañeras a crear juntos.

Crear con la escritura es desafiante, crear un movimiento colectivo a través de la escritura es un gran esfuerzo. Nosotras, las mujeres de Pacs, nos proponemos mover eso. El “Tramas de lucha: narrativas feministas en resistencia a los megaproyectos” es eso. Pues con retos que se hace la historia, las experiencias que transforman y que traen alegría. La alegría como sentimiento revolucionario y necesario para la defensa de la vida. En cada texto producido y en las conversaciones, vimos las involucradas sonreír con las Tramas. Viéndose allí, individual y colectivamente.

Retrocediendo un poco, por dónde partimos. Necesitábamos construir casos emblemáticos de territorios afectados por megaproyectos a partir de los impactos vividos por las mujeres. Pero, ¿cómo hacerlo sin perder las historias, las fra

mentar isso. O “Teias de Luta: narrativas feministas em resistência aos megaprojetos” é isso. Pois com desafios que se faz a história, as experiências que transformam e trazem alegria. A alegria como um sentimento revolucionário e necessário para defesa da vida. Em cada texto produzido e nas conversas, vimos as envolvidas sorrírem com as Teias. Ao se verem ali, individual e coletivamente.

Voltando um pouquinho, de onde partimos. Precisávamos construir casos emblemáticos de territórios atingidos por megaprojetos a partir dos impactos vividos pelas mulheres. Mas como fazer isso, sem perder as histórias, as fragrâncias e poesias de cada mulher e território? Aos poucos víamos como seria possível. A vida como educadora popular ensina: tenha uma intencionalidade política com o processo, organize e dedique-se às etapas, mas tranquilize-se, os caminhos e o resultado vão se dando aos pouquinhos, são imprevisíveis.

Assim foi, construimos perguntas, fizemos entrevistas, trocamos com as mulheres, conhecemos os territórios atingidos, realizamos ENCONTROS (metodologia de construção coletiva de luta), trocamos afeto, e víamos o que surgia. Daí emergiram: milhares de saberes, um ciclo formativo entre essas

e outras pensadoras latino-americanas, poesias e textos-vida que enraizados nasceram dos corpos das múltiplas mulheres aqui presentes. E esse caminho foi tornando-se um grande acorpamento.

Mulheres que se entrelaçaram, viraram corpo coletivo, e fizeram poesia. O Teias de Luta é poesia. Pelas palavras, emoções e imagens. Essas são mulheres entrevistadas por nós, donas das vozes que ecoam como citações, em muitos dos textos:

Aline Marins, mulher negra, parte do Coletivo Martha Trindade, grupo de jovens que denunciam e resistem à siderúrgica Ternium Brasil, filha de pai pescador e de mãe guerreira, Aline vem perdendo seu território de vida em Santa Cruz, Rio de Janeiro.

Ana Laíde Barbosa, mulher encantada, educadora popular, lutadora e mobilizadora junto a pescadores, ribeirinhas, indígenas, agricultores que vivem junto ao Rio Xingu e seus encantados. Atua nos territórios atingidos pela Usina Hidrelétrica Belo Monte e outros megaprojetos no Pará. Faz parte do Movimento Xingu Vivo Para Sempre.

Ana Santos, mulher negra, educadora popular, culinária, feminista comunitária, militante e pensadora da agroeco-

gancias y la poesía de cada mujer y territorio? Poco a poco, vimos cómo sería posible. La vida como educadora popular enseña: tener una intencionalidad política con el proceso, organizarse y dedicarse a las etapas, pero estar tranquila, los caminos y los resultados vienen poco a poco, son imprevisibles.

Así fue, construimos preguntas, realizamos entrevistas, intercambiamos con mujeres, conocimos los territorios afectados, realizamos ENCUENTROS (metodología de construcción colectiva de lucha), intercambiamos afectos, vimos lo que surgía. De ahí surgieron: miles de saberes, un ciclo formativo entre estas y otras pensadoras latinoamericanas, poesía y textos-vida que se enraizaron en los cuerpos de las múltiples mujeres aquí presentes. Y ese camino se ha convertido en un gran acorpamiento.

Mujeres que se entrelazaron, se convirtieron en un cuerpo colectivo e hicieron poesía. El Trama de Luchas es poesía. A través de palabras, emociones e imágenes. Estas son mujeres entrevistadas por nosotras, dueñas de las voces que resuenan como citas en muchos de los textos:

Aline Marins, una mujer negra,

parte del Colectivo Martha Trinidad, un grupo de jóvenes que denuncian y resisten a la siderúrgica Ternium Brasil, hija de padre pescador y madre guerrera, Aline ha ido perdiendo su territorio de vida en Santa Cruz, Rio de Janeiro.

Ana Laíde Barbosa, mujer encantada, educadora popular, luchadora y movilizadora con pescadores, ribereños, indígenas, agricultores que viven a orillas del río Xingu y sus encantados. Actúa en los territorios afectados por la Usina Hidroeléctrica Belo Monte y otros megaproyectos en Pará. Forma parte del Movimiento Xingu Vivo Para Siempre.

Ana Santos, mujer negra, educadora popular, experta culinaria, feminista comunitaria, activista y pensadora de la agroecología y la agricultura urbana. Miembro del Centro de Integración en Serra da Misericórdia (CEM) en el Complejo Favelas da Penha y de la Red de Agricultura Urbana de Río de Janeiro.

Barbara Cunha mujer arte, instrumentista, militante de la economía solidaria y de la agroecología en la ciudad de Volta Redonda, territorio afectado y controlado por la Compañía Siderúrgica Nacional, en el Estado de Río de Janeiro.

logia e agricultura urbana. Integrante do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM) no Complexo de Favelas da Penha e da Rede Carioca de Agricultura Urbana no Rio de Janeiro.

Barbara Cunha, mulher arte, musicista, militante da economia solidária e da agroecologia na cidade de Volta Redonda, território atingido e controlado pela Companhia Siderúrgica Nacional, no Estado do Rio de Janeiro.

Dayane Amador, mulher quilombola da Ilha do Marajó, no Pará. Conhecida por seu sorriso largo e aberto, sua energia de luta e vida. Uma referência em seu território, especialmente para os jovens, com os quais constrói diálogos e lutas, alargando conhecimentos e práticas de cura.

Francisca Fernandez, mulher potência, feminista e lutadora pelas águas e territórios no Chile. Pancha, como conhecida pelas companheiras de luta, faz parte do Movimento por el Agua y los Territorios e da Coordinadora Feminista 8M, no Chile.

Larissa Santos, mulher afeto, comunicadora popular e coordenadora da organização Justiça nos Trilhos. Larissa lê o mundo e atua de ma-

neira profundamente compromissada e afetuosa. Sua prática se dá junto às comunidades e povos atingidos pela siderurgia, o agronegócio e a Ferrovia Grande Carajás da Vale S.A, no Maranhão.

Luciana Melo, mulher arte, educadora popular que traz a mística nos pequenos e grandes atos, usa a poesia para aplacar a dor e mover a luta. Educadora do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Teto e do Movimento pela Soberania Nacional na Mineração, atua junto a comunidades atingidas pela mineração no estado do Pará.

Marcelle Felipe, mulher periférica, artesã, educadora popular, lutadora socioambiental, mobilizadora da juventude e militante da agroecologia, faz parte do Coletivo Verdejar Socioambiental, da Rede Carioca de Agricultura Urbana e da Articulação Estadual de Agroecologia do Rio de Janeiro.

Sandra Vita, mulher de fé em Deus, nas pessoas e nas transformações. Lutadora e mobilizadora, criadora de vida, defensora da terra e território em Morro D'Água Quente, Catas Altas – Minas Gerais, uma dentre as dezenas de regiões afetadas pela mineração a céu aberto da Vale SA. Faz parte do Movimento pela Soberania Nacional na Mineração (MAM).

Dayane Amador, mujer quilombola de la Isla de Marajó, en Pará.

Conocida por su sonrisa amplia y abierta, su energía de lucha y vida.

Una referencia en su territorio, especialmente para los jóvenes, con los que construye diálogos y luchas, ampliando conocimientos y prácticas de sanación.

Francisca Fernández, mujer potencia, feminista y luchadora por las aguas y territorios en Chile.

Pancha, como conocida por sus compañeras de lucha, forma parte del Movimiento por el Agua y los Territorios y de la Coordinadora Feminista 8M, en Chile.

Larissa Santos, mujer afecto, comunicadora popular y coordinadora de la organización Justicia nos Trilhos. Larissa lee el mundo y actúa de una manera profundamente comprometida y afectuosa. Su práctica se desarrolla en comunidades y pueblos afectados por la siderurgia, la agroindustria y el Ferrocarril Grande Carajás de Vale SA, en Maranhão.

Luciana Melo, mujer arte, educadora popular que aporta la mística en pequeños y grandes actos, utiliza la poesía para calmar el dolor y mover la lucha. Educadora del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Hogar y del Movimiento por la Soberanía Nacional en Minería,

trabaja con comunidades afectadas por la minería en el estado de Pará.

Marcelle Felipe, mujer periférica, artesana, educadora popular, luchadora socioambiental, movilizadora juvenil y activista agroecológica, es parte del Colectivo Verdejar Socioambiental, Red de Agricultura Urbana de Río de Janeiro y Articulación Estatal de Agroecología de Río de Janeiro.

Sandra Vita, mujer de fe en Dios, en las personas y en las transformaciones. Luchadora y movilizadora, creadora de vida, defensora de la tierra y territorio en Morro D'Água Quente, Catas Altas - Minas Gerais, una de las decenas de regiones afectadas por la minería a cielo abierto de Vale SA. Forma parte del Movimiento por la Soberanía Nacional en la Minería (MAM).

Saney de Souza, mujer negra, poeta, investigadora activista, movilizadora territorial y miembro del colectivo As Caboclas, del Colectivo Popular de Mujeres de la Zona Oeste y de la Red de Agricultura Urbana de Río de Janeiro. Resiste a la especulación inmobiliaria, al extractivismo ilegal y a la militarización de la vida, en la zona oeste de la ciudad de Río de Janeiro.

Teresa Boedo, mujer gallega y latinoamericana, feminista y defensora de la tierra, el territorio y los derechos humanos en Guatemala. Tra

Saney de Souza, mulher negra, poetisa, pesquisadora militante, mobilizadora territorial e integrante da coletiva As Caboclas, da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste e da Rede Carioca de Agricultura Urbana. Resiste à especulação imobiliária, ao extrativismo ilegal e à militarização da vida, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Teresa Boedo, mulher galega e latinoamericana, feminista e defensora da terra, território e dos direitos humanos na Guatemala. Atua com diversas coletivas de mulheres defensoras na luta pelo direito à vida sana. Acredita que a luta se dá, também, pelo caminho do cuidado integral, autocuidado e da sanção.

Vera Domingos, mulher negra, feminista, agricultora, escritora e poetisa, mobilizadora das mulheres, da luta e do prazer no território de Cabo de Santo Agostinho. Atingida pelo Complexo Industrial e Portuário de Suape e presidenta da Associação Agricultores de Cabo de Santo Agostinho e parte do Fórum Suape em Pernambuco.

Zica Pires, mulher negra, ser natureza, pensadora e construtora do bem viver e da crítica ao modelo de des-envolvimento capitalista, racista e patriarcal. Quilombola de Santa

Rosa dos Pretos, território atingido pela Ferrovia da Vale S.A no Maranhão.

Aproveitamos para, por fim, celebrar aqui a arte e sensibilidade de **Camila Schindler**, uma bruxa, que traduz em imagem muito do que buscamos dizer.

Algumas falas, no nosso caminho, se repetem, assim como algumas reflexões e debates. A repetição por um lado se dá porque a escrita em si se deu individualmente, e os trechos foram dispositivos para debates diversos, por outro é uma intencionalidade política e formativa. Há coisas que precisam ser ditas e reafirmadas. Esse material é, portanto, uma composição de *escritinhos*, não porque eles sejam pequenos em profundidade, mas porque surgiram com a intenção de serem simples e curtos. De falar muito em poucas palavras. Trazer debates, afetos e denúncias que compõem os feminismos e as lutas por corpos e territórios frente aos megaprojetos.

Aproximem-se das mulheres e suas histórias, como nos abeiramos do rio ou do mar. Algumas delas também são autoras de poesias e narrativas. Foram aqui apresentadas por nós do Instituto Pacs, mas surgem também no fim da publicação, com

baja con varios colectivos de mujeres defensoras en la lucha por el derecho a una vida sana. Considera que la lucha también se da por el camino de la atención integral, el autocuidado y la sanación.

Vera Domingos, mujer negra, feminista, agricultora, escritora y poeta, movilizadora de mujeres, lucha y del placer en el territorio del Cabo de Santo Agostinho. Afectada por el Complejo Industrial y Portuario de Suape y presidente de la Asociación de Agricultores del Cabo de Santo Agostinho y parte del Foro Suape, en Pernambuco.

Zica Pires, mujer negra, ser naturaleza, pensadora y constructora del buen vivir y de la crítica al modelo de desarrollo capitalista, racista y patriarcal. Quilombola de Santa Rosa dos Pretos, territorio alcanzado por el Ferrocarril Vale S.A en Maranhão.

Finalmente, aprovechamos para celebrar aquí el arte y la sensibilidad de Camila Schindler, una bruja, que traduce en imagen mucho de lo que estamos tratando de decir.

Se repiten algunas líneas, en nuestro camino, así como algunas reflexiones y debates. La repetición, por un lado, se debe a que la escritura en sí se realizó de manera individual, y los extractos fueron dispositivos

para varios debates, por otro lado, es una intención política y formativa. Hay cosas que hay que decir y reafirmar. Este material es, por tanto, una composición de escritos cortos, no porque sean pequeños en profundidad, sino porque fueron creados con la intención de ser sencillos y breves. Decir mucho en pocas palabras. Traer debates, afectos y denuncias que configuran los feminismos y las luchas por cuerpos y territorios frente a los megaproyectos.

Acércate a las mujeres y sus historias, como cuando nos acercamos al río o al mar. Algunas de ellas también son autoras de poesía y narrativas. Aquí las presentamos nosotras desde el Instituto Pacs, pero también aparecen al final de la publicación, con sus propias presentaciones. Todas las entrevistadas fueron invitadas a construir esta composición junto con nosotras. Así, algunas están aquí en ambos sentidos, citadas y autoras, y, junto a nuestras múltiples creaciones, se inventó “Tramas de Lucha”⁵.

Esperamos que la lectura sea también un acto político y pedagógico de escucha profunda. Y que pueda transformar a quien se sumerja en nuestras tramas. Una experiencia fruto de las múltiples voces que aquí resuenan y de las narrativas de Vera, Ana, Wanessa, Aline, Karol, Marina, Belle, Pancha, Nalu, Yasmin, Lorena, Cris, Larissa y Saney.

suas próprias apresentações. Todas as entrevistadas foram convidadas para construir essa composição junto conosco. Assim, algumas estão aqui das duas formas, citadas e autoras, e, junto a nossas múltiplas criações, o “Teias de Luta” foi sendo inventado⁵.

Esperamos que a leitura seja também um ato político e pedagógico de escuta profunda. E possa transformar quem se embrenhar em nossas teias. Uma experiência fruto das múltiplas vozes que aqui ecoam e das narrativas de Vera, Ana, Wanessa, Aline, Karol, Marina, Belle, Pancha, Nalu, Yasmin, Lorena, Cris, Larissa e Saney.

⁵ Todas entrevistas tiveram o uso autorizado pelas mulheres e encontram-se disponíveis em versão editada em “Diálogos da terra e das águas: Entrevistas da campanha Mulheres Territórios de Luta”. Além das entrevistas, também há trechos de falas do Ciclo de Debates Mulheres Território de Lutas. Entrevistas, ciclos e outros materiais, estão disponíveis no site da Campanha #MulheresTerritóriosdeLuta.

Todas las entrevistas fueron autorizadas para su uso por las mujeres y están disponibles en una versión editada en “Diálogos de tierra y agua: Entrevistas de la campaña Mujeres Territorios de Lucha”. Además de las entrevistas, también hay extractos de discursos del Ciclo de Debates del Territorio de Luchas de Mujeres. Las entrevistas, los ciclos y otros materiales están disponibles en el sitio web de la Campaña #MujeresTerritoriosdeLucha.



O QUE É LUTA?

¿QUÉ ES LUCHA?

Isabelle Rodrigues

Seja na beira do rio, com os pés na terra e as mãos nas ervas, no plantar em quintais da cidade, na educação popular, na arte; seja no topo da favela, na cozinha, nas ruas, em atos políticos e manifestações, ou em conversas e trocas no portão de casa, a luta é movimento. É se inquietar com aqueles que tiram o silêncio da floresta, devastam os nossos territórios-casa e nos arrancam as nossas formas de vida. É fazer sobreviver a cultura favelada em meio aos becos e vielas, invadidos pelos tanques e viaturas. É disputar narrativas no espaço digital. É não aceitar os que chegam ao poder pisando em nossos corpos. Lutar é levantar todo dia em uma realidade que quer te fazer cair.

Quando falamos de luta, falamos da força dos territórios. É quando Altamira, no Pará, e o Quilombo de Mercez, em Pernambuco, se encontram nas suas ancestralidades e práticas tradicionais de resistência. É quando Catas Altas, em Minas Gerais, dá as mãos para o Quilombo Santa Rosa dos Pretos, no Maranhão, pelo fim do mesmo projeto de extermínio que os adoce. É quando Santa Cruz e Piquiá de Baixo não aguentam mais respirar o mesmo pó. É perceber

Sea a la orilla del río, con los pies en la tierra y las manos en las hierbas, sembrando en los patios de la ciudad, en la educación popular, en el arte; ya sea en el alto de la favela, en la cocina, en las calles, en actos políticos y manifestaciones, o en conversaciones e intercambios en la puerta de la casa, la lucha es movimiento. Es preocuparse por aquellos que sacan el silencio del bosque, devastan nuestras casas-territorios y desarraigan nuestras formas de vida. Es hacer que la cultura de las favelas sobreviva en medio de las pasajes y callejones, invadidos por tanques y patrullas. Es disputar narrativas en el espacio digital. Es no aceptar a quienes llegan al poder pisándonos el cuerpo. Luchar es levantarse todos los días en una realidad que quiere hacerte caer.

Quando hablamos de lucha, hablamos de la fuerza de los territorios. Es cuando Altamira, en Pará, y Quilombo de Mercez, en Pernambuco, se encuentran en sus ancestralidades y prácticas tradicionales de resistencia. Es cuando Catas Altas, en Minas Gerais, se

que o barulho dos tanques de guerra da militarização da vida no Complexo da Penha ecoa também por outros cantos da nossa América Latina e Caribe. É olhar na mesma direção que os nossos irmãos e irmãs latino-americanas, na defesa dos direitos humanos e ambientais.

Mas como encontrar respiro enquanto existe um projeto de poder construído para lucrar com a nossa dor? É possível acreditar em mudança enquanto nos tiram o nosso chão? Desde sempre não nos foi dada outra alternativa senão lutar. “A luta é necessária, mas nós não a queremos”, disse Ana Laíde, do Movimento Xingu Vivo, no Pará. Mais que uma escolha, a luta chega cedo, para muitos e muitas, como a única opção de sobrevivência e construção de vida.

Na lógica capitalista, racista e patriarcal dos megaprojetos ditos de desenvolvimento, são as mulheres quem pagam o mais alto preço dos impactos em seu cotidiano. São as que cuidam da casa e realizam um trabalho doméstico invisibilizado pela sociedade, as que passam noites sem dormir por conta da preocupação com os filhos, as que, muitas vezes, precisam garantir sozinhas a renda familiar, as que mais adoecem e as que não encontram tempo para cuidarem de si, física e mentalmente, em meio a essa realidade de tantas faces estruturais. E é delas que vem o maior exemplo de força.

une al Quilombo Santa Rosa dos Pretos, en Maranhão, para el fin del mismo proyecto de exterminio que los enferma. Es cuando Santa Cruz y Piquiá de Baixo ya no soportan respirar el mismo polvo. Es darse cuenta de que el ruido de los tanques de la militarización de la vida en Complexo da Penha también resuena en otros rincones de nuestra América Latina y el Caribe. Es mirar en la misma dirección que nuestros hermanos y hermanas latinoamericanos, en defensa de los derechos humanos y ambientales.

Pero ¿cómo podemos encontrar aire mientras hay un proyecto de poder construido para sacar provecho de nuestro dolor? ¿Es posible creer en el cambio mientras nos quitan el suelo? Desde siempre no se nos han dado otra opción que luchar. “La lucha es necesaria, pero no la queremos”, dijo Ana Laíde, del Movimiento Xingu Vivo, en Pará. Más que una elección, la lucha llega temprano, para muchos, como la única opción para sobrevivir y construir la vida.

En la lógica capitalista, racista y patriarcal de los megaproyectos, dichos desarrollo, son las mujeres las que pagan el precio más alto por los impactos en su vida diaria. Ellas son las que cuidan la casa y hacen las tareas del hogar invisibles para la sociedad, las que quedan noches de insomnio por se preocuparen

por sus hijos, las que muchas veces necesitan garantizar solas el ingreso familiar, las que más se enferman y las que no encuentran tiempo para cuidarse, física y mentalmente, en medio de esta realidad de tantos rostros estructurales. Y es de ellas de donde proviene el mayor ejemplo de fuerza.

Las mujeres son el aliento que da sentido a la lucha por la vida en un escenario de ideologías y prácticas de muerte. Cuando ponen sus cuerpos, violados y enfermos, en primera línea como trincheras de lucha, se reconocen y afirman en la defensa de sí mismas, de sus hijos, de sus hogares y de sus territorios. Crean en el cambio incluso cuando el día a día es doloroso y se donan por completo para la tierra, la naturaleza, las comunidades y sus derechos de ir y venir. Son una fortaleza cuando no hay otra opción.

“Las mujeres son como árboles: “No arrancas un árbol de raíz y sobrevive en otro lugar. Él va languideciendo, no consigue vivir de la misma manera que antes, con sus modos de vida, con sus medios de supervivencia.” (Vera Domingos)

Luchar es moverse como mecanismo de sanación cuando solo hay dolor. Cuando los procesos parecen estancados, las violaciones son recurrentes, las denuncias se silencian y las soluciones parecen escaparse por las

As mulheres são o respiro que dão o sentido para lutar pela vida em um cenário de ideologias e práticas de morte. Quando colocam seus corpos, violentados e adoecidos, em linha de frente como trincheiras de luta, elas se reconhecem e se afirmam na defesa de si, de seus filhos, suas casas e seus territórios. Acreditam na mudança mesmo quando o dia a dia é de dor e se doam por inteiro pela terra, pela natureza, pelas comunidades e pelos seus direitos de irem e virem. São fortaleza quando não há outra escolha.

“As mulheres são como árvores: “Você não arranca uma árvore pela raiz e ela sobrevive em outra localidade. Ela vai definhando, não consegue viver da forma que vivia antes, com os seus modos de vida, com seus meios de sobrevivência.” (Vera Domingos)

Lutar é se movimentar como mecanismo de cura quando só existe a dor. Quando os processos parecem estagnados, as violações são recorrentes, as denúncias são silenciadas e as soluções parecem escapar pelas mãos, a luta vem como um sopro de esperança para mudar uma realidade. É o criar em meio à destruição.

Seja em espaços institucionais na busca incessante por justiça e reparação, ou nas ruas, através de cartazes, lambes, gritos e punhos cerrados. Seja na disputa pela sua versão de uma história em meio ao turbilhão de informações do universo digital ou nas trocas de olhares, ao mos-

trar um novo caminho para um jovem que cresceu vivenciando as dores do seu entorno. Lutar é se rebelar contra a estrutura e não aceitar que as mesas de poder continuem tendo gênero, classe e cor, mas também é contar pra uma criança a história dos seus ancestrais que não foi ensinada na escola. É a potência que se faz presente quando mulheres se formam juntas.

“O poder da ancestralidade é político e integra a construção de um novo mundo que desejamos habitar. Para ampliar essa perspectiva, precisamos de uma educação descolonizadora. Reconhecer nossas rotas, nossas migrações, territórios. Uma educação emancipadora.” (Francisca Fernández)

Uma das mulheres que escutamos nos disse sobre lutar com alegria, com leveza, com fé. Enxergar na arte uma possibilidade de potencializar encontros, formações e construções políticas. “*A movimentação do corpo para a mente não explodir e sucumbir*”, disse Luciana Melo, afirmando que a luta é mais que enfrentamento, conflito, embate, ou do que mais se pode chamar esse lugar dolorido de reação aos ataques. É também parar, ouvir, silenciar, falar, se olhar, se abraçar, sentir, criar e tocar. É resgatar e repassar heranças de memórias para as próximas gerações. Pedir licença aos mais velhos e alimentar os saberes dos mais novos. Lutar é nunca parar de se indignar. “*As nossas*

manos, la lucha llega como un soplo de esperanza para cambiar una realidad. Es crear en medio de la destrucción.

Sea en espacios institucionales en la incansable búsqueda de justicia y reparación, o en las calles, a través de carteles, lambes, gritos y puños. Sea en la disputa por su versión de una historia en medio del torbellino de información en el universo digital o en el intercambio de miradas, mostrando un nuevo camino para un joven que creció experimentando el dolor de su entorno. Luchar es rebelarse contra la estructura y no aceptar que las tablas del poder sigan teniendo género, clase y color, pero también es contarle a un niño la historia de sus ancestros que no se le enseñó en la escuela. Es la potencia que se hace presente cuando las mujeres se forman juntas.

“El poder de la ancestralidad es político e integra la construcción de un nuevo mundo que deseamos habitar. Para ampliar esta perspectiva, necesitamos descolonizar la educación. Reconocer nuestras rutas, nuestras migraciones, territorios. Una educación emancipadora.” (Francisca Fernández)

Una de las mujeres que escuchamos nos dijo sobre luchar con alegría, con levedad, con fe. Ver en el arte la posibilidad de potenciar encuentros, formaciones y construcciones políticas. “Mover el cuerpo para que la mente no explote y sucumba”, dijo Luciana Melo, educadora popular del MST y del MAM, al afirmar que la lucha es más que confrontación, conflicto, enfrentamiento, o como se puede llamar este doloroso lugar de reacción a los ataques. También es detenerse,

escuchar, silenciar, hablar, mirarnos, abrazar, sentir, crear y tocar. Es rescatar y traspasar herencias de memorias a las próximas generaciones. Pedir permiso a los mayores y alimentar los saberes de los más jóvenes. Luchar es no dejar nunca de indignarse. “Nuestros recuerdos son nuestra riqueza, nuestra herencia. Yo vengo de una continuidad, yo vengo de varias historias.” (Saney Souza)

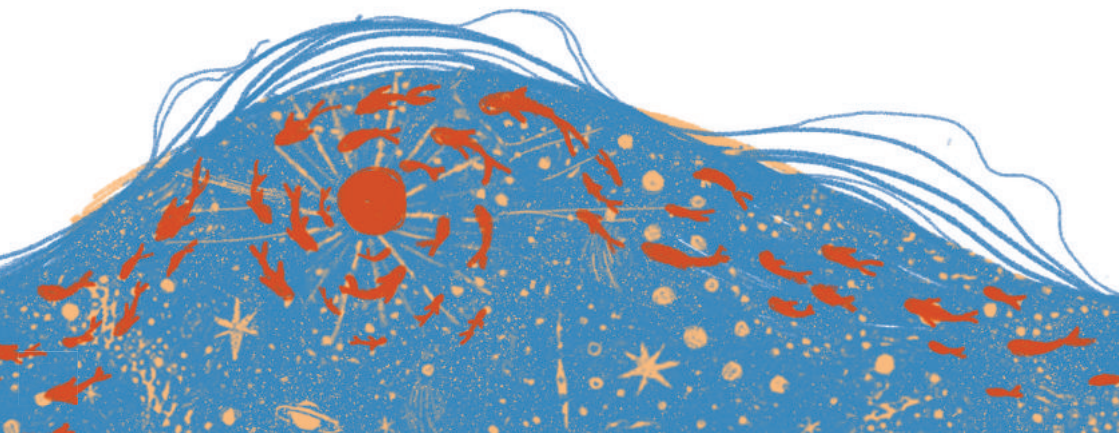
Si el mal y la injusticia enferman, la lucha es la perspectiva. Es oxígeno en medio del polvo y el humo, es el silencio de antes de las máquinas, es poner los pies en la tierra, en las orillas del río, meter las manos en el agua y conectar con la naturaleza. Es ver esperanza entre los árboles y sentir la libertad del bosque. Es crear arte a través de voces, sonidos, cuerpos, formas y sueños que se niegan a ser destruidos. Es no aceptar ser una estadística más. Es afirmar y preservar la identidad como ser y territorio, saber de dónde viene y sacar de allí sabiduría para construir los caminos que están por venir.

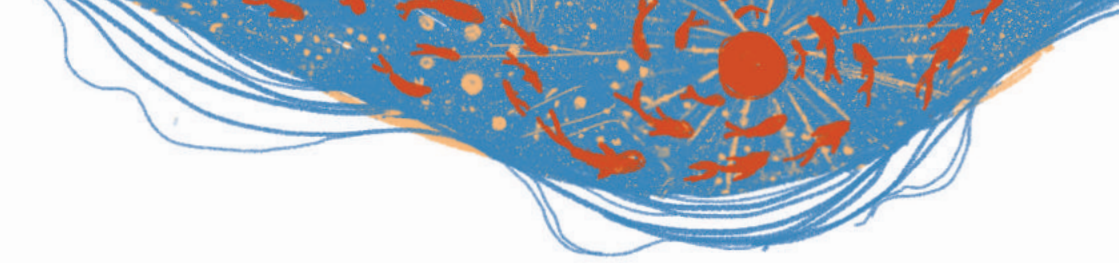
Está al lado de marisqueiras, pescadores, recolectores, comunidades tradicionales ribereñas, indígenas y quilombolas; favelas, periferias, agricultores; jóvenes, niños, ancianos; grupos, movimientos y colectivos en resistencia a la realización de megaproyectos de desarrollo que queremos combatir. A través de la fuerza de los bosques, los alientos en la ciudad, las aguas de los ríos, la fe en los encantados, los movimientos del cuerpo y las voces que nunca aceptarán ser silenciadas. Nuestra lucha es al lado de las mujeres y los territorios, es el oxígeno para la construcción de nuevas realidades.

memórias são as nossas riquezas, o nosso patrimônio. Eu vim de uma continuidade, eu vim de várias histórias” (Saney Souza).

Se a maldade e a injustiça adoecem, a luta é perspectiva. É o oxigênio em meio ao pó e à fumaça, é o silêncio de antes das máquinas, é fincar os pés no chão, às margens do rio, pôr as mãos nas águas e se conectar com a natureza. É enxergar esperança entre as árvores e sentir a liberdade da floresta. É criar arte através das vozes, sons, corpos, formas e sonhos que se recusam a ser destruídos. É não aceitar ser só mais uma estatística. É afirmar e preservar a identidade enquanto ser e território, saber de onde veio e tirar de lá a sabedoria para construir os caminhos que ainda estão por vir.

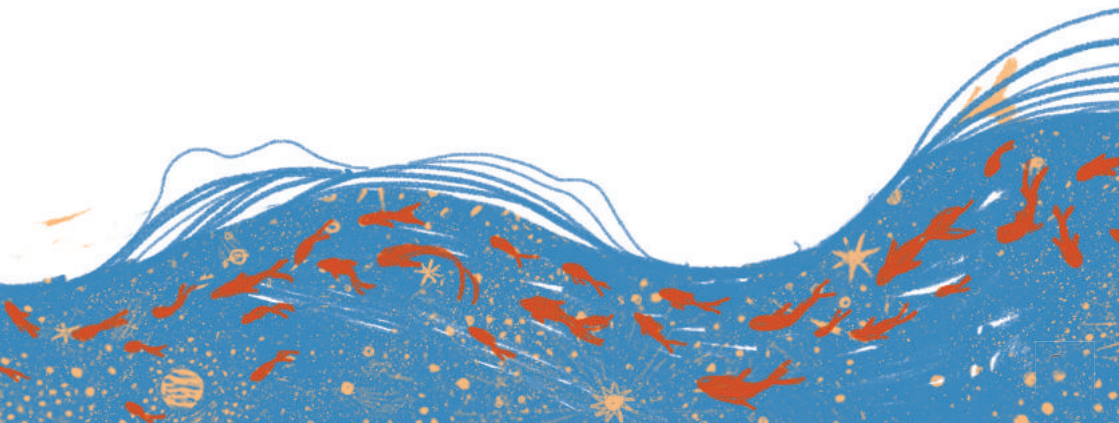
É ao lado de marisqueiras, pescadores, catadores, comunidades tradicionais ribeirinhas, indígenas e quilombolas; favelas, periferias, agricultores; jovens, crianças, idosos; grupos, movimentos e coletivos em resistência à atuação de megaprojetos de desenvolvimento que queremos lutar. Através da força das florestas, dos respiros na cidade, das águas dos rios, da fé nos encantados, dos movimentos do corpo e das vozes que jamais aceitarão ser silenciadas. A nossa luta é ao lado das mulheres e dos territórios, é o oxigênio para a construção de novas realidades.





MULHERES

MUJERES





SER E ME RECONHECER MULHER ENTRE MULHERES

SER Y RECONOCERME MUJER ENTRE LAS MUJERES

Ana Paula Santos

Quando os meus pezinhos mal davam seus passos sozinhos, minha mãe Rosângela – filha de Guaraciaba, neta de Mariana e Maura – saía do morro do Puri, na Baixada Fluminense, espaço que abrigou tanto ela quanto seus irmãos, que vieram fugidos do Morro da Providência. Mas essa é outra história. Quero falar do esforço de minha mãe para me levar até o mar, onde ela me entregou à Iemanjá, para que junto à Oxum, me conduzissem até meus guias espirituais, com a mesma potência das águas. Só no futuro, entendi de fato a importância do seu pedido. Pois é, a vida pra nós mulheres pretas, mães-solo, faveladas, suburbanas, periféricas, do campo, da lida, das resistências não tem nada de fácil, temos grandes inimigos, que se chamam racismo, patriarcado, capitalismo, abrindo a ala das violências simbólicas e não-simbólicas que o nosso corpo-território vem sofrendo há gerações. Precisamos continuar, mesmo quando não temos força. E é a presença dessa diversidade de mulheres, como minhas avós e toda preta velha que me adotou, herdeiras, mestras,

Quando mis piecitos apenas caminaban solos, mi madre Rosângela – hija de Guaraciaba, nieta de Mariana y Maura – salía del cerro de Puri, en la Baixada Fluminense, un espacio que la albergó tanto a ella como a sus hermanos, que habían huido del cerro da Providência. Pero esa es otra historia. Quiero hablar del esfuerzo de mi madre por llevarme al mar, donde me entregó a Yemayá, para que junto a Oxum, me condujeran hasta mis guías espirituales, con la misma potencia de las aguas. Solo en el futuro comprendí de hecho la importancia de su pedido. Bueno, la vida para nosotras mujeres negras, madres solas, faveladas, suburbanas, periféricas, rurales, luchadoras, de las resistencias, no es nada fácil, tenemos grandes enemigos que se llaman racismo, patriarcado, capitalismo, abriendo el ala de las violencias simbólicas y no simbólicas que nuestro cuerpo-territorio viene sufriendo desde hace generaciones. Necesitamos continuar, aunque no tengamos fuerza. Y es la presencia de esta diversidad de mujeres, como mis abuelas y todas las mayores (vie-

madrinhas, todas que vieram antes de mim, meus orixás que não me deixam esquecer o que vim fazer nessa terra.

Em cada passagem, esse aprendizado vai se validando. Na feira montada na porta de casa, na cozinha da experimentação onde poucos itens eram transformados em farturas, no jeito de comunicar, no quintal com galinhas e colheitas de manga, cacau, coco, goiaba, abiu, ervas, nas atividades mais singelas que só tempo depois foram reconhecidas como fundamentais em qualquer processo da vida. Os quintais e cozinhas eram espaços de partilha, de ensinar a ler, das simpatias e xaropes de cura, das rezas e orações, do óleo ungido, do jogo de búzios, da vendinha e de todas as crenças e memórias que as acompanhavam - Netinha, Didi, Maria, Idê, Rita, Lourdes, Alba - tanta diversidade entre elas. “Paulinha vá em Didi buscar tirmicina para sua irmã”, “Essa menina tá com quebrante, traga ela pra rezar”. Essas memórias me acompanham e me reconectam com o futuro e o passado.

Lembro quando estive a convite do Instituto Pacs em Recife para o “1º Encontro de Agricultura Urbana” promovido pela Casa da Mulher do Nordeste, lá dentre tantas experiências, a comida e o ato de se alimentar juntas era sempre um ápice nos intercâmbios. Ali chegavam lembranças, memórias, dores, des-

jas) negras que me adoptaron, herederas, maestras, madrinhas, todas las que vinieron antes que yo, mis orishas que no me dejan olvidar lo que vine a hacer en esta tierra

En cada pasaje, este aprendizaje se valida. En la feria callejera, en la cocina de experimentación donde pocos elementos se transformaron en abundantes, en la forma de comunicar, en el patio con las gallinas y cultivos de mango, cacao, coco, guayaba, abiu, hierbas, en las actividades más sencillas que solo tiempo después fueron reconocidas como fundamentales en cualquier proceso de la vida.

Los patios y las cocinas eran espacios para compartir, para enseñar a leer, de las simpatías y jarabes curativos, de ruego y oraciones, del aceite ungido, de la tiendita, y de todas las creencias y recuerdos que las acompañaban - Netinha, Didi, Maria, Idê, Rita, Lourdes, Alba - tanta diversidad entre ellas. “Paulinha ve a Didi a buscar tirmicina para tu hermana”, “Esta chica está mal, tráela a rezar”. Esos recuerdos me acompañan y me reconectan con el futuro y el pasado.

Me acuerdo cuando fui invitada por el Instituto Pacs en Recife para el “1º Encuentro de Agricultura Urbana” promovido por Casa de la Mujer del Nordeste, allá entre tantas experiencias, la comida y el acto de alimentarse juntas siempre fue el punto culminante en los intercambios.

¡Allí llegaban recuerdos, memorias, dolores, descubrimientos, momentos únicos al sentarse y no servir! Solo en esos momentos reconozco mi derecho, sin culpas. Pero fue en una de estas conversaciones durante el almuerzo, en la que la compañera habló con aquel acento pernambucano cargado: “El domingo es día de macarrones con pollo” Allí brotaron las lágrimas y el pecho se apretó de cariño y anhelo: cuán importantes fueron todos los esfuerzos que hizo mi abuela para mantener viva su cultura a través del alimento, de los téis, de su fuerza.

De estos valores arraigados de fuerza, también conlleva el acto de cuidar. Que hace poco descubrí que no es instintivo, uno de los puntos de debate en el encuentro de Ciclos Femeninos, que abordó el uso de hierbas y el autocuidado durante la pandemia, organizado por el Instituto Pacs, y que tuvo como educadora a la maestra, comadróna y agrônoma Renata Souto, del GT Mujeres de la AARJ¹.

¿Pero si no es instintivo, por qué lo hacemos? Es como si fuera un manto que toda niña negra ya necesitara ponerse. Mi recuerdo de niña es trabajando, ayudándole a mamá Rô o jugando a ser maestra con mis hermanas. Aún de niña sentaba en una encimera de mármore a

cobertas, momentos únicos ao se sentar e não servir! Só nesses momentos reconheço meu direito, sem culpa. Mas foi numa conversa durante o almoço, em que a companheira falou com aquele sotaque pernambucano carregado: “domingo é dia de macarrão com galinha”. Ali as lágrimas escorreram e o peito apertou de afeto e saudade: como foram importantes todos os esforços que minha avó fez para manter viva sua cultura através do alimento, dos chás, da sua força.

Desses valores arraigados de fortaleza, também carrego o ato de cuidar. Que só há pouco, descobri que não é instintivo, num dos pontos de debate no encontro sobre Ciclos Femininos, que tratou dos usos de ervas e autocuidado durante a pandemia, organizado pelo Instituto Pacs, e que teve como educadora a mestra, doula e agrônoma Renata Souto, do GT Mulheres da AARJ¹.

Mas se não é instintivo porque tornamos que seja? É como se fosse uma capa que toda criança menina-preta já precisasse colocar. A minha lembrança de criança é trabalhando, ajudando mãe Rô ou brincando de ser professora com minhas irmãs. Ainda mais nova ficava sentada sobre uma bancada de mármore secando a louça, as mãos tão pequenas precisavam do suporte da própria bancada pra conse-

¹ Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro. Grupo de Trabajo de Mujeres de la Articulación de Agroecología de Río de Janeiro.

guir virar os pratos. Um pouco mais velha, aos nove anos de idade, inclui no escopo do cuidado o ato de educar, ensinar as palavras, a magia de ler, pois via ali autonomia construída junto à minha tia Ziza.

Ali já era uma mulher feminista, mesmo sem identificar. Afinal, o feminismo que passava na TV era diferente, as mulheres eram brancas. Mal sabia, que ali estávamos construindo alternativas de autogestão e independência das mulheres daquela casa, fortalecendo, sem saber, o feminismo negro insurgente, que muitas ancestrais lutaram para conseguir o espaço de nossa raça, mulher preta que não é a base da pirâmide, mas, como diz Rosa Luxemburgo, movimentam as estruturas. Em momentos permissivos de apenas poder sonhar, construía um futuro que era possível e me permitia viajar. A cozinha estava presente no dia a dia, naquele espaço minha mãe era doutora: *“Cozinhava os melhores pratos, mas sempre ficava de lado”*. Nunca reconhecida por todo banquete, ali era só a faxineira ou auxiliar. Fruto de um racismo que só começa a fazer sentido, vivendo com ela a dor da exclusão.

A história se repete, a mulher vai se acabando e o dinheiro sempre faltando, engolido pelo consumo induzido nas novelas. E a “madame”, por mais bacana que fosse, sempre ocupava um lugar de vantagem e poder. E ainda, naquela fase

secar los platos, mis manos tan pequeñas necesitaban del apoyo de la propia encimera para voltear los platos. Un poco más tarde, a los nueve años, incluí en el ámbito del cuidado el acto de educar, enseñar las palabras, la magia de la lectura, porque vi la autonomía construida allí con mi tía Ziza.

Ya era una mujer feminista, aunque no supiera. Después de todo, el feminismo en la televisión era diferente, las mujeres eran blancas. Poco sabíamos que estábamos construyendo alternativas de autogestión e independencia para las mujeres de aquella casa, fortaleciendo sin saberlo el feminismo negro insurgente que muchas ancestras lucharon para hacerse con el espacio de nuestra raza, mujer negra que no es la base de la pirámide, pero, como dice Rosa Luxemburgo, mueve las estructuras. En momentos permisivos en los que solo podría soñar, construí un futuro que era posible y me permitió viajar. La cocina estaba presente a diario, en ese espacio mi madre era doctora: “Cocinaba los mejores platos, pero siempre quedaba de lado”. Nunca reconocida por todos los banquetes, solo estaba allí para la limpieza o asistencia. Fruto de un racismo que solo empieza a tener sentido, viviendo con ella el dolor de la exclusión.

La historia se repite, la mujer se acaba y siempre falta el dinero, tragado por el consumo

inducido en las telenovelas. Y la “señora”, por más genial que fuera, siempre ocupaba un lugar de ventaja y poder. Y, sin embargo, en esa etapa de la vida, necesitaba asumir la responsabilidad de seguir la crianza de sus crías. Pues dime, ¿qué apoyo una tiene con los hijos, aún más cuándo queda viuda o incluso decide hacerse cargo de su casa? ¿Quién cuida de quién nos cuida? Escuché por primera vez esa frase en GT Mujeres de AARJ, ¡guao! ¿Cómo tuvo sentido a lo largo de mi vida y cómo nunca fue cuestionado?

*“Cuida de la señora,
cuido a sus hijos,
¿Y quién me cuida?
Lavo, plancho, aspiro, rehago,
Sube, baja, limpia, plancha,
Seca, seca, . . .”*

da vida, precisava assumir a responsabilidade de continuar criando suas crias. Pois me diz qual apoio com os filhos uma mulher que fica viúva, ou mesmo decide assumir sua casa, tem? Quem cuida de quem cuida? Ouvi pela primeira vez essa frase no GT Mulheres da AARJ, nossa! Como fez sentido em toda minha trajetória de vida e como nunca foi questionado?

“Cuida da madame,
cuido dos seus filhos,
E quem cuida de mim?
Lavo, passo, aspiro, refaço
Sobe, desce, limpa, passa
Seca, seca...”





MULHER É O QUE ELA QUER SER!

¡MUJER ES LO QUE QUIERE SER!

Karoline Kina

Resistência. Luta. Força. Sobrecarga. Cuidado. Desvalorização. Violação. Insegurança. Pressão. Ser mulher e viver dentro de um sistema social e político construído, historicamente, com base no patriarcado e no machismo é como “matar um leão por dia”. É precisar se reinventar e se fortalecer diariamente, por si mesma e por todas as outras.

Tem uma fala de Vera Lúcia Domingos, da Associação dos Agricultores de Cabo de Santo Agostinho (PE), em que ela diz que “*ser mulher é muito mais do que ser dona de casa, ser mãe e ser a esposa. A mulher tem seus direitos, ela tem a sua busca constante pela sua identificação. Mulher é o que ela quer ser. É para ela estar onde ela quer estar*”. E é isso que temos buscado, a liberdade e o direito de vivermos do jeito que queremos e merecemos. Provoco aqui uma reflexão, de como a minha rotina e a sua, enquanto mulheres, sofreram interferências e continuam sendo transformadas diariamente, porque vivemos constantemente sob o medo de sermos violadas,

Resistencia. Lucha. Fuerza. Sobrecarga. Cuidado. Devaluación. Violación. Inseguridad. Presión. Ser mujer y vivir dentro de un sistema social y político construido, históricamente, basado en el patriarcado y el machismo es como “matar un león al día.” Necesitas reinventarte y fortalecerte a diario, para ti y para todas las demás.

Hay un discurso de Vera Lúcia Domingos, de la Asociación de Agricultores de Cabo de Santo Agostinho (PE), en la cual dice que: “ser mujer es mucho más que ser ama de casa, ser madre y ser esposa. La mujer tiene sus derechos, tiene una constante búsqueda de su identificación. La mujer es lo que quiere ser. Es para ella estar donde quiere estar.” Y eso es lo que hemos estado buscando, libertad y el derecho a vivir como queremos y merecemos.

Aquí provoco una reflexión sobre cómo mi rutina y la tuya, como mujeres, sufrieron injerencias y siguen transformándose día a día porque vivimos constantemente bajo el miedo a ser

julgadas, questionadas e silenciadas. Quantas vezes você deixou de fazer ou falar algo que queria? Quantas vezes você precisou mudar seus planos e inibir as suas vontades? Como suas condições materiais de vida têm sido determinadas por ser mulher? É nesse exercício de observação que podemos perceber, assim como uma fala de Ana Laíde Barbosa, do Movimento Xingu Vivo para Sempre, do Pará, “*como o patriarcalismo quer também nos transformar em objeto de prazer, sem nos perguntar*” . Afinal, foi para um sujeito masculino e branco que a sociedade se modelou, carregando toda uma herança que impacta nos modos de ser, falar e existir.

Diante desse contexto que destaco os avanços que temos acompanhado na nossa sociedade, mesmo que desenvolvidos de forma tão lenta, são frutos da nossa própria união e luta. São nos espaços de diálogo que nós, mulheres, nos reconhecemos e nos acolhemos. É na troca, no partilhar, no cuidar da outra e no se autocuidar. É na nossa relação com o sagrado, no nosso contato com a natureza, com a arte e o amor. É também no resgate das nossas ancestralidades, na valorização da nossa própria história e das trajetórias de todas aquelas que vieram antes de nós que encontramos a nossa força. Foi pela luta de mulheres do passado que hoje temos a nossa liberdade garantida, os nossos espaços e direito de fala. É por causa delas, de todo o legado, das bandeiras levantadas, da cora-

violadas, juzgadas, cuestionadas y silenciadas. ¿Cuántas veces has dejado de hacer o decir algo que querías hacer? ¿Cuántas veces has tenido que cambiar tus planes e inhibir tus voluntades? ¿Cómo se han determinado tus condiciones materiales de vida por ser mujer? Es en ese ejercicio de observación que podemos percibir, así como habló Ana Laíde Barbosa, del Movimiento Xingu Vivo Para Siempre, de Pará, “como el patriarcalismo quiere también transformarnos en objeto de placer, sin preguntarnos.” Después de todo, fue para un sujeto masculino y blanco que la sociedad se ha modelado, llevando toda una herencia que impacta las formas de ser, hablar y existir.

Ante este contexto que destaco los avances que hemos seguido en nuestra sociedad, aunque se desarrollen tan lentamente, son fruto de nuestra propia unión y lucha. Es en los espacios de diálogo donde nosotras nos reconocemos y nos acogemos. Es en el cambio, en el compartir, en cuidar a la otra, y en el autocuidado. Está en nuestra relación con lo sagrado, en nuestro contacto con la naturaleza, con el arte y el amor.

También es en rescatar nuestra ancestralidad, en valorar nuestra propia historia y en las trayectorias de todas las que nos precedieron que encontramos nuestra fuerza. Fue a través de la lucha de las mujeres en el pasado que hoy tenemos nuestra libertad garantizada, nuestros espacios y

el derecho a hablar. Es a causa de ellas, de todo el legado, de las banderas levantadas, del coraje, fuerza y potencia que tú y yo podemos ser las mujeres que somos hoy y muchas otras podrán ser y ocupar los espacios que quieran en el mañana.

La violencia contra las mujeres acompañó el proceso de construcción de lo que llamamos Brasil. Hace 520 años ya éramos objeto de violaciones machistas en ese país, con la invasión de territorios y dominación por parte de los colonizadores. Mujeres que fueron robadas de sus familias, que tuvieron sus orígenes, religiosidades, costumbres e identidades borradas.

Mujeres negras que fueron traídas de diferentes regiones del continente africano para ser esclavizadas, que tuvieron sus cuerpos sexualizados, tratado como mercancía barata. Mujeres indígenas que ya vivían aquí, pero cuyas rutinas fueron transformadas por el hombre blanco, interfiriendo en sus ancestralidades y en sus formas de vida. Mujeres que fueron obligadas a servir a quienes, en los libros de historia, son retratados como civilizadores y exploradores de estas tierras, pero que conocemos bien como violadores de esta tierra-cuerpo-territorio. En el Brasil colonial, las Ordenaciones Filipinas aseguraban a los maridos que fueran traicionados o sospechaban de adulterio, el derecho de matar a la esposa. La muerte, ante la

gem, força e potência que eu e você podemos ser as mulheres que somos hoje e muitas outras poderão ser e ocupar os espaços que quiserem no amanhã.

A violência contra a mulher acompanhou o processo de construção do que chamamos de Brasil. Há 520 anos, já éramos os alvos das violações sexistas nesse país, com a invasão dos territórios e dominação pelos colonizadores. Mulheres que foram roubadas de suas famílias, que tiveram suas origens, religiosidades, costumes e identidades apagadas. Mulheres negras que foram trazidas de diferentes regiões do continente africano para serem escravizadas, que tiveram seus corpos sexualizados, tratados como mercadoria barata. Mulheres indígenas que aqui já habitavam, mas que tiveram suas rotinas transformadas pelo homem branco, com interferências em suas ancestralidades e em seus modos de vida. Mulheres que foram forçadas a servir àqueles que, nos livros de história, são retratados como civilizadores e desbravadores destas terras, mas que bem conhecemos como violadores dessa terra-corpo-território.

No Brasil colonial, as Ordenações Filipinas asseguravam, aos maridos que fossem traídos ou suspeitassem do adultério, o direito de matar a esposa. A morte, perante a sociedade, reestabelecia a honra do homem traído. Na República, o

Código Civil de 1916 categorizava as mulheres casadas como “incapazes”, mulheres que só possuíam o direito de firmar contratos ou trabalhar fora de casa se fossem autorizadas pelos companheiros². Somente há 88 anos que nós, mulheres brasileiras, conquistamos o nosso direito ao voto por meio do Decreto nº 21.076, instituído no Código Eleitoral Brasileiro e na Constituição de 1934. Direito esse que a maioria dos homens brancos e enriquecidos já tinham acesso desde que o sistema eleitoral e os direitos políticos passaram a ser reconhecidos nesse país. Em 2006, a sanção da Lei Maria da Penha trouxe mais um avanço na sociedade no que diz respeito à garantia dos nossos direitos, criando mecanismos para a prevenção e coibição da violência doméstica contra nós. Sabemos que essas leis, muitas vezes, não interferem de fato nas nossas vidas, mas são importantes por marcarem tempos e simbolizarem caminhos de mudanças para que nós não nos deixemos desistir da luta. Como disse Rosa Luxemburgo³: “*Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem*”.

E é essa movimentação e o desejo pela transformação que nos move. O sagra- do que existe dentro de nós transbor- da, somos capazes de causar evolução

sociedad, restablecía el honor del traicionado. En la República, el Código Civil de 1916 categorizó a las mujeres casadas como “incapaces”, mujeres que solo poseían el derecho de firmar contratos o trabajar fuera del hogar si fueran autorizadas por sus compañeros².

Hace solo 88 años que nosotras, las mujeres brasileñas, obtuvimos nuestro derecho al voto a través del Decreto No. 21.076, instituido en el Código Electoral brasileño y la Constitución de 1934. Derecho que la mayoría de los hombres blancos y enriquecidos ya tenían acceso desde que el sistema electoral y los derechos políticos llegaron a ser reconocidos en ese país. En 2006, la sanción de la Ley Maria da Penha supuso un avance más en la sociedad en lo que respecta a la garantía de nuestros derechos, creando mecanismos de prevención y cohibición de la violencia doméstica contra nosotras. Sabemos que estas leyes muchas veces no interfieren realmente en nuestra vida, pero son importantes porque marcan tiempos y simbolizan caminos de cambio para que no nos dejemos dar por vencidas. Como dijo Rosa Luxemburgo³: “Quien no se mueve, no siente las cadenas que lo atan.”

Y es este movimiento y el deseo

² Ver: <https://www.geledes.org.br/na-epoca-brasil-colonial-lei-permitia-que-marido-assassinasse-propria-mulher/>. Acesso em: 23 de fev. de 2021.

³ Rosa Luxemburgo foi uma filósofa, economista e militante pelo comunismo, executada em 15 de janeiro de 1919 | *Rosa Luxemburgo fue una filósofa, economista y activista comunista, ejecutada el 15 de enero de 1919.*

de transformación lo que nos mueve. Lo sagrado que existe dentro de nosotros se desborda, somos capaces de provocar evolución y revolución. Como dijo Marcelle Felipe, de Verdejar Socioambiental:

“Las mujeres son las líderes que cautivan, sensibilizan y luchan por los derechos del colectivo. Por eso, el autocuidado y el autoconocimiento se están mostrando cada vez más, a medida que vemos más mujeres allí, tomando los frentes y teniendo autonomía en sus elecciones y acciones. Necesitamos a las otras compañeras. Somos una red.”

Ser mujer es ser potencia, aunque a menudo lo olvidemos. Somos receptividad, cargamos, nutrimos y generamos. Construimos y reconstruimos, por amor y dolor, por nosotras mismos, por las demás y por los nuestros. Somos fuertes y resilientes, pensamos, actuamos y luchamos con el corazón. Acogemos y abrazamos las circunstancias, las personas, los momentos y todo aquello en lo que creemos. Somos capaces de tomar las riendas de nuestro propio poder y motivar a otras mujeres que aún no lo reconocen en su interior.

e revolução. Como disse Marcelle Felipe, do Verdejar Socioambiental:

“(…)as mulheres são as lideranças que cautivam, sensibilizam e lutam pelos direitos do coletivo. Por isso, o autocuidado e o autoconhecimento vêm se mostrando cada vez mais, conforme a gente vem vendo mais a mulherada aí, tomando as frentes e tendo autonomia das suas escolhas e das suas ações. Precisamos das outras companheiras. Somos uma teia.”

Ser mulher é ser potência, apesar de muitas vezes nos esquecermos disso. Somos receptividade, carregamos, nutrimos e geramos. Construimos e reconstruimos, por amor e por dor, por nós mesmas, pelas outras e pelos nossos. Somos fortes e resistentes, pensamos, agimos e lutamos com o coração. Acolhemos e abraçamos circunstâncias, pessoas, momentos, e tudo aquilo que acreditamos. Somos capazes de tomar as rédeas do nosso próprio poder e motivar outras mulheres que ainda não o reconhecem dentro de si.





SER E SENTIR O CONTRADITÓRIO

SER Y SENTIR EL CONTRADICTORIO

Ana Luisa Queiroz

Diante do tamanho do rio, Maria se assusta. Presa em sua correnteza, tudo que pode fazer para se salvar é seguir nadando braços e pernas em direção à terra. No caminho, um tronco partido promete apoio, mas antes de alcançá-lo, ainda estará só. Vista de fora, Maria parece estar no mesmo lugar, parada entre a queda e a margem, enquanto se debate. Sente o cansaço do esforço ininterrupto, a tristeza por não ter chegado e não saber se vai chegar, e a alegria por ainda não ter se ido.

Sentir é uma coisa diferente. Na escola, aprendemos que a matéria tem três estados básicos: sólido, líquido e gasoso. Mas o corpo, ele faz outro cálculo. Nele cabem 70% água e outras tantas porcentagens de desejos, angústias, amores e possibilidades. Na conta do que são feitas as pessoas, cem não é um montante limite. Em nossas lutas, nos esbarramos constantemente com os entre-estados, os entressentires, aquilo que é sólido e

Por el tamaño del río, María queda asustada. Atascado en su arroyo, todo lo que puede hacer para salvarse es seguir nadando a brazos y piernas hacia el suelo. En el camino, un tronco roto promete apoyo, todavía antes de alcanzarlo aún estará sola. Vista desde el exterior, María parece estar en el mismo lugar, de pie entre la caída y el margen, mientras lucha. Siente el cansancio del esfuerzo ininterrumpido, la tristeza por no haber llegado y no saber si llegará y alegría por aún no haber ido.

El sentir es algo diferente. En la escuela, aprendemos que la materia tiene tres estados básicos: sólidos, líquidos y gaseosos. Pero el cuerpo, hace otro cálculo. En ello, se ajusta al 70% de agua y tantos porcentajes de deseos, angustia, amores y posibilidades. En la cuenta de lo que se hacen las personas, cien no es una cantidad límite. En nuestras luchas, constantemente nos topamos con los entre-estados y

gasoso simultaneamente, que potencia-
liza e agoniza o mesmo corpo, no mes-
mo tempo e espaço, no mesmo presente.
Lembramos da fala de Ana Santos:

“Me adoce saber que por mais que
uma companheira fale assim pra mim:
'Ai, Ana, você vive pegando as crianças
que caem na beira do rio. Será que
um dia a gente consegue subir da onde
estão jogando as crianças?’ Então esse
me sentir impune, né? Eu não con-
sigo e isso me adoce. Por mais que
eu faça, eu me sinto secando gelo,
tá entendendo?” (Ana Paula Santos)

Ana conhece a água em seus quatro es-
tados, do gelo que é sólido, ao líquido
que molha os panos usados para enxugar
os impactos gerados pelo agronegócio,
pela pedreira, pelo tráfico, pela milícia,
pela desigualdade estrutural de nosso
país manifestada também pela mercan-
tilização das cidades. Ana conhece seu
estado gasoso presente na umidade do
ar dos dias quentes do verão no Rio de
Janeiro, e seu estado ausente, ou esta-
do roubado, quando circula pela região
que era conhecida como Serra Chorona,
pela abundância de água, e que com a
sua exploração, com a pedreira, passa
ser chamada de Serra da Misericórdia.
Mas ao mesmo tempo em que o cor-
po-território de Ana se sente e pen-
sa longe da margem do rio, ele segue
em movimento. Se engana quem acha
que o impulso desse movimento é só

*el entre-sentir, lo que es sólido,
es gaseoso simultáneamente, lo
que potencia y agoniza el mismo
cuerpo, al mismo tiempo y espa-
cio, en el mismo presente.*

*Recordemos el discurso de Ana
Santos:*

*“Me enferma saber que tanto
como una compañera hable
así para mí: ‘Oh, Ana, vives
llevando a los niños que caen
en el río. ¿Sabremos un día
de dónde están jugando a los
niños? Así que con esto me
siento impune, ¿no? No pue-
do y eso se enferma. Haga lo
que haga, me siento secando
un hielo, ¿entiendes?’”*

*Ana conoce el agua en sus
cuatro estados, desde el hielo
que es sólido, al líquido que
moja los paños utilizados para
secar los impactos generados por
la agroindustria, por la cantera,
por el tráfico, por la milicia, por
la desigualdad estructural de
nuestro país manifestada tambié-
n por la mercantilización de las
ciudades. Ana conoce su estado
gaseoso presente en la humedad
del aire de los calurosos días de
verano en Río de Janeiro, y su
estado ausente, o estado robado,
cuando circula por la región
que se conocía como Serra Cho-
rona (Montaña Llorona), por
abundancia de agua, y que, con
su explotación, con la cantera,
empieza a ser llamada Serra da
Misericórdia (Montaña de la
Misericórdia).
Pero al mismo tiempo que el
cuerpo territorio de Ana se
siente y piensa lejos de la orilla*

del río, sigue en movimiento. Engaña a quién crees que el impulso de este movimiento es solo la necesidad. Como dijo Larissa Santos:

“Lo que me mueve es hacerme sentirme profundamente sentido de lo que estoy haciendo. En los diversos momentos de la vida, una crisis existencial, para preguntar qué estoy haciendo, cuál es mi propósito de la vida, viene a mí esta respuesta.” (Larissa Santos)

Las mujeres luchan por la precisión, por que hacen lo que hacen para la alegría, por el sentido de que la acción colectiva da vida, por placer. En el cuerpo territorio que siente y piensa el peso, también hay lugar para el disfrute y la celebración. Así como Ana Laíde nos aporta cómo encajan las ambigüedades, las ambivalencias dentro del cuerpo: “Y llevo (en mi cuerpo) el dolor. El sufrimiento. Las lágrimas que fluyen. Pero, también, la alegría de ver fluir la libertad, con fuerza, renacer”.

Entre la muerte y el renacimiento, tirando y rindiéndose a estos impulsos ambivalentes, que las mujeres jueguen sus luchas contra los megaproyectos. Ailton Krenak nos provoca con ideas para posponer el fin del mundo. En las conversaciones entre mujeres, hacemos visibles -jugando un poco con el título de Krenak- hechos y sentimientos para posponer el fin del

a necessidade. Como já dizia Larissa:

“O que me move é fazer com que eu sinta profundamente o sentido do que eu estou fazendo. Nos vários momentos da vida, de crise existencial, de perguntar o que eu estou fazendo, qual o meu propósito de vida, me vem essa resposta.” (Larissa Santos)

As mulheres lutam pela precisão, na mesma medida em que fazem o que fazem pela alegria, pelo sentido que a ação coletiva dá à vida, pelo prazer. No corpo-território que sente e pensa o peso, também há espaço para o gozo e para a celebração. Assim como Ana Laíde nos traz como dentro do corpo cabem as ambigüedades, as ambivalências: *“E carrego (no meu corpo) a dor. O sofrimento. As lágrimas que brotam. Mas, também, a felicidade de ver a liberdade fluindo, vigorando, renascendo”.*

Entre a morte e o renascimento, puxando e se entregando nessas pulsões ambivalentes, que as mulheres tocam suas lutas frente aos megaprojetos. Ailton Krenak nos provoca com ideias para adiar o fim do mundo. Em conversas entre mulheres, vamos visibilizando – brincando um pouco com o título de Krenak – fazeres e sentires para adiar o fim do mundo. O problema desta provocação é que ela traz angústia a essas subjetividades e corpos femininos. Historicamente, diversas sociedades, sobretudo a capitalista, têm depositado quase exclusivamente o peso do trabalho reprodutivo sobre as

mulheres. Esse trabalho invisibilizado e de valor subavaliado, é o que garante a vida humana. Estar de pé, caminhar pela cidade, pelo campo, pela mata, produzir valor através da exploração assalariada de riquezas naturais e toda e qualquer atividade desempenhada pelo corpo humano depende de um trabalho reprodutivo, que sustenta a vida do agente da ação. Assim, esse trabalho, que não é o único, feito pelas mulheres é em si o anti fim do mundo, é o nascimento e renascimento da vida.

Quando conversamos sobre os espaços de encontro, essa ambivalência, esse entressentir se apresenta outra vez. Os encontros entre mulheres promovidos por diferentes articulações e campos temáticos da luta, são espaços de grande responsabilidade, às vezes até de angústia, pelo peso de se estar representando seu território, de estar conhecendo outras experiências de violências ora tão próximas da sua própria, ora ainda mais graves do que a sua própria. Ao mesmo tempo, esse peso das durezas da vida em encontro existe junto à alegria de se estar com outras, junto ao fortalecimento da partilha, da escuta, da construção coletiva. Os encontros só se dão em suas potências, quando ambas as forças os atravessam, através dos olhares, das palavras e gestos trocados, da construção coletiva, nessas oportunidades de se estar perto de quem está longe geo-

mundo. El problema de esta provocación es que trae angustia a estas subjetividades y cuerpos femeninos. Históricamente, varias sociedades, especialmente la capitalista, han depositado casi exclusivamente el peso del trabajo reproductivo en las mujeres. Este trabajo invisible e infravalorado es el que garantiza la vida humana. Estar de pie, caminar en la ciudad, en el campo, en el bosque, producir valor a través de la explotación salarial de la riqueza natural y todas y cada una de las actividades realizadas por el cuerpo humano depende del trabajo reproductivo, que sostiene la vida del agente de acción. Así, este trabajo, que no es el único, realizado por mujeres es en sí mismo el anti-fin del mundo, es el nacimiento y renacimiento de la vida.

Quando hablamos de los espacios de encuentro, se vuelve a presentar esta ambivalencia, esta interinidad. Los encuentros entre mujeres promovidos por distintas articulaciones y campos temáticos de la lucha, son espacios de gran responsabilidad, a veces incluso de angustia, por el peso de ser representantes de su territorio, de conocer otras experiencias de violencia, ahora tan cercanas a su propia, ahora incluso más serio que la tuya. Al mismo tiempo, ese peso de las durezas de la vida coexiste con la alegría de estar con las demás, junto con el fortalecimiento del compartir, la escucha y la construcción colectiva. Los

encuentros solo se dan en sus fortalezas, cuando ambas fuerzas los atraviesan, a través de las miradas, de las palabras, de los gestos intercambiados y de la construcción colectiva, en estas oportunidades de estar cerca de los que están geográficamente alejados en la vida cotidiana. Nos vemos y nos reconocemos unas a otras.

Ambiguas en sentimientos y también en seres. Y, así como nos reconocemos frente a los demás y en nuestros gritos e indignaciones, las mujeres también traen consigo la necesidad del silencio y la soledad. En nuestra conversación, Bárbara Cunha⁴ comentó algo muy ilustrativo: “Callarme es cuidado. Más allá de lo que está fuera. El silencio interno es tan fundamental. Identificar lo que es del otro y lo que es suyo”. Y estos silencios pueden suceder de forma colectiva, cuando prefieren escuchar de lo que hablar, entre otras compañeras, o solas.

Entre las ambigüedades, los sentires, la unión de las estrategias y de la razón, atravesando colectividades y por ellas siendo atravesadas, las mujeres constroen sentido para el trabajo de creación de un mundo otro. Que es a la vez algo del pasado, del presente y del futuro. Algo líquido, sólido y gaseoso. Ante el fin del mundo, las mujeres son como María, sostienen la vida nadando entre la caída y la orilla.

graficamente no cotidiano. A gente se vê e reconhece umas através das outras.

Ambíguas em sentires e ambíguas também nos seres. E, assim como nos reconhecemos frente às outras e em nossos gritos e indignações, as mulheres trazem, ainda, a necessidade do silêncio e de se estar só. Em nossa conversa, Bárbara Cunha comentou algo bem ilustrativo: “*Me silenciar é cuidado. Para além do que está fora. O silêncio interno é tão fundamental. Identificar o que é do outro e o que é seu*”. E esses silêncios podem acontecer em coletivo, quando preferem escutar a falar, entre companhias outras, ou sozinhas.

Entre as ambigüidades, os sentires, a junção da estratégia e da razão, atravessando coletividades e por elas sendo atravessadas, as mulheres constroem sentido para o trabalho de criação de um mundo outro. Que é ao mesmo tempo algo do passado, do presente e do futuro. Algo líquido, sólido e gasoso. Frente ao fim do mundo, as mulheres estão como Maria, sustentando a vida à nado entre a queda e a margem.





CONSTRUINDO FEMINISMOS NOSSOS

CONSTRUIR NUESTROS PROPIOS FEMINISMOS

Yasmin Bitencourt

Talvez o momento histórico que vivemos seja um dos em que o feminismo tem sido mais mobilizado e utilizado, não só para identificar coletividades e práticas, mas, também, para categorizar e mercantilizar. Ser feminista ou ser contra as feministas mobiliza bastante, principalmente nas redes sociais, em um período de profunda polarização política nacional e internacional. A apropriação de termos feministas por organizações internacionais, marcas, empresas, agências de publicidade, governos e pela direita não é novidade e nos obriga ainda mais a refletir: o que significa feminismo? O que é ser feminista nos tempos de hoje? O que te faz ser feminista?

É importante afirmar que não se trata de refletir a partir do que esses atores estão promovendo, mas principalmente de se posicionar e mais uma vez afirmar: minha prática política, minha história de vida e a minha luta por transformações no mundo não estão à venda. É falar pri-

Quizás el momento histórico que vivimos sea uno de esos en los que más se ha movlizado y utilizado el feminismo, no sólo para identificar colectividades y prácticas, sino también para categorizar y comercializar. Ser feminista o estar en contra de las feministas moviliza mucho, especialmente en las redes sociales, en un período de profunda polarización política nacional e internacional. La apropiación de términos feministas por parte de organismos internacionales, marcas, empresas, agencias de publicidad, gobiernos y por la derecha no es novedad y nos obliga a reflexionar aún más: ¿qué significa feminismo? Qué es ser feminista en estos días? Qué te hace feminista?

Es importante señalar que no se trata de reflexionar sobre lo que están promoviendo estos actores, sino principalmente de tomar posición y afirmar una vez más: mi práctica política, mi historia de vida y mi lucha por las transformaciones en el mundo no están en venta. Es

meiramente que esse feminismo único, no singular, difundido desde a Europa e os Estados Unidos, principalmente na academia, não fala de nós que estamos no Sul Global. Não é capaz de dimensionar e expressar a diversidade e ancestralidade das práticas de vida, organização e resistência de mulheres na América Latina, a nossa Abya Yala. Nos nossos territórios, ser feminista não é somente equidade, é acabar com o patriarcado que nos mata e encontrarmos sentidos em nós e nas nossas lutas. É ter força para seguir todos os dias ao lado das nossas e dos nossos.

Me parece que hoje a luta é um ato vital. É a própria vida. Sempre pensei a luta não como uma projeção, como um ponto de chegada, mas como uma forma de viver a vida. [...] Tem a ver com o cotidiano, tem a ver com atitude e por existir, não é uma projeção, mas sim, no cotidiano projetamos uma mudança profunda. Portanto, lutar é um ato vital. Acredito que o que mobiliza a luta é primeiro reconhecer as opressões que cada uma de nós habita. Tem um nome acadêmico, “interseccionalidade”. Aqui usamos a palavra “tecido”, que Silvia Rivera Cusicanqui, uma socióloga Aymara, propõe. Em outras palavras, você tem que ver todos os fios de opressão que nos cruzam e, ao reconhecê-los, eles são os primeiros elementos a começar a se mover e se mobilizar. Então, sem dúvida, uma dessas grandes opressões é ser mulher. Obviamente, sendo mulher, a opressão tem muito mais força se você for indígena, camponesa, afro, se for imigrante. Mas o simples fato de se construir uma mulher traz opressões, então, isso me mobiliza. E primeiro meu corpo-ter-

decir primero que este feminismo único, en singular, difundido desde Europa y Estados Unidos, principalmente en la academia, no habla de nosotras que estamos en el Sur Global. No es capaz de escalar y expresar la diversidad y ancestralidad de las prácticas de vida, organización y resistencia de las mujeres en América Latina, nuestra Abya Yala. En nuestros territorios, ser feminista no es solo equidad, se trata de acabar con el patriarcado que nos mata y encontrar sentido en nosotras mismas y en nuestras luchas. Se trata de tener la fuerza para seguir cada día junto a los nuestros y nuestras compañeras.

“Me parece que la lucha es hoy un acto vital. Es la vida misma. Siempre pensé en la lucha no como una proyección, como un punto de llegada, sino como una forma de vivir la vida. [...] Tiene que ver con la vida cotidiana, tiene que ver con la actitud y por existir, no es una proyección, pero en la vida cotidiana proyectamos un cambio profundo. Por lo tanto, la lucha es un acto vital. Creo que lo que moviliza la lucha es primero reconocer las opresiones que cada una de nosotras habita. Tiene un nombre académico “interseccionalidad”. Aquí utilizamos la palabra “tejido”, que propone Silvia Rivera Cusicanqui, socióloga Aymara. Es decir, hay que ver todos los hilos de opresión que nos atraviesan, y cuando los reconoces, son los primeros elementos para empezar a movernos y movilizarnos. Entonces, sin duda, una de esas grandes

opresiones es ser mujer. Obviamente, siendo mujer, la opresión es mucho más fuerte si eres indígena, campesina, afro, si eres inmigrante. Pero el simple hecho de construir una mujer trae opresión, así que eso me moviliza. Y primero mi cuerpo-territorio, y segundo el territorio en el que vivo.” (Francisca Fernández Droguett)

Hablamos primero de feminismos, en plural, porque no hay un solo para nosotras. Frutos del aprendizaje de la práctica diaria de la resistencia, las necesidades, posibilidades y capacidades son diversas para las mujeres. Es en este intercambio de lo que sucede en la vida cotidiana que nos revolucionamos y nos reinventamos. Son feminismos contruïdos a través del intercambio, la memoria y nuestros cuerpos-territorios. Es construir la práctica política para la realidad, no solo la búsqueda institucional de los derechos tal como se describen y organizan, sino la liberación de las desiguales relaciones de poder patriarcal que comienza en nuestros hogares. Es liberarnos de los silenciamientos, de la muerte y la violencia.

Apostamos por los feminismos comunitarios porque, como dice el nombre, provienen de comunidades, de aquellas que se consideran la periferia, pero que para nosotras son el centro de la vida palpante vivida y sentida. Nuestros territorios, cuerpos que se intercambian, fortalecen

ritório, e segundo o território no qual vivo. (Francisca Fernández Droguett)

Falamos primeiramente de feminismos, no plural, porque não existe somente um para nós. Frutos do aprendizado da prática diária de resistência, as necessidades, possibilidades e capacidades são diversas para as mulheres. É nesse intercâmbio do que se dá no cotidiano que nos revolucionamos e reinventamos. São feminismos contruïdos através da troca, da memória e dos nossos corpos-territórios. É construir prática política para a realidade, não só a busca institucional dos direitos como estão descritos e organizados, mas a libertação de relações de poder patriarcais desiguais que se inicia em nossas casas. É nos libertarmos dos silenciamientos, da morte e da violência.

Apostamos em feminismos comunitários porque, como o nome diz, vêm das comunidades, desde aquelas que são consideradas as periferias, mas que para nós são o centro da vida pulsante vivida e sentida. Nossos territórios, corpos que trocam, se fortalecem e se curam a partir do encontro entre mulheres, da confiança de nos reconhecemos com um olhar. Falamos de feminismos, com estratégias de guerra, que mantêm vivas e recuperam memórias das nossas naturezas, das nossas águas, nossas florestas, das nossas terras, das nossas ancestralidades e espiritualidades. É comunitário porque par-

tilha princípios que nos organizam, que nos faz reconhecer e lembrar dos nossos poderes, que nos cuidam e nos acolhem.

“Eu me entendi como mulher com 14 anos de idade, quando meu pai foi assassinado. Ali, eu precisei não só me entender como mulher, mas como pai. Muito doido isso, né? Porque, até então, eu tinha uma luta muito. . . não uma luta feminista. Eu não conseguia me ver feminista, mas a perda do meu pai foi um momento que eu falei: “Agora eu tenho que ser adulta, de verdade.” Então, ali eu me vejo como mulher. Depois, quando eu chego na favela, eu começo a me entender feminista e a entender a minha luta, apesar de que ali eu não via como luta. Eu via como ferramenta de transformação. Vir para dentro da favela foi muito importante, não só pelo conflito, mas de ver como as mulheres vivem aqui dentro, como é forte o machismo aqui, como é forte o racismo, né?” (Ana Paula Santos)

Apesar de práticas feministas estarem presentes em diversos espaços, nem sempre é assim que se identificam. Seja por repulsa ao feminismo hegemônico branco e europeu, ou mesmo por questões de segurança, são muitas as mulheres que não se identificam com a luta feminista. Eu, uma jovem mulher urbana, branca e universitária não tive dificuldades em me reconhecer enquanto feminista, mas as mulheres poderosas que me criaram e me mostraram o caminho que me trouxe até esse momento, não se identificam dessa forma até hoje. Hoje entendo que a

y sanan desde el encuentro entre mujeres, desde la confianza de reconocerse con la mirada. Hablemos de feminismos, con estrategias de guerra, que mantienen vivo y recuperan recuerdos de nuestra naturaleza, nuestras aguas, nuestros bosques, nuestras tierras, nuestra ascendencia y espiritualidades. Es comunitario porque comparte principios que nos organizan, que nos hacen reconocer y recordar nuestros poderes, que nos cuidan y nos acogen.

“Me entendí como mujer a los 14 años, cuando mi padre fue asesinado. Allí, necesitaba no solo entenderme como mujer, sino como padre. Eso es bastante loco, ¿verdad? Porque, hasta entonces, tuve una lucha muy. . . no feminista. No podía verme a mí misma como feminista, pero la pérdida de mi padre fue un momento en el que dije: “Ahora realmente tengo que ser adulta”. Entonces, ahí me veo a mí misma como una mujer. Luego, cuando llegué a la favela, comencé a entenderme como feminista y a comprender mi lucha, aunque no lo veía como una lucha allí. Lo vi como una herramienta de transformación. Entrar en la favela fue muy importante, no solo por el conflicto, sino para ver cómo viven las mujeres aquí, qué fuerte es el machismo aquí, qué fuerte es el racismo, ¿no?” (Ana Paula Santos)

Aunque las prácticas feministas estén presentes en diferentes espacios, no siempre es así cómo se identifican. Sea por repulsión contra el feminismo hegemónico blanco y europeo, o incluso por

razones de seguridad, hay muchas mujeres que no se identifican con la lucha feminista. Yo, una joven mujer universitaria, urbana, blanca, no tuve dificultades para reconocermé como feminista, pero las mujeres poderosas que me criaron y me mostraron el camino que me llevó a este momento no se identifican así hasta hoy. Hoy entiendo que mi trayectoria en el feminismo fue precisamente el camino que encontré para volver a ellas, volver a mis ancestras, mi espiritualidad, mi sexualidad, mi barrio, mi ciudad y a partir de eso construir espacios a diferentes escalas que permitan transformar la realidad racista, patriarcal y capitalista que vivimos.

“Siempre digo que el feminismo me salvó la vida, de muchas maneras, pero también logró sacarme de tranques y tramas muy complejas. El enfoque al feminismo fue orgánico. He estado en diferentes espacios, más territoriales, más específicos, sexualmente diversos, funcionalmente diversos. He trabajado mucho con organizaciones y pueblos originarios, y siempre he estado en espacios de articulación en redes y en la lucha por los cuerpos de las mujeres, por justicia para las mujeres, por el bien-vivir. Se trata de construir un sueño emancipatorio que nos permita vivir colectivamente, las mujeres, y enfrentar los impactos y tensiones que este sistema patriarcal, racista y capitalista tiene en nuestros cuerpos, nuestras emociones, mentes y energías. Bueno, para mí eso es la lucha: articular, compartir, enredarnos, pensar juntas. Es construir una acción política entre las mujeres. El feminismo siempre ha sido mi espacio de lucha, mi protector, mi marco político y mi propuesta.”
(Teresa Boedo)

minha trajetória no feminismo foi justamente o caminho que encontrei para retornar a elas, retornar às minhas ancestrais, à minha espiritualidade, à minha sexualidade, ao meu bairro, à minha cidade e a partir disso construir espaços em diversas escalas que nos permitam transformar a realidade racista, patriarcal e capitalista que vivemos.

“Sempre digo que o feminismo salvou minha vida, de muitas maneiras, mas também consegui me tirar de tranques e enredos muito complexos. A aproximação ao feminismo foi orgânica. Estive em diferentes espaços, mais territoriais, mais específicos, de diversidade sexual, de diversidade funcional. Tenho trabalhado muito com organizações e povos originários, e sempre estive em espaços de articulação em redes e na luta pelos corpos das mulheres, por justiça para as mulheres, pelo bem-viver. Isto é construir um sonho emancipatório que nos permita viver coletivamente, nós mulheres, e atender aos impactos e desgastes que este sistema patriarcal, racista e capitalista tem sobre nossos corpos, nossas emoções, mentes e energias. Bom, para mim a luta é isso: articular, compartilhar, me enredar, pensar junto. É construir uma ação política entre as mulheres. O feminismo sempre foi meu espaço de luta, meu protetor, meu quadro político e minha proposta.” (Teresa Boedo)

Construir os nossos feminismos é processo diário, coletivo, de ir e vir, de testar, adicionar, negar, conhecer, re-

conhecer e tentar. É sofrer, chorar, lembrar e curar. É um processo constante de construir e reconstruir aquilo que é também ancestral e espiritual, o que é nosso coletivamente e que sistematicamente é violado, morto, questionado, subjugado e negado. É sobre reconstruir raízes que sustentam nossos corpos territoriais, que dão suporte aos rios que vivem dentro de nós, que sustentam florestas em que corremos, que brilham como o sol e nos iluminam como a lua. É recuperar os tantos outros mundos possíveis que o patriarcado destruiu e destrói, mas que sempre foram nossos, coloridos e abundantes em vida e alegria. Não é sobre qualificar, adjetivar, mas sobre se encontrar, ser e construir todos os dias, mesmo depois de partir.

Construir nuestros feminismos es un proceso diario y colectivo de ir y venir, probar, sumar, negar, conocer, reconocer e intentar. Es sufrir, llorar, recordar y sanar. Es un proceso constante de construcción y reconstrucción de lo que también es ancestral y espiritual, lo que es nuestro colectivamente y que es sistemáticamente violado, asesinado, cuestionado, subyugado y negado. Se trata de reconstruir las raíces que sostienen nuestros cuerpos y territorios, que sostienen los ríos que viven dentro de nosotras, que sostienen los bosques por los que corremos, que brillan como el sol y nos iluminan como la luna. Es recuperar los muchos otros mundos posibles que el patriarcado destruyó y destruye, pero que siempre han sido nuestros, coloridos y abundantes en vida y alegría. No se trata de calificar, adjetivar, sino de encontrarte a ti mismo, ser y construirte todos los días, incluso después de que te vayas.





DESABAFO

DESAHOGO

Ana Santos

Nossas agendas não param!
Roupa suja,
trabalho dobra,
comida não chega.

Comunicamos que não detectamos o pagamento.

A senhora tem uma cesta pra minha mãe
que está desempregada?

Minha obra parou e sem o auxílio não
tenho o que comer.

Força
Resistência
Tolerância com um governo genocida.

Tô a ponto de explodir
Não consigo mais dar conta de nada.

Coração sempre acelerado
Pernas inchadas
Choro preso na garganta

Pandemia das violências
Territórios em luta
Mulheres na linha de frente
Mães sem teto
Serra como abrigo
Verde como esperança

*¡Nuestras agendas no se detienen!
Ropa sucia,
trabajo doble,
la comida no es suficiente.*

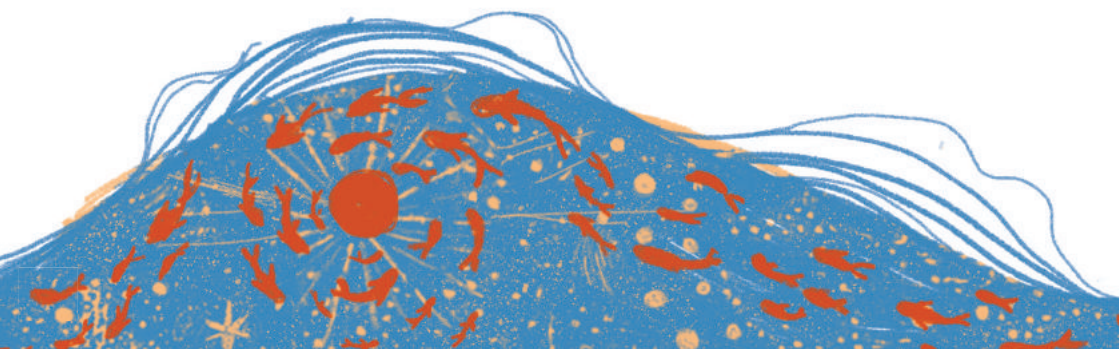
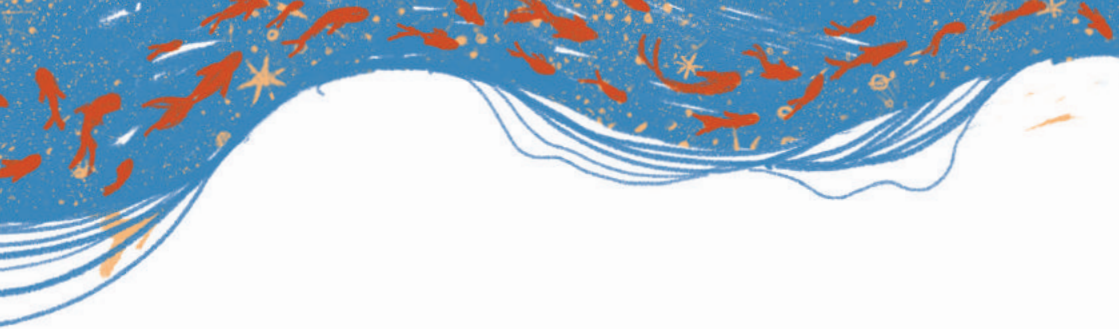
*Hemos comunicado que no
hemos detectado el pago.
¿Tiene una canasta básica para
mi madre que está desempleada?
Mi obra se detuvo y sin la ayuda
no tengo qué comer.*

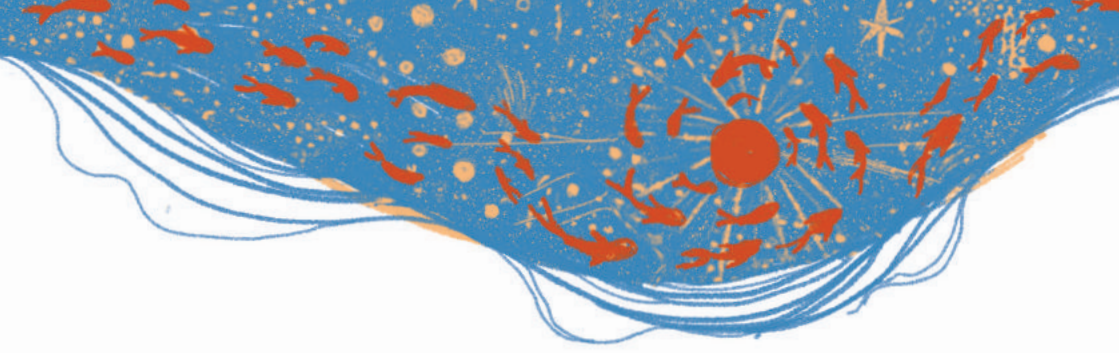
*Fuerza
Resistencia
Tolerancia con el gobierno
genocida.*

*Estoy a punto de explotar
Ya no puedo con nada.*

*Corazón siempre acelerado
Piernas hinchadas
Llanto atrapado en la garganta*

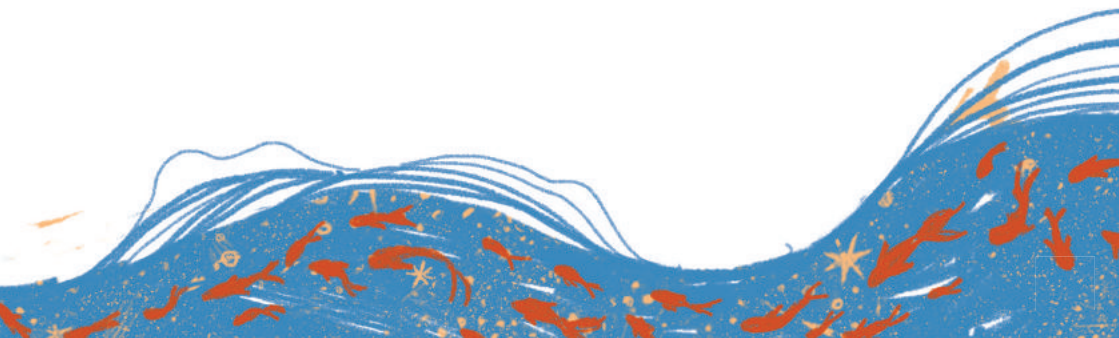
*Pandemia de las violencias
Territorios en lucha
Mujeres en primera línea
Madres sin hogar
Sierra como refugio
Verde como la esperanza.*





CORPO-TERRITÓRIO

CUERPO-TERRITORIO





MEU CORPO

MI CUERPO

Vera Lúcia Domingos

Certo dia, um dia daqueles em que você se levanta, e se olha no espelho e começa analisando suas imperfeições do tempo, o tempo!

Implacável, tirano, terrível conosco mulheres.

O espelho um vilão que revela o que muitas vezes não queremos ver, muitas vezes passamos na frente dele se esgueirando, como se diz aqui em Pernambuco de “relance”, para não ver a realidade daquele corpo que o tempo se encarregou de marcar.

Poderíamos dizer que as marcas deixadas pelo tempo são mutilações? Não! Dizer isso é uma afronta a todas as nossas experiências, vividas com o nosso corpo. Meu corpo, com suas imperfeições, reserva muitas experiências, como a da minha primeira vez, quando conheci o prazer de ser possuída e ter meu primeiro orgasmo, meu corpo reserva a minha experiência de ver minha barriga crescendo e de parir meus filhos.

Meu corpo e suas experiências possuem

Un día, uno de esos días en que te levantas, te miras al espejo y empiezas a analizar tus imperfecciones del tiempo, ¡el tiempo!

Implacable, tirano, terrible con nosotras las mujeres.

El espejo es como un villano que revela lo que muchas veces no queremos ver, muchas veces lo pasamos a hurtadillas, como dicen aquí en Pernambuco “de vistazo” para no ver la realidad de ese cuerpo que el tiempo se encargó de marcar.

¿Podríamos decir que las marcas dejadas por el tiempo son mutilaciones? ¡No! Decir esto es una afrenta a todas nuestras experiencias vividas con nuestro cuerpo. Mi cuerpo, con sus imperfecciones, se reserva muchas experiencias, como la de mi primera vez, cuando conocí el placer de ser poseída y tener mi primer orgasmo, mi cuerpo se reserva la experiencia de ver crecer mi panza y dar a luz a mis hijos.

Mi cuerpo y sus vivencias tienen las marcas de cicatrices, estrías, celulitis, que en algunas situaciones son objeto de comentarios maliciosos, prejuiciosos y machistas. ¡Mi cuerpo, cuerpo mío!

as marcas das cicatrizes, das estrias, das celulites, que em algumas situações são assuntos de comentários maldosos, preconceituosos e machistas.

Meu corpo, corpo meu!

Tocando seu corpo, você pode descobrir prazeres imensuráveis.

Incentivo você, mulher, que nunca fez um carinho na sua vagina, convido você a tocá-la, fazer nela muito carinhos e veja o que ela pode lhe proporcionar. Vou mais fundo... Se você não tocou no seu clitóris, a convido a tocá-lo e chegará no céu!

Convido você, mulher, a tocar nos seus seios, se nunca os tocou, a convido a fazê-los um carinho, eles irão te mostrar a felicidade; convido-te a olhar-te como um corpo que sente, como um corpo cheios de cheiros de lavanda, de violetas, com gostos de frutas silvestres: araçás, pitangas, cabuins; um corpo cheio de imperfeições (experiências) maravilhosas.

Mulher, convido-te a olhar-te como a última maravilha do mundo, não se importando com o que os outros digam ou vejam, és maravilhosa! Lembre-se: com estrias, com celulites, com cicatrizes és maravilhosa, gostosa, deliciosa.

Al tocar tu cuerpo, puedes descubrir placeres incommensurables.

Te animo mujer, que nunca acariciaste tu vagina, te invito a que la toques, la pongas muy tierna y veas que te puede aportar. Iré más profundo ... ¡Si nunca has tocado tu clitoris, te invito a que lo toques y llegarás al cielo!

Te invito mujer a que te toques los senos, si nunca los tocaste te invito a que los toques, te mostrarán felicidad. Te invito a que te mires como un cuerpo que se siente, como un cuerpo lleno de olores a lavanda, a violetas, con sabores a frutos silvestres: araçás, pitangas, cabuins. Un cuerpo lleno de maravillosas imperfecciones (experiencias).

Mujer, te invito a que te mires a ti misma como la última maravilla del mundo, sin importarte con lo que digan o vean los demás, ¡eres maravillosa! Recuérdate: con estrías, con celulitis, con cicatrices eres maravillosa, riquísima, deliciosa.





CONHECER SEU CORPO E A SI MESMA COMO POTÊNCIA DE VIDA E LUTA

CONOCER TU CUERPO Y A TI MISMO COMO POTENCIA DE VIDA Y LUCHA

Marina Praça

O corpo fala, sente, se comunica, e busca suas formas de expressão. A corporeidade é a percepção que temos de nossos corpos e dos movimentos feitos para nos expressarmos. Através deles acessamos informações, sentimentos e nos colocamos no mundo. Uma mistura de expressões físicas, emocionais, sociais, psicológicas, instintivas...

Ao nos tornarmos conscientes do nosso corpo e das necessidades dele, vamos nos reconhecendo poderosas. Assim como, passamos a compreender nossas necessidades, vontades, prazeres, limitações e afetações. Não nos deixamos mais ser determinadas por um sistema de normas e padrões sobre nossos corpos e os papéis que esperam que sejam exercidos na sociedade. Amamos a nós mesmas e nos aceitamos como somos. Damo-nos contornos e nos respeitamos. Respeitar nossos corpos, a nós mesmas, é respeitar toda natureza. Somos parte

El cuerpo habla, siente, se comunica y busca sus formas de expresión. La corporalidad es la percepción que tenemos de nuestro cuerpo y los movimientos que hacemos para expresarnos. A través de ellos accedemos a información, sentimientos y nos ponemos en el mundo. Una mezcla de expresiones físicas, emocionales, sociales, psicológicas, instintivas...

A medida que nos damos cuenta de nuestro cuerpo y sus necesidades, nos reconocemos como poderosas. Además, llegamos a comprender nuestras necesidades, deseos, placeres, limitaciones y afectos. Ya no permitimos estar determinadas por un sistema de normas y estándares sobre nuestros cuerpos y los roles que esperan desempeñar en la sociedad. Nos amamos y nos aceptamos como somos. Nos modelamos y nos respetamos. Respetar

e somos todo. Consciência corporal e a identificação da corporeidade coletiva tornam-se caminhos para nos libertarmos das opressões impostas aos nossos corpos. Um corpo individual, coletivo e, também, único. São escalas, níveis e territórios de conhecimento. Entender-se a si mesma, o prazer e as dores sentidas.

“Precisamente na vida neoliberal, consumista e hiper produtiva há um excesso de exigências dos padrões de corpos que são tremendos. Acredito que, precisamente, a nossa graça é que conseguimos incorporar que a gestão do corpo é o primeiro espaço de autodeterminação. Eu determino em relação ao corpo, como quero construí-lo, como quero caminhar, como quero habitá-lo. Mas, cuidado, não é fácil, entre nós há piadas, somos sarcásticas com partes do nosso corpo. Somos superexigentes conosco mesmos neste corpo. Então, eu diria a vocês que, bom, o corpo é o lugar onde eu moro, que eu também decido morar, e a partir daí a luta começa.” (Francisca Fernández)

Assim, desde o autoconhecimento de si, desse corpo-casa, compor o corpo coletivo que se encontra, troca, constrói forças e resistências. Corpo esse, individual e coletivo, que é matéria, mas também vibrações, emoções, energias, ar, água e terra. Que, ao se abrir e se fechar, encontra-se com o território que lhe é chão, comunidade, morada e vida. Defender seu corpo de violências é nutrir-se de si e do corpo coletivo que se constrói com outras mulheres. Defender

nuestro cuerpo, a nosotras mismas, es respetar toda la naturaleza. Somos parte y somos todo. La conciencia corporal y la identificación de la corporeidad colectiva se convierten en formas de liberarnos de las opresiones impuestas a nuestros cuerpos. Un cuerpo individual, colectivo y también único. Son escalas, niveles y territorios de conocimiento. Comprenderte a ti misma, el placer y los dolores que sentiste.

Precisamente en la vida neoliberal, consumista e hiperproductiva hay un exceso de exigencias a los estándares de los cuerpos que son tremendos. Creo que, precisamente, nuestra gracia es que hemos logrado incorporar que la gestión del cuerpo sea el primer espacio de autodeterminación. Yo determino con relación al cuerpo, cómo quiero construirlo, cómo quiero caminar, cómo quiero habitarlo. Pero cuidado, no es fácil, hay bromas entre nosotras, somos sarcásticas con partes de nuestro cuerpo. Somos súper exigentes con nosotras mismas en este cuerpo. Entonces, les diría que, bueno, el cuerpo es el lugar donde vivo, que yo también he decidido vivir, y a partir de ahí comienza la pelea. (Francisca Fernandez, Pancha)

Así, desde el autoconocimiento de una misma, de este cuerpo-casa, componer el cuerpo

colectivo que se encuentra intercambia, construye fuerzas y resistencias. Este cuerpo, individual y colectivo, que es materia, pero también vibraciones, emociones, energías, aire, agua y tierra. Que, cuando se abre y se cierra, se encuentra con el territorio que es su suelo, comunidad, hogar y vida. Defender tu cuerpo de las violencias es nutrirte a ti misma y al cuerpo colectivo que se construye con otras mujeres. Defender tu territorio es sentir en el cuerpo-consciente la contaminación, el dolor de la tierra violada. Teresa Boedo, compañera de Guatemala, en entrevista, nos cuenta dónde están sus dolores en su cuerpo-territorio:

“Todo se manifiesta en el útero, primero se manifiesta allí, en los genitales. También siento dolores de cabeza y migrañas y todo el tema de la indigestión, que tiene que ver con no poder digerir tanta mierda.” Y cuando preguntamos por su fuerza, ella dijo: “Casualmente, también proviene del útero. Es el punto más vulnerable, pero a la vez es el más fuerte, porque es allí donde me recupero, es donde tomo conciencia, es donde recupero mi fuerza creativa.”

O, como señala Pancha:

“Primero mi cuerpo-territorio, y luego el territorio en el que vivo. Me mueve mucho

seu território é sentir no corpo-consciente a contaminação, a dor da terra violentada. Teresa Boedo, companheira da Guatemala, em entrevista, nos diz onde estão suas dores em seu corpo-território:

“Tudo realmente se manifesta no útero, primeiro se manifesta lá, nas genitais. Sinto também dores de cabeça e enxaquecas e toda a questão da indigestão, que tem a ver com não ser capaz de digerir tanta merda”. E ao perguntarmos de sua força, ela diz: “Coincidentemente, também vem do útero. É o ponto mais vulnerável, mas ao mesmo tempo é o mais forte, porque é nele que me recupero, é onde me torno ciente, é onde recupero a minha força criadora.” (Teresa Boedo)

Ou, como aponta Pancha:

“Primeiro meu corpo-território, e segundo o território no qual vivo. Me mobiliza muito a luta contra a contaminação, contra o extrativismo, porque tem a ver com o território externo onde construímos comunidade. Ou seja, sinto que são as primeiras coisas que me movem: ser mulher, me reconhecer nessa cadeia de opressão, mas também reconhecer as cadeias de opressão onde vivo.” (Francisca Fernández)

Conhecer nosso corpo é entender também como um espaço de dor e de prazer. As dores emocionais, os impactos vividos ao sermos atravessadas, vêm em forma de doenças físicas, aquelas mais comumente diagnosticadas pela medicina alopática ocidental, mas, também, em doenças emocionais (depressão, angústia,

ansiedade) e impactos em nosso corpo energético e ancestral. São muitas maneiras de falar do corpo e que precisamos estar preparadas e abertas a ouvir e cuidar. O corpo põe para fora as dores ou guarda em si, de maneiras múltiplas. Seja aquela dor de cabeça que não passa, a pele que estoura inflamações, a dor no peito, o enjoo, a tristeza ou desilusão que vira a incapacidade de digerir os alimentos ou de ter forças para levantar a cada dia. Entender, olhar, respirar e cuidar de si e das outras. Mas entender o corpo é também o ver como espaço de alegria, felicidade e prazer. Se aceitar, se conhecer e buscar as potências em si.

“Meu corpo é minha máquina de prazer! Me dá tanta coisa boa! Meu corpo é meu, ora! Quem quiser aceitá-lo, que aceite, se não quiser, eu aceito sozinha! Eu sei que eu dou um estrago! Eu venho de família que considera que a mulher tem poucos direitos, que sexo era pecado, o corpo não poderia ser manipulado, não poderia ser tocado. Minha mãe teve câncer de mama, nunca se tocou, porque disse que era pecado tocar na mama dela. Então, eu acho que meu corpo carrega toda a minha força enquanto mulher, meu erotismo, minhas vontades. Eu conheço meu corpo, eu conheço cada ponto que ele necessita, que ele precisa que eu cuide, né?” (Vera Domingos)

Ao olharmos para nossos corpos, identificamos a necessidade de nos cuidarmos sempre e construir uma coletividade de luta, que una energias para uma batalha

la lucha contra la contaminación, contra la extracción, porque tiene que ver con el territorio exterior donde construimos comunidad. Es decir, siento que son las primeras cosas que me mueven: ser mujer, reconocerse en esta cadena opresora, pero también reconocer las cadenas de opresión donde vivo. (Francisca Fernandez)”

Conocer nuestro cuerpo es también entenderlo como un espacio de dolor y placer. Los dolores emocionales, los impactos vividos al ser atravesadas, vienen en forma de enfermedades físicas, por lo general, como aquellas diagnosticadas por la medicina alopática occidental, pero también, en enfermedades emocionales (depresión, angustia, ansiedad) e impactos en nuestro cuerpo energético y ancestral. Hay muchas formas de hablar sobre el cuerpo y debemos estar preparadas y abiertas para escucharlo y cuidarlo. El cuerpo saca los dolores o se mantiene a sí mismo, de múltiples formas. Sea aquel dolor de cabeza que no desaparece, la piel con inflamaciones, el dolor en el pecho, las náuseas, la tristeza o desilusión que se convierte en una incapacidad para digerir la comida o tener fuerza para levantarse todos los días. Comprender, mirar, respirar y cuidarte a ti y de las otras. Pero entender el cuerpo es también verlo como un espacio de alegría, felicidad y

placer. Aceptarte, conocerte y buscar las potencias en ti. ¡Mi cuerpo es una máquina placentera! ¡Dame muchas cosas buenas!

¡Mi cuerpo es mío, vaya! Cualquiera que quiera aceptarlo, que lo acepte, así no lo quiere lo acepto sola! ¡Sé que jodo! Vendo de una familia que cree que las mujeres tenemos pocos derechos, que el sexo era un pecado, el cuerpo no se podía manipular, no se podía tocar. Mi madre tuvo cáncer de mama, nunca se había tocado porque decía que era pecado tocarse el pecho. Entonces, creo que mi cuerpo conlleva toda mi fuerza de mujer, mi erotismo, mis deseos. Conozco mi cuerpo, conozco cada detalle que lo necesita, que necesita que cuide, ¿verdad? (Vera Domingos)

Al mirar nuestros cuerpos, identificamos la necesidad de cuidarnos siempre y construir un colectivo de lucha que reúna energías para una batalla – que sabemos lo difícil que es – contra los megaproyectos, empresas, un modelo de vida y desarrollo que antepone el capital. El dinero ante del bien vivir, de la vida, de los cambios sanos. Necesitamos estar bien para este enfrentamiento, estar sanas, con placer, con un cuerpo que se sienta vivo, de lo cual fluya energías de fuerza y poder.

“Sobre todo, ahora en el

– que sabemos o quão dura é – contra os megaprojetos, as empresas, um modelo de vida e desenvolvimento que coloca o capital. Dinheiro antes do bem-estar, da vida, das trocas sanas. Precisamos estar bem para esse confronto, estar com saúde, com prazer, com um corpo que se sinta vivo, que flua energias de força e potência.

“Ainda mais agora, no contexto de um resurgimento da violência em nossos países, onde estamos sentindo mais os impactos de toda essa violência sistêmica, o corpo assume uma posição prioritária para mim, para minha luta e, portanto, para a luta de todas. Porque é nele onde vemos muitos impactos e condições que devem estar na base para a construção da nossa proposta emancipatória, porque é no corpo onde todos os impactos do trabalho, do ativismo se refletem na energia, emocional, intelectual, e a nível físico. E é onde devemos começar a trabalhar. E para mim, colocar o corpo no centro, cuidar da vida, viver bem, ou seja, o corpo tem um papel fundamental, é peça chave nesse sonho emancipatório.” (Teresa Boedo)

Mas sabemos que o cuidado consigo mesma, com nossos corpos não é algo simples, de fácil inserção em nossos cotidianos, ainda mais quando falamos de territórios atingidos, onde não se tem acesso a água, vive-se em meio a poluição, onde as lideranças são perseguidas, ameaçadas. Vivem com acúmulo de tarefas, os trabalhos reprodutivos invisíveis (de cuidado da casa, família, relações comunitárias, cozinhando, limpando), e saem para tra-

balhar quando existe emprego. E ainda são, em muitos momentos, o elo central das mobilizações e ações nos territórios em resistência. Até quando se respira, existe a aflição, da perda do tempo.

“Eu tenho muitas doenças pulmonares, então, é difícil engolir tudo que está vindo. O pulmão sente muito. . . você tem que resistir, tem que estar sempre bem. Assim, eu estou com o grupo das mulheres, eu tenho que estar bem porque eu sei que a vida delas, muita das vezes, é mais difícil do que a minha. Então, é um corpo frágil por dentro, mas enrijecido por fora. É um corpo que não é cuidado, que levanta todos os dias e que, muitas vezes, nem se toca, mas que precisa estar de pé. Eu acho que eu só vivo mesmo porque eu consigo manter vivas muitas outras mulheres. Mas, a minha vida, sendo bem sincera, não é fácil. Sem demagogia, eu me vejo como uma ferramenta mesmo, que pode levar e fazer as mulheres acreditarem e transformar junto com elas. Mas vem tanta coisa também, que ao mesmo tempo que é um respiro, é ir para casa mastigada, sofrida. Até estar no momento de respiro, acaba sendo também um momento de aflição, sem exagero.” (Ana Santos)

O desafio do cuidado é algo complexo, mas estrutural para mantermos nós e nossas companheiras em pé. Às vezes pode parecer que parar para um banho de ervas sobre o nosso corpo é “perda de tempo na luta”, mas isso pode ser fundamental para a nossa conexão com os sentidos que nos mantêm firmes na proteção de nós e da natureza que so-

contexto de un resurgimiento de la violencia en nuestros países, donde estamos sintiendo más los impactos de toda esta violencia sistémica, el cuerpo toma frente a una posición prioritaria para mí, para mi lucha y, por lo tanto, para la lucha de todas. Porque es en él donde vemos los impactos y condiciones que deben estar en la base para la construcción de nuestra propuesta emancipadora, porque es en el cuerpo donde los impactos del trabajo, del activismo, se reflejan en energía, emocional, intelectual y físicamente. Y ahí es donde deberíamos empezar a trabajar. Y para mí poner el cuerpo en el centro, cuidar la vida, vivir bien, es decir que el cuerpo tiene un rol fundamental, es pieza clave en el sueño emancipador.” (Teresa Boedo)

Pero sabemos que cuidarnos, cuidarnos a nuestros cuerpos, no es algo sencillo, fácil de insertar en la rutina diaria, más aún cuando hablamos de territorios afectados, donde no hay acceso al agua, donde se vive en medio de la contaminación, donde las líderes son perseguidas, amenazadas. Viven con un cúmulo de tareas, trabajo reproductivo invisible (cuidado del hogar, familia, relaciones comunitarias, cocina, limpieza), y salen a trabajar cuando hay empleo.

Y siguen siendo, en muchos momentos, el eslabón central de las movilizaciones y acciones en los territorios en resistencia. Incluso cuando respiras, existe la angustia de perder el tiempo.

Tengo muchas enfermedades pulmonares, por lo tanto, es difícil tragarme todo lo que viene. El pulmón es muy afectado. . . hay que resistir, hay que estar siempre bien. Entonces, estoy con el grupo de mujeres, tengo que estar bien porque sé que sus vidas, la mayoría de las veces, son más difíciles que la mía. Así que, es un cuerpo frágil por dentro, pero duro por fuera. Es un cuerpo que no se cuida, que levanta todos los días y que ni siquiera se toca, pero que necesita estar de pie. Creo que solo vivo porque puedo mantener vivas a muchas otras mujeres. Pero mi vida, siendo muy sincera, no es fácil. Sin demagogia, me veo como una herramienta que puede liderar y transformar junto a ellas. Pero me viene tanto también, que al mismo tiempo que es un respiro, es volver a casa agotada, sufrida. Hasta que sea el momento de respirar, termina siendo también un momento de angustia, sin exagero. (Ana Santos)

El reto del cuidado es complejo, pero estructural para mantenernos a nosotras y a nuestras compañeras de pie. A veces puede parecer que detenerse a tomar un baño de hierbas sea “una pérdida de tiempo en la lucha”, pero eso puede ser fundamental para nuestra conexión con los sentidos que nos mantienen firmes en protegernos a nosotras mismas y a la naturaleza de la que somos parte y nos involucran. Pero lo que vemos,

nos parte e nos envolvem. Mas o que vemos, sentimos e vamos entendendo é que precisamos nos cuidar e cuidar de nossas irmãs em múltiplos níveis e formas. “Cuidar é um ato de justiça, que tem a ver com estar no mundo, com o cuidado com a vida.” (Teresa Boedo).

Precisamos olhar para como nutrimos nossos corpos, nossa alimentação. Assim como, é necessário nos mover, sair de lugares de inércia, sentir o fluxo de energia que circula dentro de nós, respirar, suar, mover a energia. Olhar para o nosso emocional, as dores que vão nos compondo ao longo da vida, os traumas, perdas e relações. Colocar as emoções em seus lugares, chorar, mover as dores, medos, para transmutar. Estar atenta, também, ao cuidado do nosso corpo e campo energético, para perceber as necessidades de atenção, mas também a potência energética que nos compõem, o que vem de outros tempos, dimensões, o que é só vibração, mas que nos pertence como um corpo que é matéria e que também é energia. Daí a força da ancestralidade, dos encantados, dos povos tradicionais. Cuidar do que forma nosso campo energético no dia a dia, cuidar e organizar nossa casa, nosso quintal, nossa comunidade, prestar atenção nos ciclos da natureza e no nosso próprio ciclo. Como nos disse Tere: “Atender às energias do momento, tê-las presentes, fazê-las conscientes, entender que não sou

o centro do mundo, que existe um sistema que está aqui funcionando, que é uma energia que devemos honrar e agradecer.”

E seguir o caminho do cuidado com o corpo desde sua ampliação, desde o comunitário. Pancha, fala sobre isso: “*Sinto que o que é comunitário é, literalmente, pensar em nós mesmos como um corpo total. (...) Em outras palavras, há maneiras diferentes, mas acho que é fundamental respirarmos juntas*”.

Respirando juntas nossa força é de mover montanhas. Corpos territórios de luta e vida. Juntos nas ruas das cidades, em diversos cantos do mundo, com uma banda-verde, se movem por nossa autodeterminação. Juntos como corpo-água-terra, símbolo da vida, determinando que megaprojetos como CONGA, NO VA em toda América Latina e Caribe. Assim, como os corpos de guerra das mulheres do Médio Oriente que se unem contra o fundamentalismo e por suas vidas. Corpos negros que combatem a militarização e miliciarização da vida todos os dias sem cessar. Ainda há respiros, fluxos, de corpos sutis eternamente presentes, que estão em nós e seguirão estando. Presentes! Sementes: potências de vida e luta.

sentimos y entendemos es que necesitamos cuidar y cuidar a nuestras hermanas en múltiples niveles y de diferentes maneras.

“Cuidar es un acto de justicia, que tiene que ver con estar en el mundo, con cuidar la vida.”

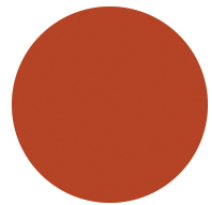
(Teresa Boedo)

Necesitamos ver cómo nutrimos nuestros cuerpos, nuestra comida. Bien como es necesario movernos, dejar los lugares de inercia, sentir el flujo de energía que circula dentro de nosotras, respirar, sudar, mover la energía. Mirar hacia nuestro emocional, los dolores que nos componen a lo largo de la vida, los traumas, pérdidas y relaciones. Poner las emociones en su lugar, llorar, mover los dolores, miedos, para transmutar. Poner atención, también, al cuidado de nuestro cuerpo y campo energético, para comprender las necesidades de atención, pero también la potencia energética que nos compone, lo que viene de otros tiempos, dimensiones, lo que es solo vibración, pero que nos pertenece como cuerpo que es materia y que también es energía. De ahí la fuerza de la ancestralidad, los encantados, los pueblos tradicionales. Cuidando lo que forma nuestro campo energético a diario, cuidando y organizando nuestra casa, nuestro patio, nuestra comunidad, prestando atención a los ciclos de la naturaleza ya

nuestro propio ciclo. Como nos ha dicho Tere: “Atender las energías del momento, tenerlas presentes, concienciarlas, comprender que no soy el centro del mundo, que hay un sistema que está funcionando aquí, que es una energía que debemos honrar y agradecer.”

Y seguir el camino del cuidado corporal desde su expansión, desde la comunidad: Pancha habla de eso: “Siento que el comunitario es pensar en nosotras mismas como un cuerpo total (. . .) En otras palabras, hay diferentes formas, pero creo que es fundamental respirar juntas.”

Respirando juntas nuestra fuerza puede mover montañas. Cuerpos-territorios de lucha y vida. Juntos en las calles de la ciudad, en diferentes rincones del mundo, con un pañuelo verde, se mueven por nuestra autodeterminación. Juntos como cuerpo-agua-tierra, símbolo de la vida, determinando que megaproyectos como CONGA, NO VA en América Latina y el Caribe. Como los cuerpos de guerra de mujeres en el Medio Oriente que se unen contra el fundamentalismo y por sus vidas. Cuerpos negros que luchan cada día sin cesar ante la militarización y milicia de la vida. Aún hay flujos de cuerpos sutiles eternamente presentes, que están en nosotras y seguirán estando. ¡Presentes! Semillas: potencias de vida y lucha.





COMO NASCEM AS CIDADES?

¿CÓMO NACEN LAS CIUDADES?

Ana Luisa Queiroz

“Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.”

Ítalo Calvino, em *“As Cidades Invisíveis”* (1998)¹.

Durante nossas andanças, vamos ouvindo um pouco sobre a história de vida das mulheres e como, muitas vezes, elas se confundem e se misturam com a história dos seus territórios. Entre mulheres, vamos descobrindo e partilhando sobre nossas ancestralidades, pelos caminhos feitos pelas mulheres que vieram antes de nós e que, junto das nossas ações, também nos trouxeram para onde nos encontramos hoje. Assim como a vida da gente não começa na gestação, a história de um território, de um lugar, começa antes da pedra virar areia, antes do barro virar tijolo, e pode ser contada através de várias linhas do tempo. É como se o tempo fosse um emaranhado de fios, cada

Durante nuestras andanzas, escuchamos un poco sobre la historia de vida de las mujeres y cómo a menudo se mezclan y se confunden con la historia de sus territorios. Entre mujeres, vamos descubriendo y compartiendo sobre nuestras ancestralidades, por los caminos hechos por las mujeres que nos precedieron y que, junto a nuestras acciones, también nos llevaron a donde estamos hoy. Así como la vida de uno no comienza en la gestación, la historia de un territorio, de un lugar, comienza antes de que la piedra se convierta en arena, antes de que el barro se vuelva ladrillo, y pueda contarse a

¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

um com uma história, se sobrepondo, cruzando, separando e tecendo. E nessa busca pelos nascimentos, pelos começos das histórias que queremos contar, nos perguntamos: como nascem as cidades?

Diferente das cidades atravessadas por megaprojetos, tem quem acredite que existam cidades que nascem das empresas, como se elas, entre caldeiras, britadeiras e outros maquinários, tivessem entradas de onde um povo pudesse sair. Ou ainda, que tivessem um sexo com o qual, entre as chaminés e o rejeito, com uma semente para a gestação, pudesse contribuir. Cidades que foram se erguendo em alvenaria e moradia ao redor de grandes fábricas, ou ainda que foram se redeseenhando conforme as minas a céu aberto abriam mais as suas bocarras para o Sol. Cidades que trazem em suas narrativas oficiais o desenvolvimento dos aparelhos públicos de saúde e de educação relacionados às empresas, suas grandes cuidadoras. Uma empresa mãe, pai, ou ainda, uma cidade-empresa e um povo filho.

Para desfiar essas histórias, fomos nos perguntando, em cada chão, o que tinha antes ali no lugar das chaminés, das barragens, das ferrovias. Com o eco de perguntas como essa repetidas tantas vezes, entendemos que ela, por si só, não se bastava. Tão importante quanto saber o que existia antes, era saber como as fundações foram construídas, quem

través de varias líneas de tiempo. Es como si el tiempo fuera una maraña de hilos, cada uno con una historia, sobreponiéndose, cruzados, separándose y tejiendo. Y en esta búsqueda por los nacimientos, por los inicios de las historias que queremos contar, nos preguntamos: ¿cómo naces las ciudades?

A diferencia de las ciudades atravesadas por megaproyectos, hay quienes creen que existen ciudades que nacen de las empresas, como si ellas, entre calderas, trituradoras y demás maquinarias, tuvieran tripas de las que un pueblo pudiera salir. O incluso, que tuvieran un sexo con el que, entre las chimeneas y los relaves, con una semilla para la gestación, pudieran aportar. Ciudades que fueron levantándose en mampostería y viviendas alrededor de grandes fábricas, o aún más que fueron rediseñándose a medida que las minas a cielo abierto abrían más la boca al sol. Ciudades que traen en sus narrativas oficiales el desarrollo de los aparatos públicos de salud y de educación relacionados a las empresas, sus grandes cuidadoras. Una empresa madre, padre, o además, una ciudad-empresa y un pueblo hijo.

Para desentrañar esas historias, fuimos preguntándonos, en cada piso, qué había antes allí, en el lugar de las chimeneas, de las represas, de los ferrocarriles.

Con el eco de preguntas como esa, repetidas tantas veces, entendemos que por sí solo, no se bastaba. Tan importante como saber lo que existía antes, era saber cómo se construyeron los cimientos, quién puso la ciudad donde está ahora. Porque hasta las máquinas tienen sus historias, sus nacimientos que contarnos.

Y fue investigando también la historia de las cosas, que descubrimos más sobre las ciudades. A medida que nos profundizamos, rescatamos la memoria de las personas que construyeron los muros, que firmaron las cosas y dejaron mucho de sí mismos para que cada piedra estuviera donde está. Oímos sobre las mujeres que plantaron, cosecharon, pescaron y alimentaron la ciudad. Fue a través de susurros escondidos dentro de los muros, en medio de la tierra, sumergidos en las aguas, que descubrimos que las ciudades nacen del trabajo. Es de las manos y de las piernas, del sudor y de los sueños del pueblo que se dan la luz (se paren) a las ciudades.

Así como el acero lavado en Volta Redonda, en Río de Janeiro, no se produce solo, tampoco es hecho por una sigla que abrevia el nombre de la compañía, Companhia Siderúrgica Nacional. Como el mineral que viaja desde la Serra do Caraça, en Catas Altas en

colocou a cidade onde ela está agora. Porque até as máquinas têm suas histórias, seus nascimentos para nos contar.

E foi investigando também a história das coisas, que a gente descobriu mais sobre as cidades. Conforme nos aprofundamos, resgatamos a memória de pessoas que levantaram os muros, que firmaram as lajes e que deixaram muito de si para que cada pedra estivesse onde está. Ouvimos sobre as mulheres que plantaram, colheram, pescaram e alimentaram a cidade. Foi através dos sussurros escondidos dentro dos muros, no meio da terra, mergulhados nas águas, que descobrimos que as cidades nascem do trabalho. É das mãos e das pernas, do suor e dos sonhos do povo que se parem as cidades.

Assim como o aço lavado em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, não se produz sozinho e tampouco é feito por uma sigla que abrevia o nome da Companhia Siderúrgica Nacional. Assim como o minério que parte em viagem da Serra do Caraça, em Catas Altas nas Minas Gerais, também não embarca no trem por capricho próprio. A cidade e seus produtos, suas mercadorias, são forjadas por suas trabalhadoras e trabalhadores, pela gente que nela vive e já viveu, mesmo que de passagem. A alienação que desassocia uma trabalhadora daquilo que ela produz, ou ainda que trata o seu trabalho reprodutivo como reflexo natural e instintivo

de cuidado, também invisibiliza tudo o que é construção e produção humana em um território. Quanto mais íntima a relação entre os serviços necessários, sejam de saúde, educação ou cultura, e as empresas, maior a falsa sensação de que tudo construído e desfrutado é obra dela, da empresa. Através do trabalho remunerado ou não, mulheres e homens produzem a riqueza acumulada por empresas e seus megaprojetos, enquanto o retorno lhes chega em tom de carestia. Mas não é caridade aquilo que recebemos pelo fruto do nosso trabalho. Pelo contrário, quando o que chamam de retorno é desproporcional ao valor do nosso tempo de vida empenhado, da energia vital gasta, ele passa a ser roubo.

Material e simbolicamente, roubam as cidades de suas verdadeiras criadoras. Roubam em especial as mulheres, quando impõem modos de viver que as excluem e as colocam em condições de precariedade e dependência financeira, através de fábulas onde a moral da história é a naturalização da exploração. Se uma cidade nasce ou renasce com uma empresa, o natural passa a ser viver como ela nos ensina, viver com a exploração humana e da natureza, com a poluição e com os riscos que esse modo de produzir trazem. Para os megaprojetos, criar uma narrativa de suposta “maternidade empresarial”, ou seja, das empresas como mães dos territórios, responsáveis

Minas Gerais, tampoco sube al tren por su propio capricho. La ciudad y sus productos, sus mercancías, son forjadas por sus trabajadoras y trabajadores, por la gente que la habita y las que han vivido, aunque sea de paso.

La alienación que disocia a la trabajadora de lo que produce, o incluso que trata su trabajo reproductivo como un reflejo natural e instintivo del cuidado, también invisibiliza en un territorio todo lo que es construcción y producción humana. Cuanto más estrecha es la relación entre los servicios necesarios, sean de salud, educación o cultura, y las empresas, mayor es la falsa sensación de que todo lo construído y disfrutado es obra de la empresa. A través del trabajo remunerado o no, mujeres y hombres producen la riqueza acumulada por las empresas y sus megaproyectos, mientras que el retorno les llega en tono de carestía. Pero lo que recibimos por el fruto de nuestro trabajo no es caridad. Por el contrario, cuando lo que llaman un retorno es desproporcionado al valor de nuestra vida comprometida, de la energía vital gastada, se convierte en robo.

Material y simbólicamente, roban a las ciudades de sus verdaderas creadoras. Roban a las mujeres en particular, cuando imponen modos de vivir que las excluyen y las colocan

en condiciones de precariedad y dependencia económica, a través de fábulas donde la moraleja de la historia es la naturalización de la explotación. Si una ciudad nace o renace con una empresa, lo natural es vivir como nos enseña, vivir con la explotación humana y de la naturaleza, con la contaminación y con los riesgos que trae este modo de producir. Para los megaproyectos, crear una narrativa de supuesta “maternidad empresarial”, es decir, de las empresas como madres de los territorios, responsables de su mantenimiento y cuidados, fortalece una base que sostiene décadas de explotación y que, en realidad, reproduce las ciudades como rehenes, no como hijos.

Lo que hemos aprendido sobre las ciudades, a través de la historia que cuentan las mujeres, es que la visibilidad del trabajo, de todo trabajo, es un camino sin retorno para que podamos ver nuestras historias complejas pero verdaderas. La visibilización del trabajo comienza con la tierra, sembrando, cuidando, alimentando, garantizando un cuerpo de pie, con otro cuerpo de pie, construyendo cada muro y cada techo que nos acoge, nos abriga y hace a nosotros y a nuestras ciudades lo que somos.

por sua manutenção e cuidados, fortalece uma base que sustenta décadas de exploração e que reproduz, em realidade, cidades como reféns, não como filhos.

O que aprendemos sobre as cidades, através da história contada pelas mulheres, é que a visibilização do trabalho, de todo trabalho, é um caminho sem volta para que possamos enxergar nossas histórias complexas, mas verdadeiras. A visibilização do trabalho começa pela terra, pelo plantio, pelo cuidado, pela alimentação, pelo que garante um corpo de pé, com outro corpo de pé, construindo cada muro e cada teto que nos acolhe, nos abriga e faz de nós e de nossas cidades o que elas são.



MEU TERRITÓRIO

MI TERRITORIO

Wanessa Afonso Andrade

Da minha sala, eu sinto cheiro de chuva.

Escuto os passarinhos que se aninham nas árvores.

Escuto a TV da vizinha.

E escrevo. E sinto.

Sinto que quando não chove, o cheiro insuportável me entranha as narinas.

Sinto que o respirar é cada vez mais pesado.

Sinto que o resistir tem seus altos e baixos.

A sensação de pertencimento a um território se dá mais pela dor do que pelo amor. Só que é aqui que as lutas e resistências se encontram.

Até que a gente não mais respire.

Desde mi salón, puedo oler la lluvia.

Escucho los pájaros que se anidan en los árboles

Escucho la tele de mi vecina.

Y escribo. Y siento.

Siento que cuando no llueve, el olor insoportable se mete por la nariz.

Siento que el respirar es cada vez más pesado.

Siento que el resistir tiene altos y bajos.

La sensación de pertenencia a un territorio se debe más al dolor que al amor. Pero aquí es donde se encuentran las luchas y la resistencia.

Hasta que no respiremos más.



SE PERCEBER NATUREZA: SUTIL, FORÇA E MISTURADA¹

SENTIRSE NATUREZA: SUTIL, FUERZA Y MESCLA¹

Marina Praça

O quanto de nós é natureza? O que nos difere do espaço, da terra, dos territórios? Quanto de nós está imbricado na rocha, água, ar e o que nos separa? Precisamos nos separar da natureza e nos tornar seres racionais? As estruturas do pensamento são superiores ao demais sentires?

Ouvimos durante anos de formação que sim. A construção sistêmica do pensamento de hegemonia ocidental, branca, masculina e cientificista diz que sim. Separa a mente do corpo, separa o pensamento dos sentires e nos separa da

¿Cuánto de nosotras es naturaleza? ¿Qué nos diferencia del espacio, de la tierra, de los territorios? ¿Cuántas de nosotras estamos involucradas en la roca, el agua, el aire y qué nos separa? ¿Necesitamos separarnos de la naturaleza y convertirnos en seres racionales? ¿Son las estructuras de pensamiento superiores a otros sentires?

Hemos escuchado durante los años de formación que sí. La construcción sistémica del pensamiento de hegemonía occi-

¹ Esse texto se fez diálogo. Marina Praça nasceu e vive na cidade do Rio de Janeiro, há anos milita junto aos povos da terra, do mar e dos becos. Conheceu Ana e Zica na luta contra os megaprojetos e na defesa dos seus territórios e da natureza que são. Nesses escritos buscou aprender e dialogar sobre o ser natureza com elas, suas referências nessa reflexão e tantas outras. Ana, mulher rio, pescadora e lutadora pela permanência do Rio Xingu e tantas outras expressões da Natureza contra a Usina Hidrelétrica de Belo Monte no Pará. Zica mulher árvore, um ser natureza, quilombola, lutadora pela permanência da sua casa-natureza contra a empresa Vale S.A e a Ferrovia Grande Carajás que atravessa sua terra no Maranhão. | *Este texto se convirtió en un diálogo. Marina Praça nació y vive en la ciudad de Río de Janeiro, hace años milita junto la gente de la tierra, el mar y los callejones. Conoció a Ana y a Zica en la lucha contra los megaproyectos y en la defensa de sus territorios y de la naturaleza que son. En estos escritos buscó aprender y dialogar con ellas, sus referentes en esta reflexión y tantas otras. Ana, mujer de río, pescadora y luchadora por la permanencia del río Xingu y tantas otras expresiones de la Naturaleza contra la Central Hidroeléctrica de Belo Monte en Pará. Zica, mujer árbol, ser de la naturaleza, quilombola, luchadora por la permanencia de su casa-naturaleza contra la empresa Vale S.A. y el Ferrocarril Grande Carajás que atraviesa su tierra en Maranhão.*

natureza, das forças da natureza e dos aprendizados múltiplos ali presentes.

“O patriarcado está muito presente nas comunidades tradicionais, mas não foram elas que geraram isso, foi a colonização, o mundo ocidental que trouxe isso para cá. Não tinha isso entre o nosso povo, as mulheres eram livres. Todos éramos, mas impuseram coisas que foram moldando a gente. Trouxeram deuses, regras e leis que não conhecíamos. Trouxeram a falta de ética. Tentaram trazer uma moeda e fazer essa moeda ser a floresta, ser a água, ser os rios, mas essa moeda a gente nem come. Queriam transformar todo o nosso bem natural, tudo que a gente vê no mundo, o vento, o ar, a água, a floresta em uma moeda com a cara de uma pessoa que a gente nem conhece. Não é isso. Não se compra terra. Não se compra a natureza. Não se compra o ar. Não se compra o ser humano. Tentaram fazer isso conosco e ainda tentam, mas a gente resiste.” (Ana Laíde Barbosa)

Nos envolvemos tão pouco com a natureza, não é? Falo de um envolvimento profundo, mesmo. Trocar sentires profundos sendo natureza. Ouvir, sentir e conversar com um rio, uma cordilheira. Só sentir, viver, e quem sabe, confidenciar. Talvez seja a consequência de tantos anos de vivência do dito modelo de (des) envolvimento capitalista que se estrutura em nós, que está em todas as partes, entremeadado na gente e nos separa. Onde a natureza se torna mercadoria e tudo vai ser extraído. A terra e os sentires. Nos torna seres bem pouco humanos, mas

dental, blanca, masculina y científica dice que sí. Separa la mente del cuerpo, separa el pensamiento de los sentires y nos separa de la naturaleza, las fuerzas de la naturaleza y los múltiples aprendizajes allí presentes.

“El patriarcado está muy presente en las comunidades tradicionales, pero no fueron ellas las que lo generaron, fue la colonización, el mundo occidental lo que lo trajo aquí. No existía tal cosa entre nuestra gente, las mujeres eran libres. Todos éramos, pero nos impusieron cosas que nos moldearon. Trajeron dioses, reglas y leyes que no conocíamos. Trajeron la falta de ética. Intentaron traer una moneda y hacer que esa moneda fuera el bosque, el agua, los ríos, pero ni siquiera nos comemos esa moneda. Querían transformar todo nuestro bien natural, todo lo que vemos en el mundo, el viento, el aire, el agua, el bosque en una moneda con el rostro de una persona que ni siquiera conocemos. No es eso. No se compra tierra. No se compra la naturaleza. No se compra el aire. No se compra el ser humano. Intentaron hacernos esto y aún lo intentan, pero nos resistimos.” (Ana Alaíde Barbosa)

Nos involucramos tan poco con la naturaleza, ¿no es así? Me refiero a una profunda implicación, de verdad. Intercambiar sentimientos profundos siendo naturaleza. Escuchar, sentir y conversar con un río, una cordillera. Sólo sentir, vivir y quizás confiar. Quizás sea la consecuencia de tantos años de

experiencia del dicho modelo de (des) involucramiento capitalista que se estructura en nosotros, que está en todas partes, se entrelaza con las personas y nos separa. Donde la naturaleza se convierte en mercancía y todo será extraído. La tierra y los sentimientos. Nos convierte en seres humanos muy pequeños, pero se dice que somos muy importantes y superiores. ¿Cómo ser superior a la tierra, el agua y el aire?

“Estos modelos de desarrollo afectan al momento en que hablamos de “des-involucramiento”. Esa palabra en sí ya asesina a todas las naturalezas. Ella dice que separará lo que está involucrado. En la lógica es esto: voy a “des-involucrar”. No quiero. Quiero involucrarme cada vez más. El involucramiento sirve, el desarrollo no.” (Zika Pires)

“Me di cuenta de cómo quieren transformarnos en un objeto de placer sin preguntar. Así como la naturaleza también es destruida por un puro objeto de placer. Lo que está en el suelo para nosotros no vale nada, pero para quienes talan los árboles, se convierten en autos del año, en las mejores ropas finas, en los mejores departamentos, en condiciones de viajar todo el mundo. Solo por placer, por objetos, por individualismo, para poder decir que “puede” algo en este universo, en este mundo. Solo por eso.” (Ana Laíde)

Cuántas pruebas tenemos de que somos tan pequeñas ante todo eso y al mismo tiempo somos tan gigantes cuando nos vemos

ditos como importantes e superiores. Como ser superior à terra, à água e ao ar?

“Esses modelos de desenvolvimento atingem no momento em que a gente fala em ‘des-envolvimento’. Essa palavra em si já assassina todas as naturezas. Ela diz que vai separar o que está envolvido. Na lógica é isso: eu vou ‘des-envolver’. Eu não quero. Eu quero estar envolvida cada vez mais. O envolvimento serve, o desenvolvimento não.” (Zica Pires)

“Percebi como querem nos transformar em objeto de prazer sem perguntar. Assim como a natureza também é destruída por puro objeto de prazer. O que é do chão para nós não vale nada, mas para quem derruba as árvores elas se transformam em carros do ano, nas melhores roupas finas, nos melhores apartamentos, em condições de viajar o mundo todo. Apenas pelo prazer, por objetos, pelo individualismo, para poder dizer que ‘pode’ alguma coisa nesse universo, nesse mundo. Só por isso.” (Ana Laíde)

Quantas provas temos de que somos tão pequenas diante disso tudo e ao mesmo tempo somos tão gigantes quando nos vemos parte e nos entendemos como um grande corpo de vibrações e relações. Quando nos vemos como relações nos vemos grandes. Somos encontrados, somos grandes emaranhados de energias que ao se encontrarem entre si e na natureza são grandes demais.

Partes desse universo que nos compõem. Um só. Nossa energia com e como a das

pedras, dos rios, da montanha, da terra. Pare, respire, se perceba sutil, se perceba vibração, amplie seu corpo, ele é seu, mas ele é muito maior também. Quão intensamente sentimos o lugar que vivemos? Sentimos o que nos circunda, nosso território, as relações ali existentes?

“A minha força vem dessa ligação. Vem dessa passagem do pé. Se eu não tenho contato, eu não consigo sentir as coisas. Eu tiro oxigênio das folhas, literalmente das folhas, porque é o que ainda tem de puro. Eu sou uma criatura do mato, então eu primeiro escuto o que tem aqui para depois ouvir o que tem lá fora. Por isso, é importante respirar fundo e ter coragem de ir e lutar. Eu vou porque se eu não luto, eu não respiro, se eu não respiro, que sentido tem? Então eu preciso defender, eu preciso garantir, tanto a minha sobrevivência quanto a dos outros.” (Zica Pires)

Estamos cercadas de asfalto, cobertas de cimento, parede, rodeadas de estruturas de ferro, que nos afastam todo tempo desse sentir. Rotinas que nos afastam desse ser natureza. Um sistema onde o trabalho é alienação de si. Somos atropeladas, submersas na produtividade, atravessadas pelo ritmo do capital, que não é o ritmo dos corpos, dos sentires, de nós mesmas. O trabalho não era para ser isso. O trabalho era para ser encontro, o misturar energias e construir simplicidade, o fazer junto. Estar em contato. Precisamos valorizar o contato, os encontros, o estar e ser natureza. Sentar na beira do rio, escutá-lo, encostar as

parte y nos entendemos como un gran cuerpo de vibraciones y relaciones. Cuando nos vemos a nosotros mismos como relaciones, nos vemos grandes. Somos encuentros, somos grandes marañas de energías que al encontrarse entre sí y en la naturaleza son demasiado grandes. Partes de este universo que nos componen. Uno solo. Nuestra energía con y como la de las piedras, de los ríos, de las montañas, de la tierra.

Detente, respira, percibe que eres sutil, percibe que vibras, amplifica tu cuerpo, es tuyo pero es mucho más grande también. ¿Cuánto intenso sentimos el lugar en el que vivimos? ¿Sentimos lo que nos rodea, nuestro territorio, las relaciones allí existentes?

“Mi fuerza proviene de esa conexión. Proviene de este paso del pie. Si no tengo contacto, no puedo sentir las cosas. Tomo oxígeno de las hojas, literalmente de las hojas, porque eso es lo que todavía es puro. Soy una criatura de la selva, así que primero escucho lo que hay aquí y luego escucho lo que hay afuera. Por eso es importante respirar hondo y tener el coraje de ir a luchar. Voy porque si no peleo, no respiro y si no respiro, ¿qué sentido tiene? Así que necesito defender, necesito garantizar, tanto mi supervivencia como la de los demás.” (Zica Pires)

Estamos rodeados de asfalto, cubiertas de cemento, muros, rodeadas de estructuras de hierro que nos alejan de esta sensación

todo el tiempo. Rutinas que nos alejan de ese ser naturaleza.

Un sistema donde el trabajo es alienación de sí mismo.. Somos atropelladas, sumergidas en la productividad, atravesadas por el ritmo del capital, que no es el ritmo de los cuerpos, de los sentires, de nosotras mismas. El trabajo no estaba destinado a ser eso. El trabajo debía ser un encuentro, la mezcla de energías y la construcción de complicidades. Estar en contacto.

Hay que valorar el contacto, el encuentro, el estar en la naturaleza y serlo. Sentados junto al río, escuchándolo, apoyando la espalda en la montaña y sintiendo la fuerza, sentir el agua pasar por nuestros cuerpos y sentirnos pasar también, en fin, hay tantas señales de que somos naturaleza.

“Yo nací prácticamente en un terreiro y yo circulaba en medio de la madre Erundina, que es una encantada. Solía circular por el medio de Rompe Mato, que es el encantado de los bosques. Circulaba en medio de -creo que es mi gran maestro- Zé Raimundo que es el encantado de las aguas. Rodeé entre ellos. Jugaban conmigo, me protegían.. (. . .) Me tomó un tiempo entender que eran seres del bosque, de las aguas, de aquel lugar, que estaban resurgiendo con nuestras fuerzas y también los llamábamos en el momento de nuestros rituales, de las místicas y de los cantos para las aguas, el fuego y el bosque” (Ana Alaíde Barbosa)

“Lo siento (mi cuerpo) como una parte furiosa de una

costas na montanha e sentir a força, sentir água passar pelos nossos corpos e nos sentirmos passar também, enfim, são tantos sinais de que somos a natureza.

“Eu nasci praticamente em um terreiro e eu circulava no meio da mãe Erundina, que é uma encantada. Eu circulava no meio do Rompe Mato que é o encantado das florestas. Circulava no meio do — eu acho que ele é meu grande mestre — Zé Raimundo que é o encantado das águas. Eu circulava no meio deles. Eles brincavam comigo, me protegiam.(...) Eu levei um tempo para entender que eram seres da floresta, das águas, daquele lugar, que estavam ressurgindo com a nossa força e nós estávamos chamando eles também no momento dos nossos rituais, das místicas e dos cantos para as águas, o fogo e a floresta” (Ana Laíde Barbosa)

“Eu sinto ele (meu corpo) como uma parte furiosa de uma natureza maior e que, às vezes, está calmo, em uma tempestade que vai iniciar, mas que de repente escurece e fica tudo tranquilo — porque se clarear dá problema. Às vezes, eu sou a natureza em curso de fúria quando eu vejo violências que são cometidas todo dia, desde sempre. Se nós não respeitamos um ciclo natural, a gente não respeita o que nós somos. O meu tempo é esse tempo de entender e respeitar isso. (...) Então, o meu tempo não é um tempo que fica preso porque a minha semana passa em meses.” (Zica Pires)

O que está se desenvolvendo nessas terras atravessadas? Nada evolui onde não existe relação, troca e busca de equilíbrio. Não há envolvimento onde não existe respeito e observação ao que já existia

antes. O que vemos são enormes projetos alienados em relação às vidas presentes ali. São estranhos que chegam, se instalam e, na bagagem, trazem impactos e perdas para quem é obrigada a recebê-los.

“Eu sinto a morte. Eu sinto que eles [los encantados] estão em agonia, porque o local que estavam está sendo removido e destruído, então eu sinto a dor deles também. E eu fico me perguntando: “Aonde é que nós vamos nos encontrar?” Porque aqui era o território sagrado deles. [...]Eu vejo meu corpo morrendo aos poucos. É pouco de cada coisa. Vamos morrendo junto, mas também ressuscitamos. Assim como a água vai e vem, uma hora está turva, outra hora está límpida, e a gente vai se conectando, e vai ressuscitando, ressurgindo. E carrego a dor. O sofrimento. As lágrimas que brotam. Mas, também, a felicidade de ver a liberdade fluindo, vigorando, renascendo.” (Ana Laíde Barbosa)

No encontro com essas mulheres-naturezas, que sentem e fluem tão próximas dos rios, árvores, terra, aprendi muito. Aprendi que as dores sofridas com a destruição de suas vidas são tão profundas como o fundo do mar ou fortes como a raiz de uma árvore milenar. Ao mesmo tempo, a alegria e a potência de vida para seguir existindo e lutando pelos seus são sentidas junto a correnteza de um rio que atravessa diversos lugares fluindo a energia da vida ou pela leveza alegre das copas das árvores brincando com o vento e os passarinhos num fim de tarde. O que aprendi, dentre tantas coisas, foi que para seguir vivendo em certas

naturaleza más grande y que, a veces, está en calma, en una tormenta que va a comenzar, pero que de repente se oscurece y todo se calma – porque si se aclara da problema. A veces, soy la naturaleza en curso de furia cuando veo violencias que se cometen todos los días, desde siempre. Si no respetamos un ciclo natural, no respetamos lo que somos. Porque esa naturaleza (la mía) sabe respetar ese tiempo. (...) Así que mi tiempo no es un tiempo que se queda atascado porque mi semana pasa en meses.” (Zika Pires)

¿Qué se está desarrollando en esas tierras atravesadas? Nada evoluciona donde no existe relación, intercambio y búsqueda del equilibrio. No hay evolvimiento donde no hay respeto y observación de lo que había antes. Lo que vemos son grandes proyectos alejados de las vidas allí presentes. Son extraños que llegan, se instalan y, en su equipaje, traen impactos y pérdidas para quienes están obligados a recibirlos.

“Siento la muerte. Siento que ellos [los encantados] están en agonia, porque el lugar donde estaban fue removido y destruido, entonces yo también siento su dolor. Y me sigo preguntando: “¿Dónde nos vamos a encontrar?”. Porque aquí estaba su territorio sagrado. ¿Veo que mi cuerpo muere lentamente. Es poco de cada cosa. Morimos juntos, pero también resucitamos. Así como el agua va y viene, una hora está turbia, otra hora está límpida, y la gente va conectándose y va resucitando, resurgiendo Y llevo el dolor. El

sufrimiento. Las lágrimas que fluyen. Pero, también, la felicidad de ver la libertad fluyendo, vigorosa, renacida.” (Ana Alaíde Barbosa)

En el encuentro con estas mujeres-naturalezas, que sienten y fluyen tan cerca de los ríos, los árboles, la tierra, aprendí mucho. Aprendí que los dolores sufridos por la destrucción de sus vidas son tan profundos como el fondo del mar o tan fuertes como la raíz de un árbol antiguo. Al mismo tiempo, la alegría y la potencia de vida para seguir existiendo y luchando por los suyos se siente a lo largo de la corriente de un río que atraviesa varios lugares fluyendo la energía de la vida o por la leve alegría de las copas de los árboles jugando con el viento y los pájaros al final de la tarde. Lo que aprendí, entre tantas cosas, fue que seguir viviendo en determinadas situaciones de extrema violencia y destrucción solo es posible siendo la naturaleza. La racionalidad es solo una ayuda, el cuerpo humano es una parte. La fuerza sutil y mezclada de la naturaleza, expresada en miles de formas, es lo que hace posible la re-existencia en cada uno de estos lugares. Lo que nos toca es saber escucharlas, sentirlas y movernos en esa dirección.

situações de extrema violência e destruição só é possível sendo natureza. A racionalidade é só uma ajuda, o corpo humano é uma parte. A força sutil e misturada da natureza, expressa de milhares de formas, é o que possibilita a re-existência em cada um desses lugares. O que nos cabe é saber escutá-las, senti-las e nos movermos nessa direção.





NOTÍCIAS DE OUTROS MUNDOS: RELIGIOSIDADE E FÉ NAS RESISTÊNCIAS COTIDIANAS

NOTICIAS DE OTROS MUNDOS: RELIGIOSIDAD Y FE EN LAS RESISTENCIAS COTIDIANAS

Aline Lima

Eu sou neta de Flora.
Floraci Santanna das Neves.
Flora, filha de Josefa que morava em Coite do Nóia e se apaixonou por um caixeiro viajante...
Coite é comunidade remanescente de quilombo e Coite nem sabe...
O povo de Coite vivia da agricultura, de pequenos comércios e do silêncio.
Flora, aos 12 anos, foi trocada por uma cabra na feira.
Sua mãe lhe deu para um casal porque achava que a menina teria vida melhor na casa de sinhô.
Esse homem, por sua vez se casou com Flora, mesmo já sendo casado...
Abusou dela com 12 anos.
E a mulher dele só saiu do quarto porque não podia ver.
Ele repetiu a sentença.
Repetidas vezes...

*Yo soy nieta de Flora.
Floraci Santanna das Neves
Flora, hija de Josefa que
vivía en Coite do Nóia y se
apasionó por un vendedor
viajante. . .
Coite es una comunidad de
quilombo remanente y Coite
ni siquiera lo sabe
La gente de Coite vivía de
la agricultura, los pequeños
negocios y el silencio.
Flora, de 12 años, fue
cambiada por una cabra en
la feria.
Su madre se la dio a una
pareja porque pensó que la
niña tendría una vida mejor
en la casa de el señor.
Este hombre, a su vez, se
casó con Flora, aunque ya
estaba casado...
La violó a los 12 años.
Y su esposa solo salió de la
habitación porque no podía
ver.*

Flora calou e armou seu plano...

No dia de Nossa Senhora da Conceição na festa da igreja, ela iria escapar.

E assim fez...

Vestiu vestido bonito, rezou em língua distinta e pediu à Oxun que lhe salvasse desse destino.

A fé de Flora era tão grande que naquele dia ela não foi vista... ela que era uma menina vistosa. Desapareceu. Ninguém viu Flora...

Ela pediu e foi atendida...

Dia 08/12, dia de Nossa senhora da Conceição. A partir daquele dia também era dia de sumiço de menina moça... Dia que menina moça era poupada de seu algoz.

Minha avó voltou pra casa.

Cresceu e ganhou o mundo.

Passou uma vida inteira...

E me contou muitas histórias.

Um dia, trançando meu cabelo, ela disse que a mão de uma rezadeira era passada de avó pra neta...

Ela só tem 4 netas.

Minha avó sempre nos rezou.

Ela sempre tirou feitiço, quebranto, mal olhado e todo tipo de má sorte.

A mão de minha avó sempre nos salvou. Mesmo que ninguém soubesse o que ela trazia no galho de arruda que nos benzia, ela nos salvava.

A dimensão da fé que minha avó carrega está impressa na marca da ancestralidade que o povo preto traz.

Ela não fraqueja... Não duvida...

Él repitió la sentencia.

Repetidamente. . .

Flora se calló y preparó su plan...

El día de Nossa Senhora da Conceição en la fiesta de la iglesia, ella escaparía.

Y así lo hizo.

Vistió un hermoso vestido, oró en una lengua diferente y le pidió a Oxun que la salvara de ese destino.

La fe de Flora era tan grande que no se la vio ese día ... ella que era una niña vistosa. Desapareció. Nadie vio a Flora.

Ella pidió y fue respondida. . . 08/12, día de Nossa Senhora da Conceição. A partir de ese día, también fue un día de la desaparición de una niña ... El día en que una niña se libró de su verdugo.

Mi abuela a vino a casa.

Creció y ganó el mundo.

Pasó toda una vida ...

Y me contó muchas historias.

Un día, trezándome el pelo, dijo que la mano de una rezadora se pasaba de abuela a nieta...

Ella solo tiene 4 nietas.

Mi abuela siempre nos rezaba. Ella siempre tomaba hechizos, maldiciones, mal de ojo y todo tipo de mala suerte.

La mano de mi abuela siempre nos ha salvado.

Incluso si nadie supiera lo que tenía en la rama de la ruda que nos bendijo, ella nos salvó.

La dimensión de la fe que

Lleva mi abuela está impresa en la marca de ancestralidad que traen los negros. Ella no falla. . . No duda. . . La fe de mi abuela que la hizo sobrevivir y está impresa en mi cuerpo. . . Es nuestro grito.

Una vez escuché de una amiga indígena que la armonía de un territorio solo se rompía cuando negamos nuestra relación de pertenencia. Me tomó profundo, me hizo sentir en el alma... Y hoy haciendo un camino de regreso me doy cuenta de lo cuánto somos despertencido de nuestro lugar. Cuánto nos usurpan nuestro lugar y así se vuelve frágil. La fe de los pueblos originarios pasa por una relación / ejercicio de pertenencia a su historia.

Pertencemos, pertencemos a una historia, a un pueblo, a un clan. Y eso nos hace fuertes. Y eso nos firma. El capitalismo hace que esa energía se rompa con sus proyectos entrantes. Llegan diciendo lo que tenemos que hacer, dónde podemos ocupar. Cuando, de hecho, todo funcionaba bien antes... La fe, nuestra fe, de los negros, de los indígenas es un retorno a nuestra condición de pertenencia. El pertenecer pasa por nues-

A fé de minha avó que a fez sobreviver e é impressa no meu corpo... É o nosso grito.

Um dia, trançando meu cabelo, ela disse que a mão de uma rezadeira era passada de avó pra neta... Ela só tem 4 netas.

Minha avó sempre nos rezou. Ela sempre tirou feitiço, quebranto, mal olhado e todo tipo de má sorte. A mão de minha avó sempre nos salvou. Mesmo que ninguém soubesse o que ela trazia no galho de arruda que nos benzia, ela nos salvava.

A dimensão da fé que minha avó carrega está impressa na marca da ancestralidade que o povo preto traz. Ela não fraqueja... Não duvida... A fé de minha avó que a fez sobreviver e é impressa no meu corpo... É o nosso grito.

Certa vez ouvi de uma indígena amiga que a harmonia de um território só era quebrada quando negamos a nossa relação de pertencimento. Isso me calou fundo, me fez sentir na alma...

E hoje fazendo um caminho de volta eu percebo o quanto a gente é despertencido nosso lugar. O quanto somos usurpados do nosso lugar e por isso ele fica frágil. A fé dos povos originários passa por uma relação/exercício de pertencimento com a sua história. A gente pertence, pertence a uma história, a pessoas, a um clã. E isso nos firma.

O capitalismo faz essa energia ser quebrada com seus projetos que chegam. Chegam dizendo o que a gente tem que fazer, onde podemos ocupar. Quando, na verdade, tudo funcionava bem antes...

A fé, a nossa fé, do povo preto, do povo indígena é um retorno a nossa condição de pertencimento.

O pertencimento em nós passa pelo nosso corpo.

Nosso corpo é nosso território...

Quando a gente retoma através da nossa religião, a nossa relação de pertencimento, a gente convoca esse corpo a se apropriar do que sempre foi dele.

A história, a memória, o espaço.

É resgate e, sobretudo, a reparação.

Não há nenhum mal que é feito ao nosso território que a gente não sinta e por isso não há nenhum mal que a gente não vá enfrentar.

A partir disso, defender o nosso território é defender nossa existência, a perpetuação do nosso povo.

Não existe diferenciação entre nosso corpo, nosso território e nossa religiosidade.

A religiosidade está na relação entre nosso corpo e nossos ancestrais. A relação com a terra, mares, rios e nossos encantados. Foram antes de nós e que ainda assim permanecem. Seguem atentos a nós e nos cuidando em forma de rio, chuva, ar, mar e de arco íris...

tro cuerpo.

Nuestro cuerpo es nuestro territorio. . .

Cuando reanudamos nuestra relación de pertenencia a través de nuestra religión, hacemos un llamado a este cuerpo para que se apropie de lo que siempre ha sido suyo.

La historia, la memoria, el espacio.

Es rescate y, sobre todo, reparación.

No hay daño que se le haga a nuestro territorio que no sintamos y por eso no hay daño que no enfrentaremos.

De ahí que defender nuestro territorio es defender nuestra existencia, la perpetuación de nuestro pueblo.

No hay diferenciación entre nuestro cuerpo, nuestro territorio y nuestra religiosidad.

La religiosidad está en la relación entre nuestro cuerpo y nuestros ancestros. La relación con la tierra, los mares, los ríos y nuestros encantados. Estaban antes que nosotros y aún permanecen. Permanecen atentos a nosotros y cuidándonos en forma de río, lluvia, aire, mar y arco iris. . .

No hay nada que suceda en el mundo que no pase por nuestro cuerpo-espíritu.

Entonces, cuando hoy la gente reclama un río...

No reclama un solo río...

Reclama a todas las personas
que vivían en la ribera de ese
río.

Todas las almas que se rindie-
ron a ese río y se convirtieron
en río.

Nuestros encantados están en
este río, en las rocas, en el
mar y en nuestra memoria.

La naturaleza es la dimensión
sagrada de nuestra religiosidad
y no renunciaremos a eso.

Flora tiene ahora 87 años.

Una maleta llena de historias
y una sola certeza, de la que
habla sin dudarlo:

“¡Necios son aquellos que no
pueden ver la grandeza de la
bendición de un orixá!”

Flora dice que es católica,
no le gustan las rosas rojas y
duerme con la luz encendida,
pero ella es también,
mujer,
sanadora,
partera,
rezadora más linda que mi
corazón haya escuchado.

Não há nada que aconteça no mundo que
não passe pelo nosso corpo-espírito.
Então quando hoje um povo reivindica um
rio...

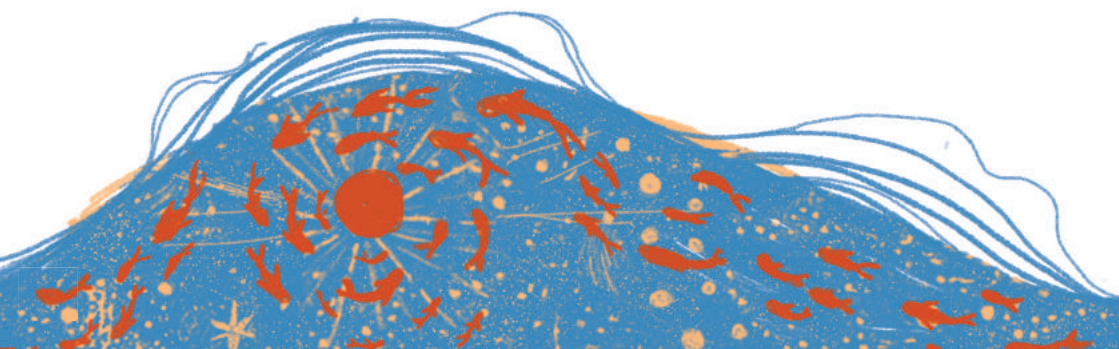
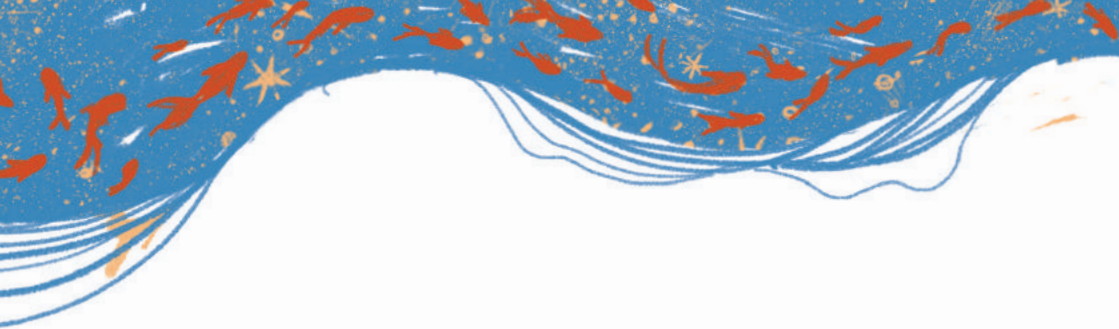
Ele não reivindica um rio só...
Ele reivindica todas as pessoas que viveram
na beira desse rio.
Todas as almas que entregues a esse rio e
que viraram rio.
Nossos encantados estão nesse rio, nas ro-
chas, no mar e na nossa lembrança.
A natureza é a dimensão sagrada da nossa
religiosidade e disso a gente não vai abrir
mão.

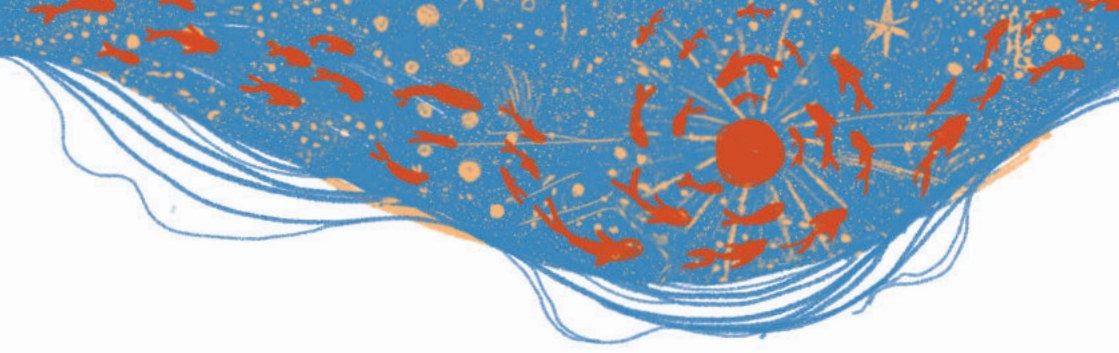
Flora hoje tem 87 anos. Uma mala cheia de
histórias e uma única certeza, que ela fala
sem titubear:

“Bobos são eles que não podem enxergar a
grandiosidade de uma benção de um orixá!”

Flora se diz católica, não gosta de rosa ver-
melha e dorme de luz acesa,
mas ela é também
mulher,
benzedeira,
parteira,
rezadeira mais linda que meu coração já
teve notícia.

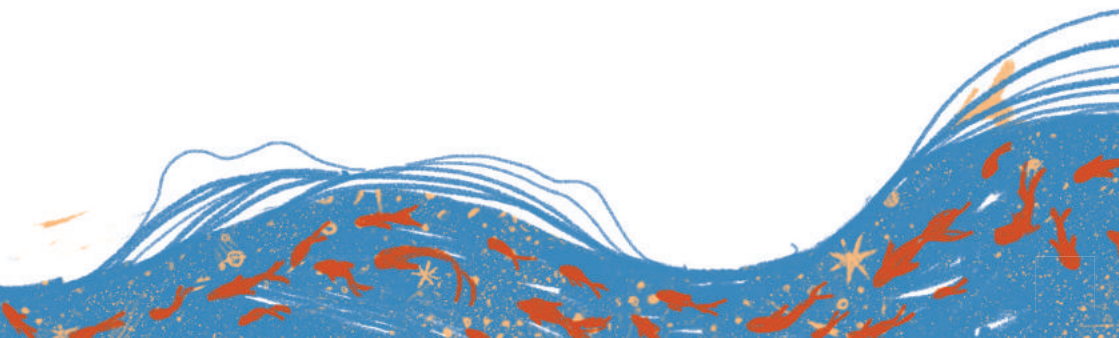






MEGAPROJETOS

MEGAPROYECTOS





ONDE O DIREITO DE SAIR É IRMÃO DO DIREITO DE FICAR

DONDE EL DERECHO A IRSE ES HERMANO DEL DERECHO A QUEDARSE

Ana Luisa Queiroz

Todo lugar tem uma história e todo povo tem passado. Não há uma vida que se crie do nada, sem o tecer do tempo. Muitas e muitos de nós aprendemos em nossas escolas sobre o descobrimento do Brasil. Aos poucos, essa forma de contar a nossa história vai mudando, e os povos que estavam nessa terra começam a aparecer um pouco mais. Só existe novidade de descoberta pra quem desconhecia, para os povos indígenas que viviam em Pindorama, a novidade foi a colonização.

Existem algumas semelhanças entre o que fizeram os portugueses ao colonizar o Brasil e como as empresas que compõe os megaprojetos funcionam. A sua chegada abre feridas no tempo, convida os territórios e sua gente ao esquecimento. Entre o desprezo e a negação do passado de cada canto, as empresas vão apresentando suas narrativas de progresso com os pés fincados no presente: é como se só existisse o agora e

Cada lugar tiene una historia y cada pueblo tiene un pasado. No hay vida creada de la nada, sin el tejido del tiempo. Muchas y muchos de nosotros aprendimos en nuestras escuelas sobre el descubrimiento de Brasil. Poco a poco esta forma de contar nuestra historia va cambiando, y los pueblos que estaban en esta tierra comienzan a aparecer un poco más. Solo hay novedad de descubrimiento para quienes no lo sabían, para los pueblos indígenas que vivían en Pindorama, la novedad fue la colonización.

Hay algunas similitudes entre lo que hicieron los portugueses cuando colonizaron Brasil y cómo funcionan las empresas que integran los megaproyectos. Su llegada abre heridas en el tiempo, invita a los territorios y a su gente al olvido. Entre el desprecio y la negación del pasado desde cada rincón, las empresas van presentando sus narrativas de progreso con los pies fijos

o resto fosse somente uma mácula do passado. Como se pudesse qualquer coisa na vida ser solta no tempo. Uma refinaria, uma barragem, uma siderúrgica, construções sem passado e nascidas no agora, desconectadas da história. E quem é que pode viver só do presente?

Em seus fazeres e em suas narrativas, as empresas achatam a memória e colonizam os desejos. Depois da sua chegada, o sonho faz parte da cadeia produtiva. É preciso que se desenvolva um querer não ser mais o que se é, um querer ser alguém de fora, ser forasteira em sua própria terra. Na velocidade de quem corre para fugir do passado e se afirmar no presente, esgotando os recursos naturais e humanos, as empresas se instalam e operam. Enquanto dizem trazer o poder de escolha, encurralam comunidades inteiras em uma via de mão única. Já não se pode sonhar fora da linha de produção, já não se pode sonhar liberdade.

Quando um megaprojeto chega, tudo é posto em jogo: a terra, a reprodução material das pessoas e suas identidades. Quem morava aqui, não mora mais, quem trabalhava e tirava fruto daqui, não tira mais. O achatamento da vida como uma coisa só, em uma perspectiva individualista, utilitária e predatória exige que muitas comunidades desaprendam seus modos de viver. Afinal, como poderiam homens e mulheres

en el presente: es como si solo hubiera ahora y el resto es solo una mancha del pasado. Como si algo en la vida pudiera liberarse a tiempo. Una refinaria, una presa, una acería, edificios sin pasado y nacidos en el ahora, desconectados de la historia. ¿Y quién puede vivir sólo en el presente?

En sus acciones y narrativas, las empresas aplanan la memoria y colonizan los deseos. Después de su llegada, el sueño es parte de la cadena de producción. Es necesario desarrollar el deseo de no ser más lo que eres, el deseo de ser un forastero, de ser un forastero en tu propia tierra. A la velocidad de quienes corren para huir del pasado y afirmarse en el presente, agotando los recursos naturales y humanos, las empresas se instalan y operan. Mientras afirman tener el poder de elegir, arrinconan comunidades enteras en una vía de mano única. Ya no puede soñar fuera de la línea de producción, ya no se puede soñar con la libertad.

Cuando llega un megaproyecto, todo se pone en juego: la tierra, la reproducción material de las personas y sus identidades. El que vivió aquí, ya no vive, el que trabajaba y sacaba fruta de aquí, ya no la toma. El aplanamiento de la vida como una solo cosa, en una perspectiva individualista, utilitaria y depredadora, requiere que muchas comunidades desaprendan sus formas de vida.

Después de todo, ¿cómo iban a aceptar los hombres y mujeres cangrejos la transformación de un manglar en la carretera, como en Suape, en Pernambuco? ¿O cómo comunidades pesqueras enteras pueden hacer la vista gorda ante los encantados y la vida que pierden mientras Belo Monte está matando el río Xingu en Pará? La violencia de las empresas grita contra la historia, como si ellas y sus megaproyectos pudieran hablar más alto hasta el punto de ahogar los ruidos de la memoria.

“El año pasado, incluso tomé una foto con mi celular, tomé una foto del dueño de la gasolinera, porque se construyó una gasolinera enfrente de la casa. Y esta gasolinera se construyó sobre la casa de algunos antiguos residentes. Siempre digo eso, porque en la casa, en el espacio donde estaba la casa de Tia, se suponía que era una casa de la memoria. Se suponía que era algo que quedaría el recuerdo de quién era esa mujer. Que ella estaba en la comunidad, una persona que se preocupaba por los demás, que trabajaba con plantas medicinales, como mamá. Entonces, estaba destinado a ser. Y luego lo que pasó, allí construyeron la gasolinera, ya ves, no hay rastro de cómo era su casa. Está solo en nuestra memoria. Y luego, siempre hablo porque mientras no recordemos, el recuerdo se desvanece, deja de existir. Si no compartimos ese recuerdo, ese recuerdo se olvida.” (Dayane Amador)

En este fragmento, Dayane

caranguejos aceitar a transformação de um mangue em estrada, como em Suape, em Pernambuco? Ou ainda como poderiam comunidades pesqueiras inteiras fechar os olhos para os encantados e para a vida que perdem enquanto Belo Monte vai matando o rio Xingu no Pará? A violência das empresas grita contra a história, como se pudessem elas e seus megaprojetos falar mais alto a ponto de abafar os ruídos da memória.

“No ano passado, eu até tirei foto no meu celular, eu tirei foto do dono do posto de gasolina, porque foi construído um posto de gasolina na frente de casa. E esse posto de gasolina foi construído em cima da casa de umas antigas moradoras. Eu sempre falo isso, porque lá na casa, no espaço onde era a casa da Tia, era para ser uma casa de memória. Era para ser alguma coisa que tivesse, que ficasse como recordação da memória de quem era aquela mulher. Que ela foi dentro da comunidade, uma pessoa que, que cuidava dos outros, que trabalhava com as plantas medicinais, assim como a mamãe. Então, era para ser. E aí o que foi que aconteceu, construíram o posto de gasolina ali, tu olha, não tem um vestígio de como que era a casa dela. Só tá na memória da gente. E aí, eu sempre falo porque enquanto a gente não lembrar, a memória se apaga, ela deixa de existir. Se a gente não compartilha essa memória, essa lembrança se esquece.” (Dayane Amador)

Nesse trecho, Dayane Amador conta da velocidade e da banalidade como os territórios vão sendo transformados, e de

como a memória é um exercício de resistência, assim como a consciência. E como ela mesma fala, “Consciência é uma construção. A gente constrói consciência. Eu digo que às vezes a gente não tem, porque a gente não sabe”, e a construção consciência de si está em disputa. A autonomia de um território atravessado por um megaprojeto depende da luta sobre ter consciência de si, de sua comunidade, de seu modo de viver, e do que as transformações podem fazer com seu passado, presente e futuro.

A defesa do direito dos corpos-territórios de determinar suas histórias não é uma defesa do apego, mas uma defesa daquilo que há de mais natural à vida: o movimento e a liberdade. A ideia vendida por muitas empresas de que comunidades tradicionais estão paradas no tempo ou presas em um passado sem progresso, compõe uma narrativa de quem pouco olha pra vida, de quem esqueceu que o saber é um fiar acumulativo. As tramas do conhecimento e dos saberes são coletivas, são plurais, e não se esgotam em um dado momento do existir. Defender a autonomia dos povos sob seus territórios é firmar um chão para que se possam circular, a garantia de um pouso para quem quiser retornar.

Para cada casa expropriada, para cada família removida pela especulação imobiliária, pela mineração industrial ou pelo agronegócio, traz uma perda co-

Amador habla de la rapidez y banalidad de cómo se transforman los territorios, y de cómo la memoria es un ejercicio de resistencia, así como la conciencia. Y como ella misma dice, “La conciencia es una construcción. Generamos conciencia. Yo digo que a veces no la tenemos, porque no lo sabemos”, y la construcción de la autoconciencia está en disputa. La autonomía de un territorio atravesado por un megaproyecto depende de la lucha por ser consciente de uno mismo, de su comunidad, de su forma de vivir y de lo que pueden hacer las transformaciones con su pasado, presente y futuro.

Defender el derecho de los cuerpos-territorios a determinar sus historias no es una defensa del apego, sino una defensa de lo más natural de la vida: el movimiento y la libertad. La idea que venden muchas empresas de que las comunidades tradicionales están estancadas en el tiempo o estancadas en un pasado sin progreso, compone una narrativa de quienes miran poco la vida, de quienes olvidaron que el conocimiento es un hilar acumulativo. Las tramas del conocimiento y el saber son colectivas, son plurales y no terminan en un momento dado de existencia. Defender la autonomía de los pueblos bajo sus territorios es establecer un terreno para que circulen, la garantía de un desembarco para quienes quieran regresar.

Por cada casa expropiada, por cada familia eliminada por la especulación inmobiliaria, por la minería industrial o por la agroindustria, supone una pérdida colectiva. Lo que revela el diálogo entre mujeres cuyas historias fueron atravesadas por megaproyectos es que la historia de una puede ser la historia de muchas. Entre las particularidades de cada territorio, sus bellezas y trayectorias, a la vez, únicas y colectivas, hemos construido un coro donde la libertad no es sinónimo de dejar de ser, sino una expresión múltiple de pertenencia. Donde el derecho a irse es hermano del derecho a quedarse.

letiva. O que o diálogo entre mulheres cujas histórias foram atravessadas por megaprojetos revela é que a história de uma pode ser a história de muitas. Entre as particularidades de cada território, suas belezas e trajetórias ao mesmo tempo únicas e coletivas, construímos um coro onde a liberdade não é sinônimo de deixar de ser, mas uma expressão múltipla de pertencimento. Onde o direito de sair é irmão do direito de ficar.





ESCUOTO, APRENDO E ME CONECTO COM AS LUTAS E RESISTÊNCIAS DESSAS MULHERES

ESCUCHO, APRENDO Y ME CONECTO CON LAS LUCHAS Y RESISTENCIAS DE
ESTAS MUJERES

Larissa Pereira Santos

Encontros de escuta. Entender o que a outra está querendo me dizer. Entrar no mundo da outra. Compreender o que aconteceu (história e memória). Me comunicar comigo mesmo. O que eu aprendo ao escutar as histórias das lutas de mulheres de Piquiá, de Santa Rosa dos Pretos, Mutum, Auzilândia¹, do Maranhão, do Pará, da Amazônia? O que eu aprendo com as mulheres afetadas por megaprojetos de mineração, siderurgia, monocultivos?

Tantas vozes e tantas forças e tantas memórias, que buscam silenciar, diminuir, apagar, processar, violentar... Mas elas tiram das profundezas suas

Encuentros de escucha. Entender lo que la otra está tratando de decirme. Entrar en el mundo de la otra. Entender lo que pasó (historia y memoria). Comunicarme conmigo mismo. ¿Qué aprendo al escuchar las historias de las luchas de las mujeres en Piquiá, Santa Rosa dos Pretos, Mutum, Auzilândia, Maranhão, Pará y la Amazonia? ¿Qué aprendo de las mujeres afectadas por megaproyectos mineros, siderúrgicos y de monocultivo?

Tantas voces y tantas fuerzas y tantos recuerdos, que buscan silenciar, disminuir, borrar, procesar, violar... Pero sacan su fuerza de lo profundo para hablar y luchar.

¹ Comunidades afetadas pela logística de escoamento de minério de ferro feito pela Vale S.A. através da Estrada de Ferro Carajás, assim como, pelo agronegócio, pela siderurgia e pelo monocultivo de soja e eucalipto. *Comunidades afectadas por la logística de transporte de mineral de hierro que realiza Vale S.A. a través del Ferrocarril Carajás, así como por la agroindustria, la siderurgia y el monocultivo de soja y eucalipto.*

forças para falar e lutar. Das profundezas da natureza, das águas, das profundezas de seus corpos e almas. Nessas profundezas todas, minha escuta se torna fortaleza particular (mas não individual), luz interior, sentimento e silêncio, coragem, vontade de ser coletivo. Mas não sei explicar, penso que não dá para explicar aqui o sentir que a escuta com essas mulheres me provoca.

São mulheres que vivem ilhadas por estruturas de ferro, de soja, de eucalipto, de cimento, de rodovias, de linhas de energia. Estruturas que servem às grandes empresas, à mineração, à siderurgia, ao agronegócio.

O trem da Vale, que transporta minério de ferro todos os dias pelas comunidades do Maranhão e Pará, na Amazônia brasileira, é o maior trem do mundo. Ele passa sobre a Estrada de Ferro Carajás percorrendo pelas comunidades e deixando experiências de dor, sofrimento, morte e perdas. Mas há também resistência.

Estruturas que violam direitos. No meio dessas estruturas quem mais sofre são as mulheres, pois são elas que cuidam da casa, são elas que buscam a água no rio, são elas que cuidam dos doentes.

Em Piquiá, cuidar da casa significa limpar o pó de ferro que sai dos altos-fornos das siderúrgicas. A cada hora e a cada

Desde las profundidades de la naturaleza, desde las aguas, desde las profundidades de sus cuerpos y almas. En todas estas profundidades, mi escucha se convierte en una fuerza particular (pero no individual), luz interior, sentimiento y silencio, coraje, el anhelo de ser colectivo. Pero no sé cómo explicarlo, no creo que sea posible explicar aquí el sentimiento que me produce escuchar a estas mujeres.

Son mujeres que viven aisladas por hierro, soja, eucalipto, cemento, carreteras, tendidos eléctricos. Estructuras que dan servicio a las grandes empresas, a la minería, siderurgia, agroindustria.

El tren de la Vale, que transporta mineral de hierro todos los días a través de las comunidades de Maranhão y Pará, en la Amazonía brasileña, es el tren más grande del mundo. Pasa sobre el Ferrocarril de Carajás, atravesando por los pueblos y dejando vivencias de dolor, sufrimiento, muerte y pérdidas. Pero también hay resistencia.

Estructuras que vulneran derechos. En medio de estas estructuras, las mujeres son las que más sufren, porque son las que cuidan la casa, son las que buscan agua en el río, son las que cuidan a los enfermos.

En Piquiá, arreglar la casa es limpiar el polvo de hierro que sale

de los altos hornos de las acerías. Cada hora y cada vez que limpias, el polvo vuelve a caer sobre tus hogares y tus vidas. En Santa Rosa dos Pretos, a diario cuando alguien va a buscar agua del río, se encuentra con el arroyo que Vale S.A. cementó durante la duplicación del Ferrocarril. De las mujeres quilombolas de Santa Rosa dos Pretos escucho que “cuando un río muere, las madres del agua se van y así la comunidad pierde su fuerza espiritual” .

En 2020, durante la nueva pandemia de coronavirus, la minería y la agroindustria no se detuvieron. La minería fue considerada una actividad esencial por el gobierno del país. Lo que me dicen las mujeres de los territorios afectados por la minería es que la minería es destrucción, es muerte y no es esencial para el ciclo de vida. Y lo que aprendo es: hasta que escuchemos en silencio a la Madre Tierra y a todas las mujeres que sufren la violencia de las grandes empresas y del Estado en el avance de la minería, el acero y la agroindustria, no seremos capaces de sentir las conexiones de nuestro ser dentro del universo más

vez que limpar, o pó volta a cair de novo sobre suas casas e sobre suas vidas. Em Santa Rosa dos Pretos, buscar a água no rio, é se deparar diariamente com o igarapé que a Vale S.A. cimentou durante a duplicação da Estrada de Ferro Carajás. Das mulheres quilombolas de Santa Rosa dos Pretos eu escuto que “*ao morrer um rio, as mães d’água vão embora e assim a comunidade perde sua força espiritual*”².

Em 2020, durante a pandemia do novo coronavírus, a mineração e o agronegócio não pararam. A mineração foi considerada atividade essencial pelo governo do país. O que as mulheres de territórios afetados pela mineração me contam é que mineração é destruição, é morte e não é essencial para o ciclo da vida. E o que eu aprendo é: enquanto não escutarmos em silêncio a Mãe Terra e todas as mulheres que sofrem as violências das grandes empresas e do Estado no avanço da mineração, da siderurgia e do agronegócio, não seremos capazes de sentir as conexões do nosso ser dentro do universo maior que é a Natureza. Experimentar a escuta com essas mulheres, ao longo da minha vida, é reconhecê-las e reconhecer-me como essenciais à

² Fala de Zica Pires, quilombola de Santa Rosa dos Pretos, Maranhão, durante webinar: “Empresas Transnacionais e Princípios Reitores: rumo a mecanismos eficazes para a proteção dos Direitos Humanos na América Latina”. Disponível na página do Facebook da Campanha Água para os Povos em: <https://fb.watch/3Tw6Nio0EX/>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

Discurso de Zica Pires, Quilombola de Santa Rosa dos Pretos-MA, durante el webinar “Empresas Transnacionales y Principios Rectores: hacia mecanismos efectivos para la protección de los Derechos Humanos en América Latina”. Disponible en la página de Facebook de la Campaña Agua para los Pueblos en: <https://fb.watch/3Tw6Nio0EX/> Accedido en: 10/out/2020

luta, essenciais em nossos testemunhos de vida, essenciais na defesa de direitos, essenciais para outras mulheres e homens. Quando eu as escuto, eu escuto também a mim, e nas nossas diferenças e contradições há também lugar para o comum, para nos conectarmos na defesa da vida, do território, da dignidade, da justiça.

Quando as escuto, percebo a profunda conexão do sentido de suas lutas com o território. Os nossos corpos emanam energias e juntas formamos forças políticas, ativas, que experimentam as violações, mas que (re)existem com alternativas e mudanças. Resistências que me ensinam e que me reconectam com o sentido da minha luta e das nossas lutas.

grande que es la Naturaleza.

Experimentar la escucha de estas mujeres, a lo largo de mi vida, es reconocerlas y reconocermes como esencial para la lucha, esencial en nuestros testimonios de vida, esencial en la defensa de los derechos, esencial para otras mujeres y hombres. Cuando las escucho, me escucho también a mí mismo, y en nuestras diferencias y contradicciones también hay un lugar para lo común, para conectarnos en la defensa de la vida, el territorio, la dignidad, la justicia.

Cuando las escucho, me doy cuenta de la profunda conexión del significado de sus luchas con el territorio. Nuestros cuerpos emanamos energías y juntas formamos fuerzas políticas activas que experimentan violaciones, pero que (re) existen con alternativas y cambios. Resistencias que me enseñan y que me reconectan con el sentido de mi lucha y nuestras luchas.





POR UM FEMINISMO ANTI-EXTRATIVISTA FRENTE ÀS ECONOMIAS E TERRITORIALIDADES MASCULINIZADAS

POR UM FEMINISMO ANTIEXTRACTIVISTA ANTE ECONOMÍAS Y TERRITORIALIDADES MASCULINIZADAS

Francisca Fernández Droguett

Posicionar-nos a partir de um feminismo ancorado em nossas próprias experiências e territórios de resistência tornou-se um exercício fundamental para a construção de nossas comunidades de vida. São nelas que aprendemos com a luta das mulheres *zapatistas*, com o feminismo comunitário e decolonial e em outras rotas traçadas, que nosso corpo é o primeiro território a se disputar.

O extrativismo, enquanto exploração intensificada e ilimitada de ativos comunitários para a geração de lucros nos mercados globais, tem se baseado historicamente na desapropriação, saque e instrumentalização da natureza, perpetuando a violência e a precariedade estrutural de povos e diversos ecossistemas. Mas,

Posicionarnos desde un feminismo anclado en nuestras propias vivencias y territorios de resistencia se ha volcado en un ejercicio fundamental para la construcción de nuestras comunidades de vida, en que hemos aprendido desde la lucha de las mujeres zapatistas, el feminismo comunitario, decolonial, y otras rutas trazadas, que nuestro cuerpo es el primer territorio a disputar.

El extractivismo, en tanto extracción intensificada e ilimitada de los bienes comunitarios para la generación de ganancias en los mercados globales, se ha basado históricamente en torno al despojo, el saqueo y la instrumentalización de la naturaleza, perpetuando la violencia y

também, reproduziu um padrão de exploração e políticas de consumo semelhante ao que opera nos corpos de mulheres, meninas e em dissidências sexuais e de gênero¹ de diversos povos (originários, afro, migrantes, setores populares, urbanos e camponeses). A natureza foi associada ao selvagem, ao caótico, ao indígena, ao feminino, ao infantil, em contraste com o civilizatório, concebido como lugar do masculino, do racional, da ordem de imperar.

É assim que o extrativismo se ancora e configura economias e territorialidades masculinizadas, em que os empregos exercidos por mulheres e dissidentes são precários, feminizados, em condições de subemprego. O extrativismo opera, também, invisibilizando e intensificando o cuidado em territórios degradados, com crianças, companheiros, familiares e amigos que muitas vezes adoecem em decorrência da atividade extrativista da grande mineração, do agronegócio, do modelo florestal, da salmonicultura, entre outros.

Esses mesmos territórios são muitas vezes militarizados, não só com a presença de agentes do Estado, mas, também, com grupos paramilitares e equipes de segurança

precarización estructural tanto de los pueblos como de los diversos ecosistemas. Pero además ha reproducido un patrón de explotación y de políticas de consumo similar al que opera sobre cuerpos de mujeres, niñas y disidencias sexo-genéricas¹ de diversos pueblos (originarios, afro, migrantes, sectores populares urbanos y campesinos). La naturaleza fue asociada a lo salvaje, lo caótico, lo indígena, lo femenino, lo infantil, a diferencia de lo civilizatorio concebido como el lugar de lo masculino, lo racional, el orden a imperar.

Es así que el extractivismo se ancla y configura economías y territorialidades masculinizadas, en que los trabajos que realizan mujeres y disidencias son precarios, feminizados, en condiciones de subempleo, pero además invisibilizando y su vez intensificando los trabajos de cuidados en territorios degradados, con hijos, hijas, parejas, familiares y amistades muchas veces enfermas producto de la actividad extractivista de la gran minería, el agro-negocio, el modelo forestal, la salmonicultura, entre otras. Esos mismos territorios muchas veces son militarizados, sumán-

¹ Esse é um termo que tem sido utilizado por movimentos sociais e intelectuais, em contraposição à ideia de “diversidade sexual e de gênero”, que já é bastante normalizada, mas que, segundo seus críticos, está muito próxima do discurso da “tolerância”, ligada a uma perspectiva neoliberal e que não explica as hierarquias existentes no interior da “diversidade”.

Se trata de un término que ha sido utilizado por movimientos sociales e intelectuales, en contraposición a la idea de “diversidad sexual y de género”, que ya está bastante normalizada, pero que, según sus críticos, está muy cerca del discurso de la “tolerancia”, vinculado a una perspectiva neoliberal y que no explica las jerarquías existentes dentro de la “diversidad”.

dose la presencia de paramilitares y equipos de seguridad privada, para resguardar a las empresas que despojan y contaminan, aumentando la violencia y el acoso sexual. No es casualidad que en Chile una zona roja por los altos niveles de lesbofemicidio sea al mismo tiempo un lugar por excelencia del agro-negocio, la V región cordillera, donde se puede observar claramente la relación entre control y opresión de cuerpos y territorios desechables a la vista de los intereses del capital y del patriarcado.

Ante esta política sistemática de precarización de nuestras vidas, las mujeres y disidencias nos hemos organizado recordando las luchas de las ancestras ante la invasión colonial, durante la dictadura cívico-militar y hoy, entretejiendo diversas formas de resistencia y construcción de otros mundos posibles, organizando la vida y el día a día, sabiendo el carácter de urgencia de transitar más allá y fuera del extractivismo.

En estos últimos años nos hemos podido reconocer en un feminismo de los pueblos, de los territorios, desde donde repensar las luchas socioambientales, exigiendo verdad y justicia ante los crímenes de odio y el asesinato de defensoras y defensores de los territorios y las aguas, diciendo basta a la intensificación del ex-

privada, para proteger as empresas que saqueiam e poluem, aumentando a violência e o assédio sexual. Não é por acaso que no Chile uma zona vermelha, devido aos altos níveis de lesbofemicídio, é, ao mesmo tempo, um lugar por excelência para o agronegócio. Na V Região Cordilheira pode-se observar, claramente, a relação entre controle e opressão de corpos e territórios descartáveis na perspectiva dos interesses do capital e do patriarcado.

Diante dessa política sistemática de precarização de nossas vidas, mulheres e dissidentes se organizaram lembrando as lutas ancestrais frente à invasão colonial, as que foram travadas durante a ditadura cívico-militar, tecendo, hoje, diversas formas de resistência e de construção de outros mundos possíveis. Organizando a vida e o cotidiano, sabendo da urgência de ir além do extrativismo.

Nos últimos anos, pudemos nos reconhecer em um feminismo dos povos, dos territórios, a partir do qual nos foi permitido repensar as lutas socioambientais, exigindo verdade e justiça diante dos crimes de ódio e do assassinato de defensoras e defensores dos territórios e das águas, dizendo basta para a intensificação do extrativismo e a criminalização do protesto social.

Também nos reconhecemos na consolidação da solidariedade, das economias

territoriais feministas, reivindicando e pondo em prática a soberania alimentar através da agroecologia, do cuidado com as sementes tradicionais, das hortas urbanas, das redes populares de abastecimento e das refeições comunitárias, que permitem ver que os mundos nos quais queremos habitar, já existem.

É por isso que hoje e sempre: acima todos, todas e todes que lutam!

tractivismo y la criminalización de la protesta social. También nos hemos ido reconociendo a través de la consolidación de economías territoriales solidarias, feministas, reivindicando y poniendo en práctica la soberanía alimentaria mediante la agroecología, el cuidado de las semillas tradicionales, las huertas urbanas, las redes populares de abastecimiento y las ollas comunes, que dan cuenta que los mundos de los cuales queremos habitar ya existen.

Es por eso que hoy y siempre arriba las, los y les que luchan!





O RACISMO AMBIENTAL E AS FACES BRANCAS E PATRIARCAIS DOS MEGAPROJETOS DE “DESENVOLVIMENTO”¹

EL RACISMO AMBIENTAL Y LOS ROSTROS BLANCOS Y PATRIARCALES DE
LOS MEGAPROYECTOS DE “DESAROLLO”¹

Cris Faustino

Eu sempre fico pensando o que dizer ainda sobre questões como o racismo, porque a gente já vem há muitos anos falando sobre essas coisas. Tem sido uma conquista, no meu entender, a atuação da militância antirracista, das falas das mulheres negras, porque elas são bastante representativas, vivas, cheias de conhecimentos, é um processo irreversível, como diria Vilma Reis, da Bahia.

Acredito que uma das principais coisas que para esse debate é a compreensão

Siempre me pregunto qué decir sobre temas como el racismo, porque hemos estado hablando de estos temas durante muchos años. Ha sido un logro, en mi opinión, el papel de la militancia antirracista, de los discursos de las mujeres negras, porque son muy representativas, vivas, llenas de conocimiento, ascendencia e intelectualidad, es un proceso irreversible, según Vilma Reis, de Bahía.

Creo que una de las cosas

¹ O presente texto foi organizado por Karoline Kina, comunicadora do Instituto Pacs, a partir da apresentação de Cris no sexto encontro do Ciclo de Debates #MulheresTerritóriosdeLuta, disponível no site da Campanha Mulheres Territórios de Luta.

Este texto fue organizado por Karoline Kina, comunicadora del Instituto Pacs, a partir de la presentación de Cris en lo sexto encuentro del Ciclo de Debate #MujeresTerritoriosdeLucha, disponible en la web de la campaña Mujeres Territorios de Lucha.

aprofundada sobre o racismo estrutural e a forma como ele é fundante da nossa História. O Brasil começa com uma expropriação territorial e todos os ciclos econômicos que se seguiram, entre o período colonial e pós-colonial, são baseados na exploração de matérias primas e do meio ambiente. A história da degradação da natureza remonta a esse tempo de colonização, e, também, à toda a questão de quem domina e quem tem sido prejudicado dentro do processo histórico.

Apesar dos avanços no debate por meio das intelectualidades negras e dos povos indígenas, ainda falta um enorme salto na compreensão mais ampliada sobre o que é o racismo e as desigualdades, para além dos dados estatísticos. É preciso ter uma compreensão que não seja apenas uma abstração teórica, mas entendendo como uma prática que é vivida no cotidiano e que é geradora de intensas violências. Não há como discutir a questão ambiental como racismo, se você não consegue enxergar como ele é efetivo. É por isso que lutamos por políticas afirmativas, por exemplo, propondo mudanças no agora, pois ainda temos uma grande dificuldade em ultrapassar do pensamento para a construção metodológica do enfrentamento.

No debate sobre os megaprojetos de “desenvolvimento”, é importante nos questionarmos ainda quais são os terri-

principales de este debate es la comprensión profunda del racismo estructural y la forma en que es la base de nuestra historia. Brasil comienza con una expropiación territorial y todos los ciclos económicos que siguieron, entre los periodos colonial y poscolonial, se basan en la exploración de materias primas y el medio ambiente. La historia de la degradación de la naturaleza se remonta a esa época de la colonización, y también a toda la cuestión de quién domina y quién ha sido perjudicado dentro del proceso histórico.

A pesar de los avances en el debate a través de los intelectuales negros y los pueblos indígenas, todavía hay un gran salto en la comprensión más amplia de lo que es el racismo y las desigualdades, además de los datos estadísticos. Es necesario tener una comprensión que no es solo una abstracción teórica, sino la comprensión como una práctica que se vivencia en la vida cotidiana y que genera una violencia intensa. No hay forma de discutir el tema ambiental como racismo, si no puedes ver cuán efectivo es. Por eso luchamos por políticas afirmativas, por ejemplo, proponiendo cambios en el ahora, pues todavía tenemos una gran dificultad para superar el pensamiento para la construcción metodológica del afrontamiento.

En el debate sobre los mega-

proyectos de “desarrollo”, es importante preguntarnos cuáles son los territorios que demandan estas empresas, quiénes son las poblaciones, sus historias, sus territorios. La minería, el acero, la producción de energía eólica, el turismo convencional y todo lo demás son actividades que requieren de vastos territorios y que no terminan en una cadena productiva en sí. Son cadenas articuladas con relaciones desiguales, tanto desde el punto de vista ambiental como social y de “inclusión” en el mercado laboral y en los derechos laborales.

El uso excesivo de agua y la intensa producción de energía son exigencias de estos proyectos, que también demandan el daño ambiental y social que provocan, ya que no tienen la posibilidad de ser implementados sin generarlos. Los lugares a donde llegan son territorios que tienen lo que la gente llama recursos naturales, que se han convertido en productos para ser explotados por la extracción industrial a gran escala. Con esto, se produce la destrucción de las formas de vida tradicionales y sus profundos lazos con la naturaleza. Esta destrucción no es solo cultural, sino que también está relacionada con el trabajo y la destrucción de cuerpos, ancestralidad y subjetividad. Todo esto forma parte de la demanda, la necesidad de las grandes empresas.

tórios demandados por essas empresas, quem são as populações, as suas histórias, seus territórios. A mineração, a siderurgia, a produção de energia eólica, o turismo convencional e todo o resto são atividades que necessitam de vastos territórios e que não se encerram numa cadeia produtiva em si. São cadeias articuladas e com relações desiguais, tanto do ponto de vista ambiental, quanto social e da “inclusão” no mercado de trabalho e nos direitos trabalhistas.

O uso excessivo de água e a produção intensa de energia são exigências desses projetos, que demandam, ainda, os danos ambientais e sociais que causam, já que não têm a possibilidade de serem implementados sem gerá-los. Os locais onde chegam são territórios que têm o que as pessoas chamam de recursos naturais, que viram produtos a serem explorados pelo extrativismo industrial de larga escala. Com isso, acontece a destruição dos modos de vida tradicionais e de seus vínculos profundos com a natureza. Essa destruição não é só cultural, mas, também, está relacionada com o trabalho e com a destruição dos corpos, das ancestralidades e das subjetividades. Tudo isso faz parte da demanda, da necessidade dos grandes empreendimentos.

Diante disso, é fundamental que existam acordos razoáveis de proteção. Entretanto, o que existe são garantias jurídicas

para quem degrada o meio ambiente e os direitos dos povos, baseadas em institucionalidades brancas, muitas vezes identificadas e pertencentes aos grupos cujos interesses são dominantes. São acordos predominantes e legitimados e, em grande parte, feitos sem a participação das populações negras, indígenas ou originárias desses territórios. E aí, uma vez firmados, essas empresas trabalham na construção de um senso comum que enalteça a ideia de um processo, supostamente, desejado e esperado pela maioria das pessoas.

Todo esse contexto acaba gerando inúmeros conflitos nos territórios, que impactam não só os ecossistemas e a biodiversidade, mas também nas subjetividades, juventudes, nos espaços de trabalho e convivência e isso, obviamente, é fator que acaba afastando parte da população local dos seus modos de vida.

Para as mulheres, os impactos são muitos e diversos, incluindo os prejuízos à sua saúde mental, por conta dos agravos das preocupações. Nós não temos espaço nem nos empregos gerados por esses megaprojetos, pois há uma subalternização dos processos produtivos onde se incluem as mulheres.

O poder político de decisão está sob o domínio das elites brancas, o que fortalece seu poder de incidência sobre as populações, de um poder econômico, político e

Por tanto, es fundamental que existan acuerdos de protección razonables. Sin embargo, lo que existe son garantías legales para quienes degradan el medio ambiente y los derechos de los pueblos, basadas en instituciones blancas, a menudo identificadas y pertenecientes a grupos cuyos intereses son dominantes.

Son acuerdos predominantes y legítimos y, en gran medida, realizados sin la participación de las poblaciones negras, indígenas u originarias de estos territorios. Y luego, una vez firmadas, estas empresas trabajan en la construcción de un sentido común que enaltezca la idea de un proceso, supuestamente, deseado y esperado por la mayoría de las personas.

Todo este contexto acaba generando innumerables conflictos en los territorios, los cuales impactan no solo a los ecosistemas y la biodiversidad, sino también a las subjetividades, la juventud, los espacios de trabajo y la convivencia y esto, obviamente, es un factor que acaba sacando a la población local de su territorio, de sus formas de vida.

Para las mujeres, los impactos son muchos y diversos, incluido el daño a su salud mental, debido al empeoramiento de las preocupaciones. Ni siquiera tenemos espacio ni en los puestos de trabajo que generan estos

megaproyectos, pues hay una subalternización de los procesos productivos donde se incluye a las mujeres.

El poder de decisión política está bajo el control de las élites blancas, lo que refuerza su poder de influencia sobre las poblaciones, de un poder económico, político y legal bajo el mando de blancos, ricos, racistas y heteropatriarcal. Por ello, existe una fuerte demanda desde nuestra articulación para dar visibilidad tanto al proceso de explotación como a los poderes y posibilidades que traen las mujeres como sujeto político que lucha por sus derechos.

jurídico sob comando dos brancos, ricos, racistas e heteropatriarcais. Por isso, há uma demanda forte da nossa articulação em dar visibilidade tanto ao processo de exploração, quanto às potências e possibilidades trazidas pelas mulheres enquanto sujeito político em luta por seus diretos.





A MILITARIZAÇÃO DA VIDA E OS MEGAPROJETOS

LA MILITARIZACIÓN DE LA VIDA Y LOS MEGAPROYECTOS

Yasmin Bitencourt

A militarização da vida é um processo cruel e múltiplo, com profundas estruturas internacionais e que serve ao principal objetivo do projeto capitalista: o acúmulo de riqueza acima da vida. No contexto de implementação de megaprojetos de desenvolvimento, criação e manutenção do projeto capitalista, a militarização da vida é parte pulsante, mortífera, racista e doentia do que chega na cidade e no campo junto ao discurso do “desenvolvimento”.

“Quando veio a UPP foi muito forte. Por que em um bairro que não tem escola e nem hospital direito existem unidades de polícia pacificadora a cada 20 metros? Direito à qual tipo de segurança? Segurança para quê? Para quem? Quais espaços essa presença ocupa quando chega na favela? A juventude metade morre e metade vai para o tráfico.” (Ana Santos)¹

Como nos conta Ana Santos, da Serra da Misericórdia, no Rio de Janeiro, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) chegam ao Rio de Janeiro em 2008 e abrem as portas para o processo de comercialização da cidade como mercadoria. Foi

La militarización de la vida es un proceso cruel y múltiple, con profundas estructuras internacionales y que sirve al principal objetivo del proyecto capitalista: la acumulación de riqueza por encima de la vida. En el contexto de la implementación de megaproyectos para el desarrollo, creación y mantenimiento del proyecto capitalista, la militarización de la vida es una parte pulsante, mortal, racista e insana que llega a la ciudad y al campo junto con el discurso del “desarrollo”.

Quando llegó la UPP, era muy fuerte. ¿Por qué en un barrio que no tiene escuela ni hospital adecuado, hay unidades de la policía de paz cada 20 metros? ¿Derecho a qué tipo de seguridad? ¿Seguridad para qué? ¿Para quien? ¿Qué espacios ocupa esta presencia cuando llega a la favela? La mitad de los jóvenes muere y la otra mitad se dedica al tráfico de drogas. (Ana Santos)

Como nos dice Ana Santos, de la Serra da Misericórdia, en Río de Janeiro, las Unidades de Policía Pacificadora (UPP) llegaron a Río de Janeiro en 2008 y abrieron la

a partir delas que a cidade se preparou para a realização de megaeventos esportivos na cidade, assim como contribuíram para remoções nos territórios e para a especulação imobiliária, já que aquelas partes da cidade “se tornariam mais seguras” a partir da presença policial. Grupos militarizados, formais e informais, são essenciais para que essa engrenagem genocida possa funcionar. Estão articulados, organizados e ativos na disputa por poder local, e são parte do projeto capitalista de dominação e morte desenvolvido no Brasil e demais países do Sul Global. Tal cadeia internacional é tão relevante pois movimenta quantias milionárias de capital, assim como implica diretamente na construção e manutenção de capital bélico, mas principalmente na garantia da expropriação de populações para a acumulação de riqueza a partir do desenvolvimento de megaprojetos em diferentes setores. Teresa Boedo, feminista que vive na Guatemala, compartilha também sua leitura sobre o assunto:

Esse modelo extrativista também está se estendendo e expandindo na região graças ao maior poder que as forças armadas vão tendo nos diferentes Estados. Estão devolvendo o poder às forças armadas e aos militares e isso está provocando um controle territorial por parte dos militares, forças policiais e paramilitares. [...] Em Honduras o exército acaba de receber 4 milhões de dólares para o agronegócio. Desde quando o exército tem competência a nível de agricultura nos países? Então

puerta al proceso de comercialización de la ciudad como mercancía. Fue a partir de ellos que la ciudad se preparó para los megaeventos deportivos, así como contribuyó a las mudanzas en los territorios y a la especulación inmobiliaria, ya que esas partes de la ciudad “se volverían más seguras” desde la presencia policial. Los grupos militarizados, formales e informales, son esenciales para que este engranaje genocida funcione. Están articulados, organizados y activos en la disputa por el poder local, y son parte del proyecto capitalista de dominación y muerte desarrollado en Brasil y otros países del Sur Global. Tal cadena internacional es tan relevante porque mueve montos millonarios de capital, además de implicarse directamente en la construcción y mantenimiento del capital de guerra, pero principalmente en garantizar la expropiación de poblaciones para la acumulación de riqueza a través del desarrollo de megaproyectos en diferentes sectores. Teresa Boedo, feminista residente en Guatemala, también comparte su lectura sobre el tema:

Este modelo extractivo también se está extendiendo y expandiendo en la región gracias al mayor poder que están teniendo las Fuerzas Armadas en los diferentes estados. Están devolviendo el poder a las fuerzas armadas y militares y esto está provocando el control territorial por parte de las fuerzas militares, policiales y paramilitares. [...] En Honduras, el ejército acaba de recibir US \$ 4 millones

para la agroindustria. ¿Desde cuándo el ejército tiene competencia agrícola en los países? Luego, se firman acuerdos de este estilo, que solo perpetúan o facilitan el control territorial por parte de las fuerzas. También vemos que las políticas neoliberales y los presupuestos recientemente aprobados también en los países centroamericanos reducen el presupuesto de educación, salud y lo aumentan en temas de inversión extranjera y para las fuerzas armadas, lo que profundiza cada vez más la desigualdad y el empobrecimiento de la población. (Teresa Boedo)

También desde la histórica relación umbilical de las milicias con figuras políticas en los territorios, se manipula la narrativa de guerra y combate para mantener políticas públicas militarizadas. En el contexto de la instalación de megaproyectos, estos grupos locales informales son fundamentales para generar miedo en la población, para alejar o coaccionar acciones colectivas, para apoyar de manera armada los procesos de expropiación de tierras para la construcción de industrias, así como para evitar acciones contra su funcionamiento. Cuando están dominados, los sectores de seguridad pública sirven, entre otras cosas, para que las denuncias no ganen protagonismo y garanticen negociaciones con sectores cada vez más poderosos dentro de las instituciones de seguridad pública. Como afirma Vera Domingos, una defensora impactada por el Complejo Suape, en Pernambuco:

se firmam convênios desse estilo que fazem, unicamente, perpetuar ou facilitar um controle territorial por parte das forças. Também vemos que as políticas neoliberais e os orçamentos recentemente aprovados também nos países centroamericanos reduzem o orçamento em educação, em saúde, e o aumentam em temas de investimento estrangeiro e para as forças armadas, o que está aprofundando cada vez mais a desigualdade e o empobrecimento da população. (Teresa Boedo)

A partir também da relação histórica umbilical das milícias com figuras políticas nos territórios, a narrativa de guerra e combate é manipulada para a manutenção de políticas públicas militarizadas. No contexto da instalação de megaprojetos, esses grupos locais informais são fundamentais para gerar medo na população, afastar ou coagir ações coletivas, apoiar de forma armada os processos de expropriação de terras para a construção de indústrias, assim como impedir quaisquer ações contra o funcionamento delas. Quando dominados, os setores de segurança pública servem, entre outras coisas, para que denúncias não ganhem projeção e garantem negociações com setores cada vez mais poderosos dentro das instituições públicas de segurança. Como conta Vera Domingos, defensora impactada pelo Complexo Suape, em Pernambuco:

Já teve situação do comissário da polícia dizendo que não iria fazer o boletim de ocorrência. Quer dizer, a gente fica nessa situação perversa que é essa estrutura do

megaprojeto e sabendo que o delegado não quer fazer nada porque acha que vai estar brigando com o Estado. O comissário não quer se envolver porque acha que o Estado tem direito, acha que nós somos invasores, acha que nós somos os infratores. Então, os megaprojetos, de uma forma perversa, eles atravessam nossos direitos, em muitos casos destrói nossos sonhos. O machismo impera nesses projetos, onde as mulheres - principalmente as mulheres - não tem direito a reivindicações. Dizem que a gente está com politicagem, dizem que não temos o que fazer em casa. E eu tenho que me sobressair, tenho que dizer que estou aqui para defender meus direitos. (Vera Domingos)

A ascensão de políticos que defendem o armamento e o aprofundamento de políticas militarizadas é acompanhada do discurso de ódio às populações negras e periféricas, mas principalmente às mulheres. A instrumentalização desses discursos fundamentalistas e moralistas tem origem nos processos coloniais de morte, estupro e expropriação dos territórios e das mulheres, o que nos permite sentir ainda mais a presença da conexão pulsante entre periferias, favelas, quilombos e aldeias, já que são violadas, mas que justamente encontram forças na fé, na espiritualidade, no amor e na revolta contra o sistema para resistir e manter suas práticas e histórias vivas. A perseguição e a execução de defensores e defensoras de direitos nos territórios faz parte também dessa estrutura dos megaprojetos.

Ya ha habido una situación con el comisario diciendo que no haría el informe policial. Quiero decir, estamos en esta situación perversa que es esta estructura de megaproyecto y sabiendo que el delegado no quiere hacer nada porque cree que va a estar peleando con el Estado. El comisario no quiere involucrarse porque cree que el estado tiene un derecho, cree que somos invasores, cree que somos los infractores. Entonces, los megaproyectos, de manera perversa, traspasan nuestros derechos, en muchos casos destruye nuestros sueños. El machismo prevalece en estos proyectos, donde las mujeres, especialmente las mujeres, no tienen derecho a reclamos. Dicen que estamos haciendo política, dicen que no tenemos nada que hacer en casa. Y me tengo que destacar, tengo que decir que estoy aquí para defender mis derechos.
(Vera Domingos)

El auge de los políticos que defienden las armas y la profundización de las políticas militarizadas va acompañado de un discurso de odio hacia las poblaciones negras y periféricas, pero principalmente hacia las mujeres. La instrumentalización de estos discursos fundamentalistas y moralistas se origina en los procesos coloniales de muerte, violación y expropiación de territorios y mujeres, lo que nos permite sentir aún más la presencia de la conexión palpitante entre periferias, favelas, quilombos y aldeas, ya que son violadas, pero que encuentran fuerza en la fe, en la espiritualidad, en el amor y en la rebelión contra el sistema para resistir y mantener vivas sus prácticas e historias. La

persecución y ejecución de defensoras y defensores de derechos en los territorios también forma parte de esta estructura de megaproyectos:

Lo que vemos con mayor preocupación es que estos conflictos territoriales están cada vez más acompañados de procesos de criminalización y judicialización de los defensores de la Tierra, del territorio y de los bienes naturales, especialmente de ellos. Ahora vamos a presentar un informe mesoamericano de los últimos tres años (2017, 2018 y 2019), en el que vemos un incremento en los asesinatos, especialmente de miembros y líderes de movimientos campesinos indígenas, ante los procesos de defensa de los recursos naturales, como es el caso de Honduras y Guatemala. Se trata principalmente del nivel de asesinatos, pero lo que vemos es una mayor judicialización y criminalización a todos los niveles, pero sobre todo de las compañeras que están en defensa del territorio; y entendiendo como criminalización [...] un fenómeno que se destaca no solo dentro del poder judicial o del sistema judicial, sino que va desde campañas de descrédito, estigmatización de la labor de las defensoras, amenazas, hostigamiento, es decir, a la parte de la comunidad dentro de las organizaciones. Es un fenómeno que nos preocupa mucho. También quisiera insertar estos elementos en esta ampliación, esta permisividad, que está teniendo el modelo extractivo en la región. (Teresa Boedo)

Entender la militarización de la vida como impulsora y habilitadora de megaproyectos, pero también como acción de impacto constante,

O que vemos com maior preocupação é que esses conflitos territoriais estão vindo acompanhados cada vez mais de processos de criminalização e judicialização dos defensores da Terra e do território dos bens naturais, especialmente deles. Agora vamos apresentar um informe mesoamericano dos últimos três anos (2017, 2018 e 2019), no qual vemos um aumento dos assassinatos especialmente de integrantes e líderes de movimentos campesinos indígenas, a frente de processos de defesa dos recursos naturais, como é o caso de Honduras e Guatemala. Preocupa, principalmente, o nível de assassinatos, mas o que vemos é uma maior judicialização e criminalização em todos os níveis, mas especialmente das companheiras que estão em defesa do território; e entendendo como criminalização [...] um fenômeno que se demarca não somente dentro do poder judicial ou do sistema judicial, mas que vai desde campanhas de desprestígio, estigmatização do trabalho das mulheres defensoras, ameaças, assédios, ou seja, por parte da comunidade interna às organizações. É um fenômeno que nos preocupa muitíssimo. Queria inserir esses elementos também nessa amplificação, essa permissividade, que o modelo extrativista está tendo na região. (Teresa Boedo)

Entender a militarização da vida enquanto sustentadora e viabilizadora dos megaprojetos, mas também como ação constante de impacto, é fundamental para um enfrentamento ainda mais profundo a esse modelo. O Movimento de Mães e Familiares de Vítimas do Estado, as Mães de Maio e os Movimentos de Favelas estão na linha de frente da re-

sistência à militarização nas cidades, assim como a luta das Defensoras de Direitos Humanos e da Natureza em toda a América Latina. Execuções, ameaças, perseguições, saques e cerceamento dos espaços públicos são alguns dos instrumentos usados por grupos de militares e paramilitares em países como Honduras, Guatemala, El Salvador e México. A normalização dessa violência à vida das mulheres e ao ambiente para garantia da expropriação das terras, das águas, do ar e até mesmo da circulação da população local pelos seus territórios tradicionais, são exemplos desse processo. Atinge os corpos-territórios, as mentes, as ancestralidades e as liberdades dessas mulheres.

Em megaempreendimentos mineiros, siderúrgicos, turísticos, de infraestrutura, construção, o agronegócio e tantos outros administrados por empresas e corporações transnacionais, governos locais ou a combinação desses atores, o uso de armas, violência e agressão são comuns e uma intercessão relacionada à indústria armamentista internacional e baseada em ideias fundamentalistas religiosas e moralistas, assim como no acirramento de forças e no genocídio do povo preto e periférico. É necessário o combate ao projeto internacional de militarização da vida, dos corpos, dos

es fundamental para un enfrentamiento aún más profundo con este modelo. El Movimiento de Madres y Familiares de Víctimas del Estado, las Madres de la Plaza de Mayo y los Movimientos de Favelas están a la vanguardia de la resistencia a la militarización en las ciudades, así como la lucha de Defensoras de los Derechos Humanos y la Naturaleza en América Latina. Ejecuciones, amenazas, hostigamientos, saqueos y la contención de espacios públicos son algunos de los instrumentos utilizados por grupos de fuerzas militares y paramilitares en países como Honduras, Guatemala, El Salvador y México. La normalización de esta violencia a la vida de las mujeres y el medio ambiente para garantizar la expropiación de la tierra, el agua, el aire e incluso la circulación de la población local por sus territorios tradicionales, son ejemplos de este proceso. Afecta los cuerpos-territorios, las mentes, las ancestralidades y las libertades de estas mujeres.

En la minería, la siderurgia, el urismo, las infraestructuras, la construcción, el agronegocio y muchos otros megaproyectos gestionados por empresas y corporaciones transnacionales, gobiernos locales o la combinación de estos actores, el uso de las armas, la violencia y la agresión son comunes y una intercesión relacionada con la industria armamentística internacional y basada en ideas religiosas y moralistas fundamentalistas, así como en la

escalada de fuerzas y el genocidio de los pueblos negros y periféricos. Es necesario combatir el proyecto internacional de militarización de la vida, los cuerpos, los territorios y nuestras ideas para la defensa y garantía de una vida autónoma y digna, preservada de cualquier forma de desarrollo que no provenga de los territorios.

territórios e das nossas ideias para a defesa e a garantia de vida autônoma e digna, preservada de qualquer forma de desenvolvimento que não venha dos territórios.





MORTE EM VIDA: A DOR COMO REAÇÃO À FALTA DE HUMANIDADE

MUERTE EN VIDA: EL DOLOR COMO REACCIÓN A LA FALTA DE HUMANIDAD

Isabelle Rodrigues

Às margens do Xingu, no encontro das águas com as árvores, é onde Ana Laíde Barbosa encontra respiro em meio aos encantados da floresta. “O sopro que se junta com o vento é o que me oxigena e me dá força para continuar”, descreve ela, que faz parte do Movimento Xingu Vivo Para Sempre, em defesa da natureza e do território da Volta Grande do Xingu, frente aos impactos da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira, no norte do estado do Pará. O empreendimento, que seca o rio a cada dia, invade territórios sagrados e viola a história dos antepassados da região, é mais um dos inúmeros projetos de extermínio que ilustram a falácia do discurso desenvolvimentista dos megaprojetos.

É quando o lucro das empresas faz a lama encobrir as memórias de uma comunidade, as nuvens de fumaça sufocarem o cotidiano, o pó do aço entrar nas casas, as águas secarem, os peixes sucumbirem,

A orillas del Xingu, en el encuentro de las aguas con los árboles, es aquí donde Ana Laíde Barbosa encuentra su aliento en medio de los encantados del bosque. “El aliento que se une al viento es lo que me oxigena y me da fuerzas para seguir”, describe ella, quien forma parte del Movimiento Xingu Vivo Para Siempre, en defensa de la naturaleza y el territorio de Volta Grande do Xingu, contra los impactos de la Central Hidroeléctrica Belo Monte, en Altamira, en el norte del estado de Pará. La empresa, que seca el río todos los días, invade territorios sagrados y viola la historia de los antepasados de la región, es otro de los innumerables proyectos de exterminio que ilustran la falacia del discurso desarrollista de los megaproyectos.

Ahí es cuando las ganancias corporativas hacen que el barro cubra los recuerdos de una comunidad, las nubes de humo

as árvores caírem, as formas de viver se extinguírem e as existências perderem o sentido. É o dinheiro acima da vida.

Mas como dá pra dizer que existe vida quando se deita para dormir esperando um teto desabar? É possível considerar alguma vivência quando uma mãe tem que puxar os filhos para debaixo da cama por medo de balas perdidas cujas estatísticas tem lugar, classe e cor? Quando se perde a identidade, o chão de casa, a paisagem que se olha pela janela, as referências de existência, perde-se, a cada instante, um pouco da vida. É ter certeza que levantar todos os dias é remar contra a maré de quem considera que você já está morta. E quem paga o preço dos corpos-territórios violentados numa realidade que mata aos poucos?

A quem interessa quando o luto vem do lucro?

Além dos impactos sociais e ambientais visíveis e comprováveis causados pelos produtos de uma sociedade capitalista, racista e patriarcal, os danos ocultos e silenciosos que agredem as populações atingidas são capazes de invadir e violentar corpos assim como fazem as máquinas, tanques e escavadeiras dos megaprojetos nos territórios.

O corpo vira lugar de passagem e dor, golpeado pelas mais diversas formas de

*sofoquen la vida cotidiana,
el polvo de acero entre en las
casas, el agua se seque, los peces
sucumban, los árboles se caigan,
las formas de vida se extingan
y las existencias pierdan su
sentido. Es dinero por encima de
la vida.*

*Pero, ¿cómo uno puede decir
que hay vida cuando se acuesta
a dormir esperando que se
derrumbe un techo? ¿Es posible
considerar alguna experiencia
cuando una madre tiene que ti-
rar a sus hijos debajo de la cama
por temor a las balas perdidas
cuyas estadísticas tienen lugar,
clase y color? Cuando se pierde
la identidad, el suelo de la casa,
el paisaje que se asoma por la
ventana, las referencias a la exis-
tencia, se pierde un poco de vida
en cada momento. Es asegurarse
de que levantarse todos los días
es remar contra la marea de
aquellos que piensan que ya estás
muerta. ¿Y quiénes pagan el
precio de los cuerpos-territorios
violados en una realidad que
mata poco a poco?*

*¿A quiénes les importa que
el duelo provenga de las
ganancias?*

*Además de los impactos sociales
y ambientales visibles y verifica-
bles provocados por los produc-
tos de una sociedad capitalista,
racista y patriarcal, los daños
ocultos y silenciosos que atacan
a las poblaciones afectadas son*

capaces de invadir y violar cuerpos al igual que las máquinas, tanques y excavadoras de los megaproyectos en territorios.

El cuerpo se convierte en un lugar de paso y dolor, golpeados por las más diversas formas de violencia física y psicológica y expuestos a condiciones paralizantes que no interesan a quienes ocupan posiciones de poder. No es sentido, escuchado y, mucho menos, consultado sobre las atrocidades a las que se ve afectado y, para sobrevivir, necesitas armarte con una armadura de fuerza, lucha y resistencia. No parece haber ninguna alternativa.

El vínculo del cuerpo con el territorio enferma al organismo cuando ve una maquinaria tumbando a un árbol o una madre llorando por la pérdida de un hijo llevado por las armas de la militarización de la vida. El sonido de la sirena de los vehículos en las favelas anticipa y desencadena el recuerdo de un sufrimiento ya conocido por quienes han violado por completo su cotidianidad, así como la vista del agua turbia de los ríos que fueron un hogar y el recuerdo de una inundación de barro arrastrando el lugar donde creciste. Es el dolor como reacción a la falta de humanidad.

¿Cómo reaccionar cuando extraños pisan y exterminan

violências física e psicológica e exposto a condições paralisantes que não interessam a quem ocupa os cargos de poder. Não é sentido, escutado e, muito menos, consultado sobre as atrocidades a que é acometido e, para sobreviver, precisa se blindar em uma armadura de força, luta e resistência. Parece que não há nenhuma alternativa.

O elo do corpo com o território faz o organismo adoecer quando vê um maquinário derrubar uma árvore ou uma mãe chorando a perda de um filho levado pelas armas da militarização da vida. O barulho da sirene das viaturas nas favelas antecipa e aciona a memória de um sofrimento já conhecido de quem tem o seu cotidiano violado integralmente, assim como a vista da água turbia dos rios que eram casa e a lembrança de uma enxurrada de lama arrastando o lugar em que você cresceu. É a dor como reação à falta de humanidade.

Como reagir quando estranhos pisam e exterminam as suas referências mais sagradas de espaço, cultura e ancestralidade, se não com uma condição de revolta constante? Não existe outro caminho a não ser o da indignação - que custa alto para quem paga o preço. De um dia para o outro, a ansiedade passa a esvaziar a rotina, as noites perdem o sentido, o sono dá lugar ao pesadelo, a pele arrepia, o peito aperta, os mem-

broso tremem, o pulmão perde o ar, os pés perdem o equilíbrio e a cabeça gira como resposta à pressão de se sentir invadido. E a luta, que muitas vezes é movimento, respiro e perspectiva, também fragiliza.

A dita responsabilidade socioambiental dos donos do lucro é a cortina de fumaça que ajuda a manter os engravatados no poder e os megaprojetos vivos, enquanto famílias choram as perdas de seus entes. O dinheiro paga milhões para reforçar narrativas no horário nobre das emissoras e nem sequer é cogitado para ser destinado à reparação dos danos que ele mesmo causou, como ilustra o caso de crimes socioambientais cometidos pela mineradora Vale S.A. em Mariana e Brumadinho. E enquanto prédios, minas e usinas se agigantam em proporção, pessoas vivem reféns do medo constante e são obrigadas a conviver com o acúmulo de cicatrizes eternas e irreparáveis. Mas o que se torna o viver quando se enfrenta múltiplas possibilidades de morte em todos os seus dias?

Corpos-territórios que re(existem) pela vida em um cotidiano de mortes

“A força vem do medo, do medo da forma da morte, de não conseguir fazer o que tenho vontade”, desabafa Luciana Melo, educadora popular do MST e do MAM, ao pensar nas consequências da violência permanente para os corpos que sofrem

sus más sagrados referentes de espacio, cultura y ascendencia, si no en una condición de constante revuelta? No hay otra manera que la indignación, que cuesta mucho para quienes pagan el precio. De un día al otro, la ansiedad empieza a vaciar la rutina, las noches pierden sentido, el sueño da paso a la pesadilla, la piel se enfría, el pecho se aprieta, las estremidades tiemblan, el pulmón pierde aire, los pies pierden el equilibrio y la cabeza gira en respuesta a la presión de sentirse invadido. Y la lucha, que a menudo es movimiento, respiración y perspectiva, también debilita.

La llamada responsabilidad socioambiental de los dueños del lucro es la cortina de humo que ayuda a mantener los trajeados en el poder y los megaproyectos vivos, mientras las familias lloran la pérdida de sus seres queridos.

El dinero paga millones para reforzar las narrativas en horario de máxima audiencia de las emisoras y ni siquiera se considera que se utilice para reparar los daños que el mismo causó, como ilustra el caso de delitos socioambientales cometidos por la empresa minera Vale S.A. en Mariana y Brumadinho.

Y mientras los edificios, las minas y las usinas se asoman en proporción, las personas viven rehenes del miedo constante y se ven obligadas a convivir con la acumulación de cicatrizes eter-

nas e irreparables. Pero, ¿en qué se convierte la vida cuando te enfrentas a múltiples posibilidades de muerte en todos tus días?

Cuerpos-territorios que re(existen) por la vida en un cotidiano de muertes

“La fuerza viene del miedo, miedo a la forma de la muerte, a no poder hacer lo que quiero hacer”, desahogaba Luciana Melo educadora popular del MST y MAM, al pensar en las consecuencias de la violencia permanente para los cuerpos que cada día sufren violaciones de derechos. Las mujeres – especialmente de la población negra e indígena, que también se ven afectadas por los rostros del racismo – somos las más impactadas y expuestas por esta realidad, resultante estructuralmente de un sistema machista y patriarcal. Además de ser presionadas por la sociedad para lograr estándares y expectativas físicas y de comportamiento, las mujeres, desde muy temprana edad, vemos nuestros cuerpos colocados como objetos e instrumentos de placer.

Mientras las empresas venden la narrativa de los efectos positivos de las megaempresas, son las mujeres, quienes más sufren el duelo constante, la derrota diaria en la lucha por la justicia y la reparación, en la inquieta rutina del trabajo reproductivo y

em todos os seus dias as violações de direitos. As mulheres - especialmente da população negra e indígena, que também são atingidas pelas faces do racismo - são as mais impactadas e expostas por esta realidade, estruturalmente resultante de um sistema machista e patriarcal. Além de serem pressionadas pela sociedade a atingirem padrões e expectativas físicas e comportamentais, as mulheres, desde muito cedo, veem seus corpos colocados como objetos e instrumentos de prazer.

Enquanto as empresas vendem a narrativa dos efeitos positivos dos megaempreendimentos, são as mulheres que mais sofrem com o luto constante, a derrota diária na luta por justiça e reparação, na rotina sem descansos do trabalho reprodutivo e na obrigação de se portarem como âncoras familiares. É quem tem que cuidar dos filhos, da casa, da renda, da natureza, dos territórios e dos direitos dos seus, sem tempo para si. *Eu descobri que tenho um corpo que necessita de cuidados, em todos os sentidos*”, também acrescenta Luciana. Mas como amenizar os danos da violência em um corpo que a todo momento é colocado em linha de frente?

“Quem está sempre gerindo a casa é a mulher, que tem uma preocupação recorrente de um filho ficar doente e não ter como arcar com um tratamento, tem a questão da limpeza, que afe-

ta bastante por causa da poluição, tem o emprego, já que a mulher acaba tendo que fazer todo o trabalho doméstico e ainda precisa trabalhar fora de casa, além de muitas vezes viver sozinha. Isso afeta demais por estar sempre cuidando das pessoas a sua volta.” (Aline Marins)

Essa fala é de Aline Marins, do Coletivo Martha Trindade, um grupo de jovens que se articulam e resistem no território de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, contra a siderúrgica Ternium Brasil, antiga TKCSA. A empresa, que foi instalada em 2005, chegou para poluir as águas da Baía de Sepetiba, acabar com as fontes de renda de pescadores e marisqueiros e transformar a região – já invisível para o resto da cidade – em uma nuvem de poeira e pó de aço. A maior siderúrgica da América Latina, como dizem os grandes outdoors espalhados pelo bairro, é apenas mais um exemplo do que faz um megaprojeto por trás do que os seus discursos e campanhas tentam convencer: extermina identidades e formas de viver. “O meu corpo hoje é um corpo cansado porque vê tudo que acontece há tantos anos, mas que ainda assim tenta continuar e seguir em frente”, relata Aline, que teve o lugar que nasceu e cresceu arrancado de sentidos com a chegada dos donos do lucro.

E enquanto é nos corpos das mulheres que se entranham e permanecem os maiores impactos aos seus territórios,

la obligación de comportarse como anclas familiares. Es quien tiene que cuidar a los hijos, la casa, los ingresos, la naturaleza, los territorios y los derechos propios, sin tiempo para ellos mismos. “Descubrí que tengo un cuerpo que necesita cuidados, en todos los sentidos”, también agrega Luciana. Pero, ¿cómo mitigar el daño causado por la violencia en un cuerpo que constantemente se pone en primera línea?

“La que siempre está a cargo de la casa es la mujer, que tiene la preocupación recurrente de que su hijo se enferme y sea posible pagar el tratamiento, está el tema de limpieza, que afecta mucho por la contaminación, está el trabajo, ya que la mujer acaba teniendo que hacer todas las tareas del hogar y todavía necesita trabajar fuera, además de vivir a menudo solo. Esto nos afecta mucho porque siempre estamos cuidando a las personas que nos rodean.” (Aline Marins)

Esta cita es de Aline Marins, del Colectivo Martha Trindade, un grupo de jóvenes que se organizan y resisten en el territorio de Santa Cruz, en la Zona Oeste de Río de Janeiro, contra la siderúrgica Ternium Brasil, antes TKCSA. La empresa, que se instaló en 2005, llegó a contaminar las aguas de la bahía de Sepetiba, acabar con las fuentes de ingresos de los pescadores y marisqueros transformar la región, ya invisible para el resto de la ciudad, en una nube de polvo y polvo de acero. La siderúrgica más grande de América Latina, como dicen las grandes vallas publicitarias

del barrio, es solo otro ejemplo de lo que hace un megaproyecto detrás de lo que sus discursos y campañas intentan convencer: extermina identidades y formas de vida. “Mi cuerpo hoy es un cuerpo cansado porque ve todo lo que ha pasado a lo largo de tantos años, pero que aún intenta continuar y seguir adelante.” informa Aline, que tuvo el lugar donde nació y creció arrancado de los sentidos con la llegada de los dueños del lucro.

Y mientras es en los cuerpos de las mujeres donde los mayores impactos en sus territorios están arraigados y permanecen, también es de ellos que pulsa la fuerza para la (re)existencia, incluso cuando significa superar el dolor. “Así que, es un cuerpo frágil por dentro, pero duro por fuera. Es un cuerpo que no se cuida, que levanta todos los días y que ni siquiera se toca, pero que necesita estar de pie”, es lo que nos cuenta Ana Santos, educadora popular, culinaria, residente en Serra da Misericórdia, en Complexo da Penha, Zona Norte de Río de Janeiro .

La región, marcada fuertemente por la militarización en forma de “caveirões”, tanques de guerra y ruido de helicópteros y vehículos, hace que Ana se cuestione “¿Qué derecho a la ciudad tengo?” Cuando reflexiona sobre la presencia de múltiples unidades policiales pacificadoras separadas por unos metros en las calles. “Normalizamos esta situación y naturalizamos este proceso de violencia contra nuestros cuerpos, para resistir y seguir viviendo”, desahoga.

também é delas que pulsa a força para a (re)existência, mesmo quando isso significa passar por cima das dores. “É um corpo frágil por dentro, mas enrijecido por fora. É um corpo que não é cuidado, que levanta todos os dias e que, muitas vezes, nem se toca, mas que precisa estar de pé”, é o que conta Ana Santos, educadora popular, culinaria, moradora na Serra da Misericórdia, no Complexo da Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro. A região, marcada fortemente pela militarização em forma de caveirões, tanques de guerra e barulhos de helicópteros e viaturas, faz Ana questionar “que direito à cidade eu tenho?”, quando reflete sobre a presença de múltiplas unidades de polícia pacificadoras separadas por poucos metros de distância nas ruas. “A gente normaliza essa situação e naturaliza esse processo de violência contra os nossos corpos, para resistir e seguir vivendo”, desabafa.

Através do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM), do qual faz parte, é que Ana enxerga a construção de vida a partir da agroecologia, da agricultura urbana e da alimentação saudável como alternativas aos moradores e moradoras da favela. “Por isso eu vejo a importância do nosso trabalho e de coexistir aqui dentro, de criar redes, de se fortalecer. Porque o projeto para favela é mesmo um

projeto para a gente não viver muito tempo. Eu acho que eu só vivo mesmo porque eu consigo manter vivas muitas outras mulheres”, complementa. A fé nos encontros e os abraços doloridos de quem passa pela mesma sensação, mesmo que em outro lugar, são ferramentas de cura e de afaço para seguir em frente. Os culpados são os mesmos, só mudam de endereço.

“Assim como a água vai e vem, uma hora está limpa e outra está turva, a gente vai se conectando, ressuscitando, ressurgindo. Carrego a dor e sofrimento, mas também a felicidade”, é o que diz Ana Laíde quando reflete sobre de onde vem a esperança em meio a tanta destruição. Não se render é o único caminho possível quando a sua sobrevivência não interessa a quem está no controle institucional.

A través del Centro de Integración en Serra da Misericórdia (CEM), del que forma parte, Ana ve la construcción de la vida a partir de la agroecología, agricultura urbana y alimentación saludable como alternativas a los habitantes de las favelas. “Por eso veo la importancia de nuestro trabajo y de convivir aquí, de crear redes, de fortalecer. Porque el proyecto de las favelas es realmente un proyecto para que no vivamos mucho. Creo que solo vivo porque puedo mantener vivas a muchas otras mujeres”, complementa. La fe en las reuniones y los abrazos dolorosos de quienes experimentan la misma sensación, aunque sea en otra parte, son herramientas de sanación y caricia para seguir adelante. Los culpables son los mismos, solo cambian de dirección.

“Así como el agua va y viene, una hora está limpia y otra está turbia, nos conectamos, resucitando, resurgiendo. Llevo el dolor y el sufrimiento, pero también la felicidad” es lo que dice Ana Laíde cuando reflexiona de dónde viene la esperanza en medio de tanta destrucción. No rendirse es la única forma posible cuando su supervivencia no les importa a quienes están en el control institucional.





A VISÃO DAS SANADORAS SOBRE A PANDEMIA DO COVID-19: COMO O SISTEMA PATRIARCAL TEM AGIDO PARA CALAR AS MULHERES NA GUATEMALA¹

LA VISIÓN DE LAS SANADORAS SOBRE LA PANDEMIA COVID-19: CÓMO HA ACTUADO EL SISTEMA PATRIARCAL PARA SILENCIAR A LAS MUJERES EN GUATEMALA¹

Lorena Cabnal

Através do fogo aceso de uma vela de cor vermelha, do sangue que corre pelo seu corpo, que corre pelos corpos de milhares e milhares de mulheres neste continente e no mundo, saúdo ao espírito de nossas ancestrais, de territórios que também caminham e saúdo também a

A través del fuego encendido en una candela roja, de la sangre que corre por tu cuerpo, que corre por los cuerpos de miles y miles de mujeres en este continente y en el mundo, saludo el espíritu de nuestras ancestras, de los territorios que también caminan y también saludo la memoria de

¹ Este texto foi organizado por Karoline Kina, comunicadora do Instituto Pacs, com base na fala de Lorena Cabnal, durante o oitavo encontro do Ciclo de Debates #MulheresTerritóriosdeLuta, disponível no site da Campanha Mulheres Territórios de Luta.

Este texto fue organizado por Karoline Kina, comunicadora del Instituto Pacs, a partir de la intervención de Lorena Cabnal, durante el octavo encuentro del Ciclo de Debate #MujeresTerritoriosDeLucha, disponible en el sitio web de la Campaña Mujeres Territorios de Lucha.

memória de cada povo ancestral que se convoca nesses tempos. Saúdo as irmãs que colocam o corpo na linha de frente do ataque, obrigada por suas contribuições para tecer a Rede da Vida. Também saúdo aquelas que, hoje, estão vivendo os efeitos pandêmicos, sofrendo, que estão de luto, com medo e com preocupações que têm afetado os seus corpos. Saúdo a sabedoria dos povos para curar-nos, para levantar-nos, e, também, saúdo a força e a sabedoria das médicas e médicos indígenas. Saúdo a memória das plantas, das ervas, das águas, das pedras, dos rios, dos caminhos e da lua nessa fase de lua cheia, com essa energia que nos acompanha nesse calendário. Saúdo a memória das mulheres que estamos em consciência fazendo luta pela defesa da vida.

Eu venho da história das mulheres que tecem algo que hoje se conhece como território corpo-terra. Se você já ouviu isso por aí, se leu em um livro ou então ouviu de uma teórica, o território corpo-terra veio da luta organizada contra a mineração e contra as violências que as mulheres indígenas vivenciam sem ter passado pela academia, sem ter passado por outras formas complexas para trazer a abordagem na linguagem Maya Q'eqchi' y Xinka.

Para nós, a pandemia pelo Covid-19 deve ser interpretada como um efeito. Não surge por surgir, trata-se de um efeito do neoliberalismo, que vem do capitalismo

cada pueblo ancestral que se invoca en esos tiempos. Saludo a las hermanas que pusieron el cuerpo en la primera línea del ataque, gracias por sus aportes para tejer la red de la vida. Saludo también a quienes, hoy, están experimentando los efectos de la pandemia, que están sufriendo, están de luto, con miedo y preocupaciones que afectan sus cuerpos. Saludo la sabiduría de los pueblos para curarnos, para levantarnos, y también saludo la fuerza y sabiduría de las médicas y médicos indígenas. Saludo el recuerdo de las plantas, hierbas, aguas, piedras, ríos, de los caminos y la luna en esta fase de luna llena, con esa energía que nos acompaña en ese calendario. Saludo la memoria de las mujeres que estamos en conciencia luchando por la defensa de la vida.

Vengo de la historia de las mujeres que tejen lo que ahora se conoce como territorio cuerpo-tierra. Si lo has escuchado por ahí, si lo has leído en un libro o lo escuchaste de una teórica, el territorio cuerpo-tierra vino de la lucha organizada contra la minería y la violencia que viven las mujeres indígenas sin haber pasado por la academia, sin haber pasado por otras formas complejas de traer planteamiento a la lengua Maya Q'eqchi' y Xinka.

Para nosotras la pandemia de Covid-19 se interpreta como un efecto. No surge por surgir,

es un efecto del neoliberalismo, que viene del capitalismo y del sistema patriarcal. Este sistema que arrastra la colonialidad, las colonizaciones, el racismo, los robos, los genocídios, la violencia sexual. Y lo que tenemos ahora es un neoliberalismo pandémico que afecta el territorio tierra y el territorio cuerpo.

¿Cómo enfrentamos este efecto pandémico? Mira, no es casualidad que las mujeres hayamos luchado tanto por salir de los espacios privados. Luchar en las calles, denunciar toda impunidad, corrupción, feminicidio, violencia sexual. Y ahora, vemos cómo se legitimó el “quédate en casa” y esto es muy fuerte para las mujeres que han estado defendiendo territorio, porque este “quédate en casa” está regulado por ley.

Actualmente, Guatemala se encuentra en estado de sitio. Comenzó en marzo, solo por la noche, pero se expandió durante todo el día. El estado de sitio forma parte de la memoria reciente de las comunidades y pueblos resistentes en Guatemala. Presente en los más de 35 años de guerra contra la minería, centrales hidroeléctricas, monocultivos, grandes petroleras. El estado de sitio se impone para criminalizar y judicializar la lucha y resistencia de los pueblos ancestrales en Guatemala y deja huellas.

Ahora tenemos otra forma legiti-

e do sistema patriarcal. Esse sistema que arrasta a colonialidade, as colonizações, o racismo, os roubos, os genocídios, a violência sexual. E o que temos agora é um neoliberalismo pandêmico que atinge o território-terra e o território-corpo.

Como estamos enfrentando esse efeito pandêmico? Olha, não é coincidência que nós, mulheres, tenhamos lutado tanto para sair de espaços privados. Lutar nas ruas, denunciar toda impunidade, corrupção, feminicídios, violência sexual. E, agora, vemos como se legitimou o “fique em casa” e isso é muito forte para as mulheres que vêm fazendo defesa de território, porque esse “fique em casa” está regulamentado pela lei.

Nesse momento, a Guatemala está em estado de sítio. Começou em março, apenas à noite, mas ampliou para todo o dia. O estado de sítio faz parte da memória recente das comunidades e povos resistentes na Guatemala. Presente nos mais de 35 anos de guerra contra a mineração, as hidrelétricas, as monoculturas, as grandes petrolíferas. O estado de sítio se impõe para criminalizar e judicializar a luta e resistência dos povos ancestrais na Guatemala e deixa marcas.

Agora, temos outra forma legitimada de estado de sítio no âmbito da pandemia. Nós, mulheres, comunidades, irmãs e irmãos que vivemos de risco

político dizemos que estamos em duplo confinamento. Isso, porque já sofremos ataques e ameaças e, portanto, nossa vida deixou de ser comum, de mover-nos com toda a liberdade, já que temos ordens de captura, prisões, ameaças de morte e invasões. Agora, com a pandemia, este risco político é duplicado.

A forma como isso atinge os corpos das mulheres, defensoras de territórios mais empobrecidas, é um efeito desse neoliberalismo pandêmico. Aumentaram os casos de criminalização e acusação de mulheres, e de colegas e irmãos também. Mas, quero enfatizar as mulheres, aumentaram as situações complexas de perseguição política de mulheres nas comunidades. Vocês sabem por quê? Porque todos os serviços essenciais disseram que não iam parar, e veja que a mineração na Guatemala, por exemplo, não parou. Em todos esses meses de pandemia, a mineração continuou operando da mesma forma que as hidrelétricas, assim como as petroleiras e como a monocultura do azeite de dendê.

Então, o que aconteceu durante a pandemia foram invasões, assassinatos contra irmãos e irmãs, companheiros e companheiras dos setores e uma série de situações complexas de risco político de irmãs e irmãos aumentaram. Portanto, para nós, neste tempo de pandemia, há uma reconfiguração do sistema patriarcal neoliberal pandêmico e há um seguimento de

ma de estado de sitio en el contexto de la pandemia. Nosotras, mujeres, comunidades, hermanas y hermanos que vivimos en riesgo político, decimos que estamos en doble confinamiento. Esto se debe a que ya hemos sufrido ataques y amenazas y, por lo tanto, nuestra vida ya no es ordinaria, para movernos libremente, ya que tenemos órdenes de captura, arrestos, amenazas de muerte e invasiones. Ahora, con la pandemia, este riesgo político se duplica.

La forma en que esto afecta el cuerpo de las mujeres, defensoras de territorios más empobrecidas, es un efecto de este neoliberalismo pandémico. Han aumentado los casos de criminalización y enjuiciamiento de mujeres, al igual que colegas y hermanos. Pero quiero enfatizar a las mujeres, se han incrementado las complejas situaciones de persecución política a las mujeres en las comunidades. ¿Sabes por qué? Porque todos los servicios esenciales dijeron que no iban a parar, y verán que la minería en Guatemala, por ejemplo, no se ha detenido. En todos estos meses de pandemia, la minería siguió operando de la misma manera que las hidroeléctricas, así como las empresas petroleras y el monocultivo de aceite de palma.

Entonces, lo que sucedió durante la pandemia fueron invasiones, asesinatos contra hermanos y hermanas, compañeros y compañeras de los sectores y

han aumentado una serie de situaciones complejas de riesgo político de hermanas y hermanos. Por lo tanto, para nosotras, en este tiempo de pandemia, hay una reconfiguración del sistema patriarcal neoliberal pandémico y hay una continuación de la violencia sobre los cuerpos y la vida. Y esta es una de las estrategias de gobiernos impunes y corruptos, porque establecen medidas de emergencia de calamidad nacional y, con eso, se quitan todas las trabas para concesión. La impunidad y la corrupción van en aumento y uno se da cuenta de que Guatemala está sumamente endeudada. Entonces, ¿cómo afecta a nuestros cuerpos? Creo que afecta a todas las dimensiones de nuestro ser. Hubo una grave irresponsabilidad que afecta la armonización de la red de la vida y todas las mega industrias, el capitalismo, la contaminación, por lo que desencadenó un comportamiento viral.

Por lo tanto, no parcialicemos los efectos de la pandemia, pero también recordemos que la pandemia es un efecto encadenado. Es un efecto que viene concatenado de diversas opresiones, pero hermosa es la sabiduría de las guerreras, de las abuelas, de las ancestras. Para que, en su pluralidad de conocimientos, también en este momento, podamos enfrentar con dignidad y sabiduría este virus junto

violências sobre os corpos e sobre a vida. E isso é uma das estratégias de governos impunes e corruptos, porque eles estabelecem medidas emergenciais de calamidade nacional e, com isso, todas as travas são removidas para concessão. A impunidade e a corrupção aumentam e você percebe que a Guatemala está extremamente endividada. Então, como isso afeta nossos corpos? Acho que afeta todas as dimensões do nosso ser. Houve uma irresponsabilidade grave que atinge a harmonização da rede da vida e todas as mega indústrias, o capitalismo, a poluição desencadearam, assim, um comportamento viral.

Portanto, não parcializemos os efeitos da pandemia, mas também lembremos que a pandemia é um efeito encadeado. É um efeito que vem concatenado de várias opressões, mas bela é a sabedoria das guerreiras, das avós, das ancestrais. Para que, na sua pluralidade de saberes, também neste momento, enfrentemos com dignidade e sabedoria este vírus junto com todas as outras lutas que estamos fazendo em defesa da vida.

Eu gosto de algo que abordaram algumas irmãs e irmãos do Sul, em uma vez que dialoguei com Kichuas, onde disseram que nós mudamos isso de “fique em casa” por “fique em seu chakra”. É bonito também ver como isso te leva a uma relação de vida com o despertar. Acredito que algo que foi importante, porque foi

sustentador emocional e territorialmente, nesses momentos para nós, foi fortalecer o cultivo das plantas, das ervas que estão nos acompanhando nos processos de cura. Acorpamento de meninas em casa, com as diferentes irmãs, para que elas desenvolvam, desde seus conhecimentos em sociedade, desde a juventude, esses espaços para fortalecer a sabedoria sanadora em outras gerações. E nos aproximamos de avós e avôs, anciãos, para que nos contem quais coisas fizeram durante as pestes em que havia muita fome, já que sua memória e conhecimentos são vitais nesses tempos.

Para nós, foi impressionante ver como essa luta tem despertado as formas de imunologia ancestral, a partir da sabedoria milenar em medicina dos povos ancestrais. Nós dissemos para nós mesmas sobre os impressionantes casos que acompanhamos, não só na Guatemala, mas em diferentes territórios e comunidades, diferentes países. Foi impressionante para nós a carga disso e dissemos que, no meio de tudo, não podemos esquecer a curandeira e a cura. É ali onde convidamos as irmãs, companheiras, para que não se esqueçam também que a memória sanadora está mais perto do que imaginamos. Nossas mães, avós, anciãs e vizinhas são mulheres que também têm sabedoria e resistiram e viveram no urbano, como também na comunidade. Então, convidamos para que se aproximem

con todas las demás luchas que estamos haciendo en defensa de la vida.

Me gusta algo que plantearon algunas hermanas y hermanos del sur, cuando hablé con Kichuas, donde dijeron que cambiamos el “quédate en casa” por “quédate en tu chakra”. También es hermoso ver cómo te lleva a una relación de vida con el despertar. Creo que algo que fue importante, porque fue un apoyo emocional y territorial, en estos momentos para nosotras, fue fortalecer el cultivo de plantas, hierbas que nos están acompañando en los procesos de sanación. Acuerpando a las niñas en casa, con las diferentes hermanas, para que desarrollen, desde su conocimiento en la sociedad, desde su juventud, estos espacios para fortalecer la sabiduría sanadora en otras generaciones. Y nos acercamos a abuelos y abuelos, mayores, para que nos cuenten qué cosas hacían durante las pestes en las que había mucha hambre, ya que su memoria y conocimiento son vitales en esos tiempos.

Para nosotras fue impresionante ver cómo esta lucha ha despertado las formas de inmunología ancestral, basadas en la sabiduría milenaria medicinal de los pueblos ancestrales. Nosotras nos hemos contado los casos impresionantes que acompañamos, no solo en Guatemala,

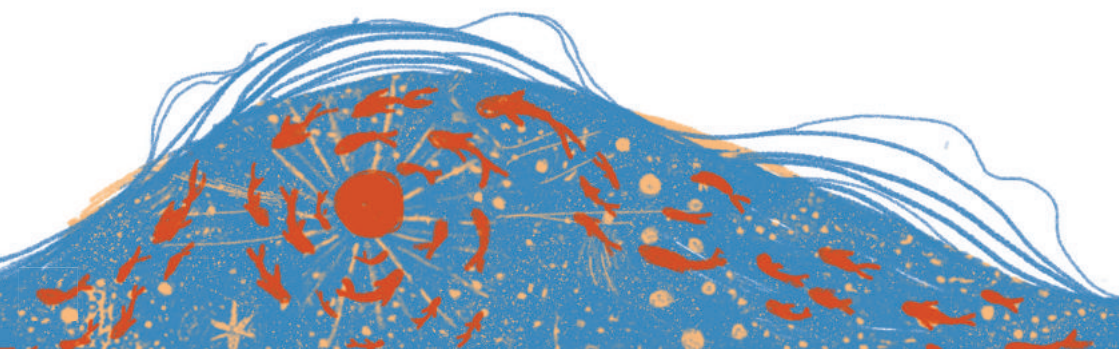
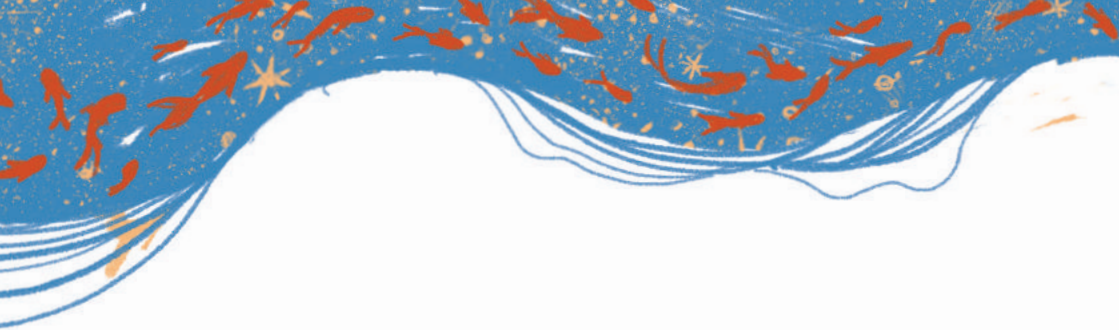
sino en diferentes territorios y comunidades, en diferentes países. El peso de eso fue impresionante para nosotras y dijimos que, en medio de todo, no podemos olvidar la sanadora y la cura. Es ahí donde invitamos a las hermanas, compañeras, para que también recuerden que la memoria sanadora está más cerca de lo que imaginamos. Nuestras madres, abuelas, ancianas y vecinas son mujeres que también tienen sabiduría y resistieron y vivieron en lo urbano, así como en la comunidad. Entonces, te invitamos a acercarte a tu madre, abuela, tía, con guías espirituales o sanadoras, para que también se acuerpen, porque hoy esto es vital.

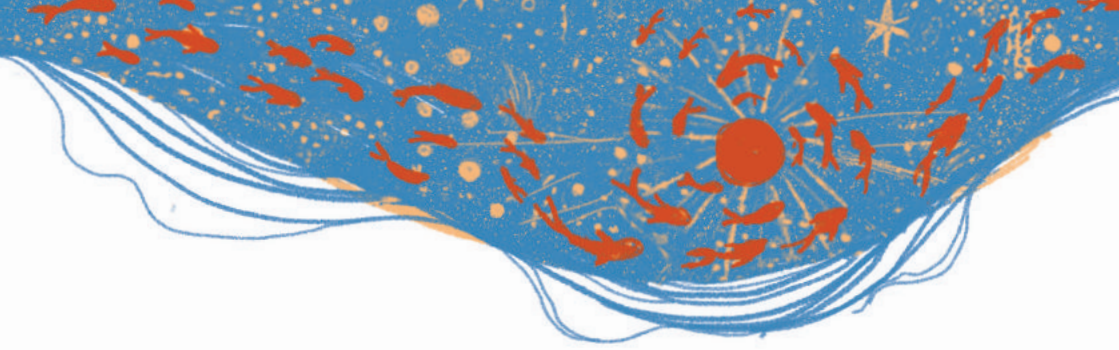
Que la fuerza y la sabiduría de las grandes guerreras sigan caminando, les guarde y les proteja. Y la sabiduría de las grandes mujeres que aportaron a los pueblos y los diferentes territorios, sea el urbano, sea en la ciudad, sea en el campo, sea en la selva, donde sea. Que sigamos convocando el tejido de la red de la vida, porque somos parte de la red de sanadoras ancestrales para seguir acuerpando y elevando, el cuerpo y el espíritu, en estos tiempos pandémicos.

de sua mãe, avó, tia, com as guias espirituais ou curandeiras, para que se acordem também, porque hoje isso é vital.

Que a força e a sabedoria das grandes guerreiras sigam caminhando, as guarde e as projeta. E a sabedoria das grandes mulheres que contribuíram aos povos e aos diferentes territórios, seja o urbano, seja na cidade, seja no campo, seja nas selvas, seja onde estejamos. Que sigamos convocando o tecido da rede da vida, porque somos parte da rede de sanadoras ancestrais para seguir acordando e levantando o corpo e o espírito nesses tempos de pandemia.

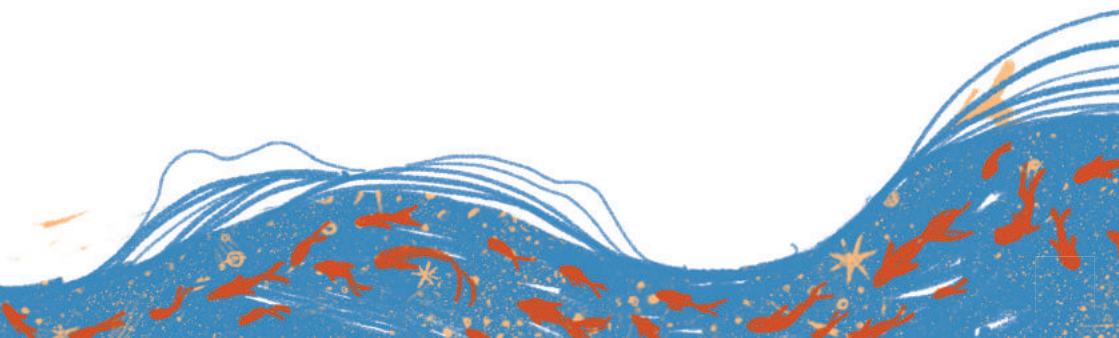






RESISTÊNCIA

RESISTENCIA





A ANCESTRALIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA¹

LA ANCESTRALIDAD COMO FORMA DE RESISTENCIA¹

Saney Souza

Minha avó tinha o nome de Sabina, que também era o nome da mãe de Zumbi dos Palmares. Ela era uma pessoa extremamente vaidosa, que adorava usar lenços, estava sempre bem arrumadinha e eu cresci vendo isso. Até hoje, eu guardo um lenço que era dela, porque eu tenho essa grande referência na minha identificação por conta do turbante, estou sempre com lenço na cabeça, porque eu cresci vendo a minha avó assim. Então, parte da minha identidade vem dela.

Ela deixou de viver fisicamente quando tinha 92 anos, morreu dentro de casa. Apesar de ter uma enfermidade, no dia que faleceu ela não sentia dor, ela só olhou para minha mãe, que estava dando uma arrumada na casa, deu um pequeno sorriso e partiu. Quando a gente pensa sobre o plano físico, a gente associa muito à questão da dor, da perda, de você não

Mi abuela se llamaba Sabina, que también era el nombre de la madre de Zumbi dos Palmares. Era una persona extremadamente vanidosa, a la que le encantaba llevar bufandas, era siempre muy apuesta y yo crecí mirándola. Hasta hoy, conservo una bufanda que era de ella, porque tengo esa gran referencia en mi identificación por el turbante, siempre llevo un pañuelo en la cabeza, porque crecí viendo a mi abuela así. Así que parte de mi identidad viene de ella

Dejó de vivir físicamente cuando tenía 92 años, murió dentro de la casa. A pesar de tener una enfermedad, el día que falleció no sintió dolor, solo miró a mi madre que estaba arreglando la casa, le dio una pequeña sonrisa y se fue. Cuando pensamos en el plano físico, lo asociamos mucho con el tema del duelo, de

¹ Este texto foi organizado por Karoline Kina, comunicadora do Instituto Pacs, a partir da apresentação de Saney Souza, no terceiro encontro do Ciclo de Debates #MulheresTerritóriosdeLuta, disponível no site da Campanha Mulheres Territórios de Luta.

Este texto fue organizado por Karoline Kina, comunicadora del Instituto Pacs, a partir de la intervención de Lorena Cabnal, durante el octavo encuentro del Ciclo de Debate #MujeresTerritoriosDeLucha, disponible en el sitio web de la Campaña Mujeres Territorios de Lucha.

ver mais a pessoa. Mas, quando a gente fala das resistências, a gente traz tudo isso que não está vivo fisicamente e que a nossa luta, a forma que a gente é e está na sociedade hoje, nesses enfrentamentos todos, resgata um pouco de cada uma dessas pessoas que não estão mais aqui.

Meu pai, Badu, fez parte de um grupo chamado “Os Tincoãs”, na década de 70. Um grupo que tocava música afro-brasileira, em uma época em que pouco se falava sobre, era algo muito violentado e estigmatizado. Se hoje já é, imagina naquele período. Foi um grupo revolucionário, de três homens negros, com atabaques e canto. Trabalho que ficou registrado na história da música no país, e até hoje é referência, principalmente quando a gente fala de música brasileira e da raiz da música afro.

Um fato curioso é que Tincoãs é o nome de uma ave, que tinha o apelido de “alma de caboclo”. Meu pai participou desse grupo, que significa essa ave, que tem esse nome, e aí ele conhece a minha mãe e os dois formam uma família, que ficou junta durante uns anos. Depois de um tempo, eles se separam, a gente vem para Campo Grande e minha mãe acaba fazendo parte de uma ocupação urbana chamada “Bosque dos Caboclos”. Eu chego nesse lugar. E aí com todo um trabalho meu e com a instituição que eu faço parte até hoje, nasce a “Coletiva de

la pérdida, de no ver más a la persona. Pero, cuando hablamos de resistencia, traemos todo lo que no está físicamente vivo y que es nuestra lucha, como somos y estamos en la sociedad hoy, en estos enfrentamientos, rescata un poco de cada una de esas personas que ya no están.

Mi padre, Badu, formó parte de un grupo llamado “Os Tincoãs”, en los años 70. Un grupo que tocaba música afrobrasileña, en una época en que se hablaba poco acerca de esto, pues era algo muy violado y estigmatizado. Si hoy todavía es, imagina en aquel período. Era un grupo revolucionario, de tres negros con tambores y canto. Obra que quedó grabada en la historia de la música en el país, y sigue siendo hoy una referencia, sobre todo cuando hablamos de la música brasileña y las raíces de la música afro.

Un dato curioso es que Tincoãs es el nombre de un pájaro, que tenía el sobrenombre de “alma de caboclo”. Mi padre formó parte de este grupo, que significa este pájaro, que tiene ese nombre, y luego conoció a mi mamá y los dos formaron una familia, que permaneció junta durante unos años. Después de un tiempo se separan, nos mudamos a Campo Grande y mi mamá termina siendo parte de una ocupación urbana llamada “Bosque dos Caboclos”. Llego

en este lugar. Y con todo mi trabajo y la institución a la cual hoy pertenezco, nació el “Colectivo de Mulheres As Caboclas”. Entonces, hay toda una conexión entre lo que mi padre aportó con “Os Tingoãs”, el matrimonio con mi madre, nuestra venida aquí, por la ocupación y al cabo de un tiempo mi llegada a este gran movimiento de mujeres.

Les traigo la importancia de esta reflexión, porque eso es lo que somos. Es un poquito del lugar donde vivimos y una trayectoria. Vengo de una continuidad, ya vengo de varias historias, que no solo son mías y las de mi familia. Es un territorio que necesitamos tener mucha más vida para contar. Y, como nuestras historias, estos recuerdos que traemos son nuestra riqueza, nuestra herencia.

Vivimos en un mundo muy violento con mujeres, especialmente con mujeres negras. Es una sociedad que, todo el tiempo, tiene estigmas e innumerables prejuicios. Entonces, cuando traemos un poco de historia, la experiencia de nuestros territorios para compartir con todos es una forma de señalar que están sucediendo muchas cosas buenas y que nosotras tampoco dejaremos de luchar.

Hay una frase de Suely Carneiro, que me inspira mucho, que dice: “Organízate, porque ya no hay límites para la violencia racista.”

Mulheres As Caboclas”. Então, tem toda uma ligação do que o meu pai trouxe com “Os Tingoãs”, o casamento com a minha mãe, ela vir para cá, para a ocupação, e depois de um tempo eu chegar nesse grande movimento de mulheres.

Eu trago a importância dessa reflexão, porque é o que a gente é, é um pouco do lugar onde a gente mora e de uma trajetória. Eu já venho de uma continuidade, eu já venho de várias histórias, que não são só as minhas e as da minha família. É um território que a gente precisa ter muito mais vida pra contar. E, como as nossas histórias, essas memórias que a gente traz são as nossas riquezas, nosso patrimônio.

Estamos vivendo num mundo muito violento com as mulheres, sobretudo com as mulheres negras. É uma sociedade que, o tempo todo tem estigmas, inúmeros preconceitos. Então, quando trazemos um pouco da história, da experiência dos nossos territórios para compartilhar com todo mundo, é uma forma de sinalizar que tem muita coisa boa acontecendo, e que também a gente não vai deixar de continuar lutando.

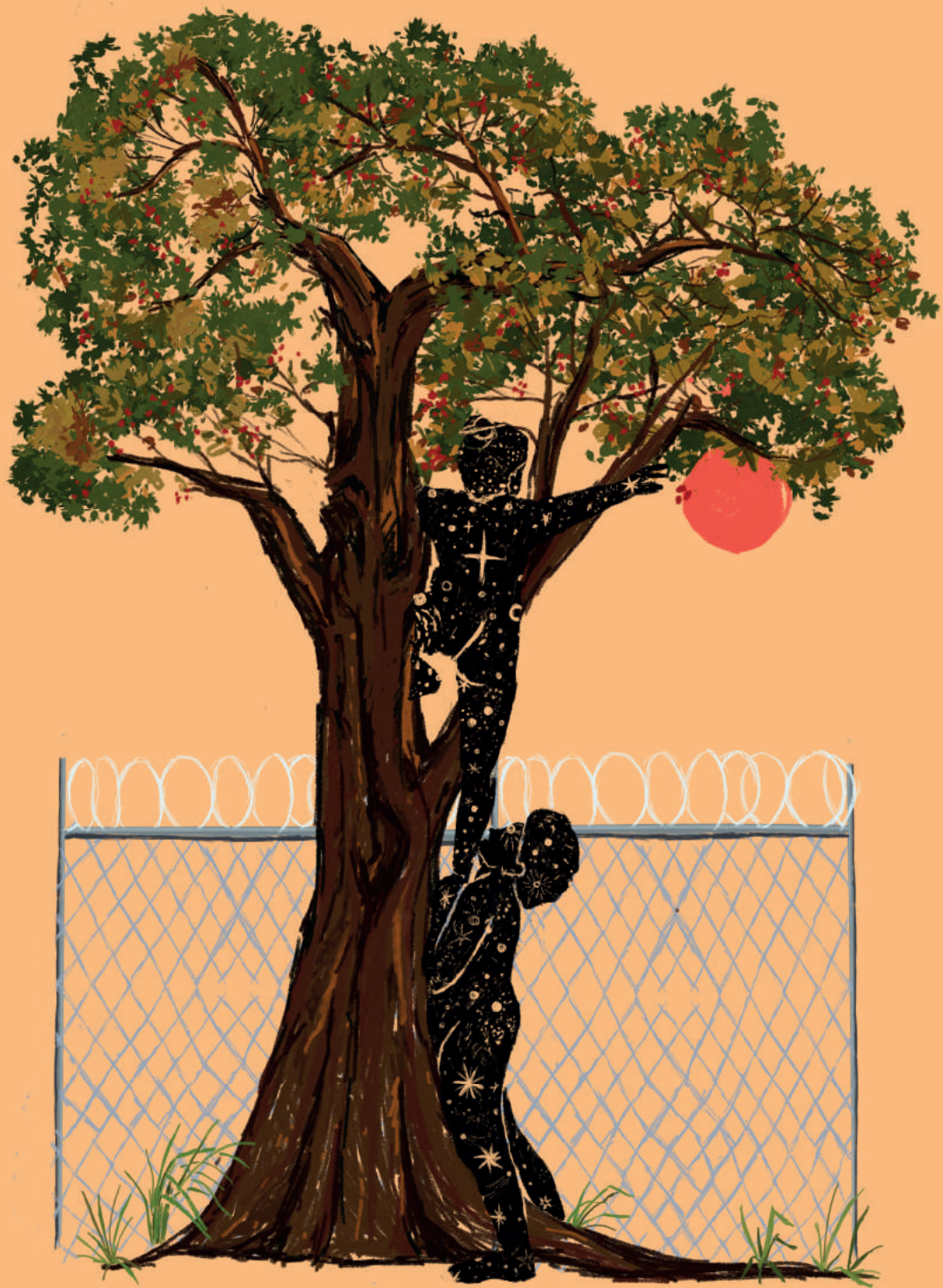
Tem uma frase de Suely Carneiro que me inspira demais que diz: “Organizem-se, porque não há mais limites para a violência racista”. Então, é o que a gente está fazendo, é para

nos entendermos e nos fortalecermos. Eu proponho que a gente traga essas pessoas que fazem parte da nossa resistência. Quem são essas mulheres? Quando foi que isso aconteceu? Como é que eu tenho essa pessoa hoje? Como eu trago isso? Pode ser por um cheiro, por uma comida, uma roupa. . . é assim que a gente traz essas pessoas de resistências para as nossas vidas.

Entonces, esto es lo que estamos haciendo, es para que podamos entendernos y fortalecernos.

Propongo traer a estas personas que son parte de nuestra resistencia. ¿Quiénes son estas mujeres? ¿Cuándo esto pasó? ¿Cómo tengo a esta persona hoy? ¿Cómo traigo esto? Puede ser por un olor, comida, ropa. . . así es como traemos a estas personas de resistencia a nuestras vidas.





EXISTÊNCIAS EM MEMÓRIA SÃO RESISTÊNCIAS

LAS EXISTENCIAS EN MEMORIA SON RESISTENCIAS

Marina Praça

*Recordar: Del latín re-cordis, volver a pasar por el corazón.
Eduardo Galeano (2009)¹*

*Recordar é preciso
O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.
Conceição Evaristo (2008)²*

A memória é um instrumento de resistência para as mulheres e comunidades em luta. Através da memória, reconstruímos nossos passos, alcançamos outros tempos e realidades. Resgatamos formas de viver e estabelecemos quem fomos, somos e queremos ser, como combustível para seguirmos lutando por nossos territórios. Muitas são as

La memoria es un instrumento de resistencia para mujeres y comunidades en lucha. A través de la memoria reconstruimos nuestros pasos, llegamos a otros tiempos y realidades. Rescatamos formas de vivir y establecemos quienes fuimos, somos y queremos ser, como combustible para seguir luchando por nuestros territorios. Muchas son las historias que unen y cultivan comunidades

¹ GALEANO, E. O livro dos abraços. 2ª edição. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

² CONCEIÇÃO, E. No livro "Poemas da recordação e outros movimentos". Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

histórias que unem e cultivam as comunidades vivas. Contadas e lembradas por meio da oralidade, contos, anedotas e mistérios que saem das bocas das mais velhas e velhos, e são repassadas continuamente, de geração para geração. Muitas vezes, são essas as fontes para que povos e indivíduos façam parte da história. Se reconheçam e se sintam dentro dela. Permitindo que saberes, cores, vozes, gostos, sons não se percam no passado, por, simplesmente, não fazerem parte das “histórias oficiais” e difundidas por aí como a realidade. Romper com a história única e democratizá-la só é possível com a valorização da memória coletiva, das oralidades, das culturas e indivíduos que são colocados à margem da dita história.

A memória que falamos aqui é essa. E envolve um tanto de sentimento, lembranças que trazem dores, alegrias, sorrisos, lágrimas, algo que, quando volta a passar pelo coração, traz algo que movimenta. São resgates do corpo, da alma e das rodas de conversa aqui e acolá. Resgates das mulheres-histórias, guardiães da memória coletiva, responsáveis por transmitir a história numa realidade de pouca escrita e visibilidade.

“As mulheres que me inspiram, as mulheres que são referência pra mim são muito importantes nesse sentido, entendendo a trajetória, a história, os processos cíclicos que nos permeiam e isso me faz pensar no trabalho coletivo, em harmonia, em uni-

vivas. Contadas y recordadas a través de la oralidad, cuentos, anécdotas y misterios que salen de la boca de las mayores y los mayores, y se transmiten continuamente, de generación en generación. A menudo, estas son las fuentes para que los pueblos y las personas formen parte de la historia. Reconocer y sentirse parte de ella. Permitir que los conocimientos, los colores, las voces, los gustos, los sonidos no se pierdan en el pasado, simplemente porque no forman parte de las “historias oficiales”, que se difunden como la realidad. Romper con la historia única y democratizarla solo es posible con la valorización de la memoria colectiva, las oralidades, las culturas y los individuos que se colocan al margen de dicha historia.

El recuerdo del que hablamos aquí es este e implica mucho sentimiento, recuerdos que traen dolor, alegría, sonrisas, lágrimas, algo que, cuando vuelve al corazón trae algo que conmueve. Son rescates del cuerpo, el alma y ruedas de conversación aquí y allá. Rescates de mujeres-historias, guardianas de la memoria colectiva, encargadas de transmitir la historia de una realidad de poca escritura y visibilidad.

“Las mujeres que me inspiran, las mujeres que son un referente para mí son muy importantes en este sentido, entendiendo la trayectoria, la historia, los procesos cíclicos que nos impregnan y me hace pensar en el trabajo colectivo, en la armonía, en la unidad,

en conocer más sobre las mujeres que luchan, que motivan, que usan esta relación con la naturaleza, para compartir un proceso de conocimiento que es sumamente rico.” (Larissa Santos)

Una vez leí en una publicación del Museu da Pessoa , institución de referencia en las reflexiones sobre la memoria oral y colectiva, que la memoria siempre requiere registro, sea escrito o corporal. Además, dijo, la selectividad también es una parte natural de todos los tipos de registro. Nuestro cuerpo trae las marcas, historias y recuerdos. Estamos siempre seleccionando emociones y experiencias, ya que algunas se quedan y otras no tanto. Las experiencias que quedan, creo, son las que nos transforman, las que generan algo que nos diferencia un poco de lo que somos. Ya sea a través del dolor, el sufrimiento, el cariño, la sonrisa o las relaciones que nos hacen crecer un poco. Reconócenos una en las otras. La memoria colectiva se consolida y construye las identidades de un pueblo, creando un sentido de lo común. La memoria colectiva es el lugar donde organizamos, seleccionamos y creamos el sentimiento de unidad y continuidad, la supervivencia de los pueblos.

dade, em saber sobre as mulheres que lutam, que motivam, que usam dessa sua relação com natureza, para compartilhar um processo de conhecimento que é extremamente rico.” (Larissa Santos)

Uma vez li numa publicação do Museu da Pessoa³, uma instituição referência nas reflexões sobre memória oral e coletiva, que a memória requer sempre registro, seja ela escrita ou corporal. Além disso, dizia, que a seletividade também é algo natural de todos os tipos de registro. Nosso corpo traz as marcas, histórias e memórias. E estamos sempre selecionando as emoções e experiências, pois umas ficam e outras nem tanto. As experiências que ficam, eu acho, que são as que nos transformam, que geram algo que nos fazem um pouco diferente do que somos. Seja pela dor, pelo sofrimento, seja pelo afeto, sorriso, ou pelas relações que nos fazem crescer um pouquinho. Reconhecer-nos umas nas outras. A memória coletiva é construída e constrói as identidades de um povo, criam o senso do comum. A memória coletiva é o lugar que organizamos, selecionamos e criamos o sentimento de unidade e de continuidade, sobrevivência dos povos.

³ O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo. Está aberto a toda e qualquer pessoa que queira registrar e compartilhar sua história de vida. O acervo reúne quase vinte mil delas, sem contar as fotografias, documentos e vídeos. Conheça mais em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/museu-da-pessoa>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

O Museu da Pessoa es un museo virtual y colaborativo. Está abierto a cualquier persona que quiera registrarse y compartir la historia de su vida. La colección reúne a casi veinte mil de ellos, sin contar las fotografías, documentos y vídeos. Obtenga más información en: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/museu-da-pessoa>. Acceso en: 11 mayo de 2021.

“São muitas as memórias que pesam sobre o corpo e há também uma genealogia da dor. Falávamos como memórias de dores não apenas do corpo que alguém habita, mas também que os corpos vão carregando as memórias de seus ancestrais, pai, mãe, avó. . . e que de certa forma, nesta vida nos cabe curar e assumir. Portanto, o que carregamos no corpo são memórias, são identidades, são prazeres, projeções, mas também são dores, são também nós de tensão.” (Francisca Fernández)

Son muchos los recuerdos que pesan sobre el cuerpo y también hay una genealogía del dolor.

Hablábamos como recuerdos de dolor no solo del cuerpo que uno habita, sino también que los cuerpos llevan, las memorias de sus ancestros, padre, madre, abuela. . . y que, de cierta forma, en esta vida nos toca sanar y asumir.

Entonces, lo que llevamos en el cuerpo son recuerdos, son identidades, son placeres, proyecciones, pero también son dolores, también son nudos de tensión. (Francisca Fernández,)

Olhar para nossa ancestralidade, o que vem do espírito, é reconhecer os que vieram antes de nós e a valorização dos saberes, conhecimentos e sentires que daí surgem. E a memória é parte fundamental para manutenção e vivacidade dessas práticas, histórias e costumes das comunidades. Assim como a celebração e ritualização dessa memória e esses seres é fundamental para manutenção da vivacidade da força ancestral - e isto aprendemos todos os dias com as religiões, comunidades e culturas de matrizes africanas. É fundamental trazer o passado para viver o presente e construir o futuro. Isso nos ensinam os quilombolas, indígenas, pescadores e tantas outras culturas tradicionais. Os ancestrais são símbolos de força e sabedoria, são encantados. Cultuar os ancestrais é cultuar a natureza. Isso torna a proteção da natureza e dos territórios algo central, para manutenção do hoje, do ontem e do amanhã. Quando as grandes empresas chegam, atravessando histórias, elas destroem as

Mirar a nuestra ancestralidad, lo que viene del espíritu, es reconocer a quienes nos precedieron y valorar los saberes, conocimientos y sentir que de ahí surgen. La memoria es parte fundamental para el mantenimiento y la vivacidad de las prácticas, historias y costumbres de estas comunidades. Así como la celebración y ritualización de este recuerdo y de estos seres es fundamental para mantener la vivacidad de la fuerza ancestral, y esto lo aprendemos todos los días de las religiones, comunidades y culturas de origen africana. Es necesario traer el pasado para vivir el presente y construir el futuro. Esto es enseñado por quilombolas, indígenas, pescadores y muchas otras culturas tradicionales. Los ancestros son símbolos de fuerza y sabiduría, son encantados. Adorar a los ancestros es adorar a la naturaleza. Esto hace que la protección de la naturaleza y los territorios sea fundamental para mantener de hoy, ayer y mañana.

Cuando llegan las grandes empresas, cruzando las historias, destruyen comunidades y atacan su memoria, haciéndoles olvidar quiénes son. Ponen fin a las formas de vida tradicionales, sus lugares de tranquilidad, de paz. El recuerdo encerrado en el cuerpo de un tiempo anterior y tranquilo, que parece no volver nunca más.

“Me recuerdo que tan pronto empecé a sentir las diferencias porque mi padre es pescador y tuvo que dejar de pescar, o si iba a pescar debía tener mucho más cuidado, porque estaban comenzando a recibir amenazas por parte de la empresa. Y luego, debido el puente, no pudieron tomar el mismo camino hacia el puerto y tuvieron que dar un gran giro para tener acceso a la Baía de Sepetiba. Para mí, es un fuerte recuerdo de ese período, de dejar de pescar, de dejar de navegar.”
(Aline Marins)

Traer los recuerdos es registrar las existencias para enfrentar el borrado generado por los megaproyectos y por las diversas formas violentas de ruptura en la vida, en la construcción cotidiana de la vida. Aportar vida y fuerza a las luchas.

(. . .) le saqué una foto al dueño de la gasolinera, porque se construyó una gasolinera enfrente de la casa. Y esta gasolinera se construyó sobre la casa de algunas antiguas residentes. Siempre digo eso, porque allá en la casa, en el espacio donde estaba la casa de Tia, se suponía que era una casa de memoria. Era una cosa que

comunidades e atacam sua memória, fazendo com que esqueçam de quem são. Acabam com as formas tradicionais de viver, seus lugares de tranquilidade, de paz. A memória travada no corpo de um tempo tranquilo, anterior, que parece que nunca mais voltará.

“Me lembro que assim que começou eu já senti as diferenças porque meu pai é pescador e teve que parar de pescar, ou se fosse pescar tinha que tomar muito mais cuidado, porque estavam começando a ter ameaças por conta da empresa. E depois, por conta da ponte, eles não conseguiam pegar o mesmo caminho do porto e tinham que dar uma volta enorme para ter acesso a Baía de Sepetiba. Para mim, é uma memória forte desse período, de parar de pescar, de parar de passear de barco.” (Aline Marins)

Visibilizar e trazer à tona as memórias, é registrar as existências para fazer frente ao apagamento gerado pelos megaprojetos e pelas diversas formas violentas de rupturas na vida, na construção cotidiana de vida. Trazer vida e força para as lutas.

“(...)eu tirei foto do dono do posto de gasolina, porque foi construído um posto de gasolina na frente de casa. E esse posto de gasolina foi construído em cima da casa de umas antigas moradoras. Eu sempre falo isso, porque lá na casa, no espaço onde era a casa da Tia, era para ser uma casa de memória. Era para ser alguma coisa que tivesse, que ficasse como recordação da memória de quem era aquela mulher. Que ela foi dentro da comunidade, uma

pessoa que, que cuidava dos outros, que trabalhava com as plantas medicinais, assim como a mamãe. Então, era para ser. E aí o que foi que aconteceu, construíram o posto de gasolina ali, tu olha, não tem um vestígio de como que era a casa dela. Só tá na memória da gente. E aí, eu sempre falo porque enquanto a gente não lembrar, a memória se apaga, ela deixa de existir. Se a gente não compartilha essa memória, essa lembrança se esquece... As pessoas se esquecem. (...) Ser quilombola não é só os traços. Tem todo um contexto histórico ancestral, que a gente traz, que a gente carrega (...). Ah, eu acho que eu carrego muita coisa. Não só no físico, mas, assim, no espírito. Eu acredito no espírito. Eu sempre converso, assim, eu digo: “Eu não sei quem me protege, mas alguém me protege.” Eu não, eu não sei quem é quem me acompanha, mas alguém me acompanha.” (Dayane Amador)

Day, mulher negra, quilombola, resistência na Ilha de Marajó no Pará nos traz muito nessas poucas palavras. Fala sobre o atravessamento de um empreendimento sobre as memórias vivas e as possibilidades de firmamento das memórias da sua comunidade em homenagem a uma das mulheres-histórias presentes ali. Nos diz o que traz e carrega consigo, pelas violências vividas, e, também, as potências imateriais existentes, presentes em seu corpo e espírito. Day sabiamente nos diz o que muitos teóricos e pensadores do campo da memória escrevem sobre o poder da história dos opressores de levar os povos ao esquecimento forçado de si mesmos. Por isso precisamos falar,

tenía, que se quedaría como un recordatorio de la memoria de quién era esa mujer. Quien fue dentro de la comunidad, una persona que se preocupaba por los demás, que trabajaba con plantas medicinales, al igual que mamá. Entonces, estaba destinado a ser. Y luego lo que pasó, allí construyeron la gasolinera, ya ves, no hay rastro de cómo era su casa. Esta solo en nuestra memoria. Y luego, siempre digo porque mientras no recordemos, la memoria se borra, deja de existir. Si no compartimos esa memoria, ese recuerdo se olvida. . . La gente se olvida. (. .) Ser quilombola no se trata solo de rasgos. Tiene todo un contexto histórico ancestral, que traemos, que llevamos (. .) Ah, creo que llevo mucho. No solo en lo físico, sino también en lo espiritual. Creo en el espíritu. Siempre hablo, entonces digo: “No sé quién me protege, pero alguien me protege.” Yo no se quien está conmigo, pero alguien me acompaña. (Dayane Amador)

Day, mujer negra, quilombola, resistencia en la isla de Marajó en Pará, nos trae mucho en esas pocas palabras. Di sobre el cruce de una empresa sobre los recuerdos vivos y las posibilidades de firmamento de las memorias de su comunidad en homenaje a una de la mujeres-historias allí presentes. Nos dice lo que trae y lleva consigo, debido a la violencia vivida, y también los poderes inmateriales existentes, presentes en tu cuerpo y espíritu. Day nos cuenta sabiamente lo que muchos teóricos y pensadores en el campo de la memoria escriben sobre el poder de la historia de los opresores para

llevar a la gente al olvido forzado de sí mismos. Entonces necesitamos hablar, contar visibilizar, traer las historias, los recuerdos, los sentimientos, las energías para hoy. Generar movimientos que den vida a las formas de vivir que quedan. Quedan por el amor, el cariño, la fuerza y el poder de la naturaleza, que somos todos. Las existencias en la memoria son resistencias.

Termino con Eduardo Galeano (2009), quien siempre me ha ayudado a mirar historias y recuerdos de resistencia, trayendo las emociones como instrumentos fundamentales para la construcción de la lucha: “Sabios doctores de Ética y Moral han de ser los pescadores de la costa colombiana, que inventaron la palabra sentipensante para definir el lenguaje que dice la verdad”.

contar, visibilizar, trazer as histórias, memórias, sentires, energias para o hoje. Gerar movimentos que deixem vivas as formas de viver que permanecem. Permanecem pelo amor, afeto, força e potência da natureza, que somos todos nós. As existências em memória são resistências.

Termino com Eduardo Galeano (2009), que sempre me ajudou a olhar para histórias e memórias de resistência trazendo as emoções como instrumentos fundamentais para construção da luta: “Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade”





A ARTE E OS LARGOS HORIZONTES QUE SE ABREM COM PEQUENOS FUIROS

EL ARTE Y LOS AMPLIOS HORIZONTES QUE SE ABREN CON PEQUEÑOS AGUJEROS

Ana Luisa Queiroz

Então, ensinar poesia é ensinar a reconhecer o sentimento, é ensinar a sobrevivência. Não é fácil nem casual, mas é necessário e proveitoso. O papel do poeta enquanto professor é encorajar a intimidade e a investigação. À medida que aprendemos essa intimidade, os medos que nos governam e formam nossos silêncios começam a perder poder sobre nós.
Audre Lorde¹

No meio da casa, uma rachadura treme com a explosão do minério, as paredes esquentam quando o fogo se aproxima, tudo é posto em xeque quando do golpe das máquinas decretam que é tempo de partir. O concreto derramado no mangue recai sobre o couro da gente e parece enrijecer até os sentires. Para não quebrar, é preciso endurecer?

Identificar as violações cometidas pelas empresas nos territórios, apontar para os agentes responsáveis e envolvidos nos

En medio de la casa, una grieta tiembla por la explosión del mineral, las paredes se calientan cuando se acerca el fuego, se pone en jaque cuando el golpe de las máquinas decreta que es hora de irse. El cemento vertido en el manglar recae sobre el cuero de la gente y parece endurecerse hasta los sentires. Para no romperse, ¿es necesario endurecer?

Identificar las violaciones cometidas por empresas en los territorios, señalar los agentes res-

¹ LORDE, Audre. Sou sua irmã: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 224p.

diferentes conflitos, reviver e nomear as dores de ser expulsa de sua terra ou de seguir lutando por ela. Os caminhos de resistência pela vida e enfrentamento aos megaprojetos são marcados pela secura da violência. Por esse terreno árido que desafia com a morte e diversas vezes corta a carne, sem consolo, de quem discorda da lei da fumaça, do aço, do trilho, da velocidade. Pode ser que nessa caminhada, de tanta atenção voltada para o que viola, a gente esqueça das outras matérias e não-matérias das quais a vida também é feita. Frente à tanta perda, a sementeira do diálogo, do riso e da ternura pode faltar com sinais de futuro. Até do que do asfalto do improvável, brote a rosa. Para caminhar e aprender entre mulheres, escolhemos olhar para o asfalto e para a rosa. E apostamos na arte como uma ferramenta importante para o sentir-pensar dos processos de resistência.

Nem sempre a arte apareceu de forma fácil nas conversas que alimentaram esse texto. Às vezes, depois de provocar, era preciso também insistir, como um ato político – afirmar que a arte permeia todas as vidas. A colonização nos convence de que a arte é um saber especializado, algo apreciável somente nos museus, nos concertos e festivais, nas galerias e seus leilões. Na trilha em busca da arte em cada uma das mulheres e em suas coletividades, aprendemos juntas um pouco mais sobre as

ponsables e involucrados en los diferentes conflictos, revivir y nombrar el dolor de ser expulsados de su tierra o de seguir luchando por ella. Los caminos de la resistencia por la vida y el enfrentamiento a los megaproyectos están marcados por la sequedad de la violencia. A través de ese terreno árido que desafia con la muerte y corta varias veces la carne, sin consuelo, de los que discrepan de la ley del humo, del acero, del riel, de la velocidad.

Puede ser que en este camino, con tanta atención centrada en lo que viola, nos olvidemos de las otras materias y inmaterias de las que también está hecha la vida. Ante tanta pérdida, la siembra del diálogo, la risa y la ternura puede carecer de señales de futuro. Hasta que del asfalto, de lo improbable, brote la rosa. Para caminar y aprender entre mujeres, optamos por mirar el asfalto y la rosa. Y apostamos por el arte como una herramienta importante para el sentir-pensar de los procesos de resistencia.

El arte no siempre apareció con facilidad en las conversaciones que alimentaron este texto. A veces, después de provocar, también era necesario insistir, como acto político: afirmar que el arte impregna todas las vidas. La colonización nos convence de que el arte es un conocimiento especializado, algo sólo apreciable en los museos, en los conciertos y festivales, en las galerías y sus subastas. En la búsqueda del arte en cada una de

las mujeres y en sus colectividades, aprendemos juntas un poco más sobre las profundas relaciones de creación, experiencia y supervivencia que nos atraviesan.

Para la instalación de mega-proyectos, es necesario rodear la tierra y los sueños. El arte aparece como una fuerza creativa, tal como los alicates en el alambre, herramienta de lucha en la disputa por las narrativas y en la obstinación para mejorar la vida, incluso ante la imposición de la precariedad. Escuchamos atentamente a Carolina Maria de Jesus: “los que comen son los que inventaron el hambre”². Y en este viaje entre las mujeres afectadas, nos preguntamos: ¿y qué inventamos nosotras? No hay romance en el robo de la casa, en la expulsión de la tierra, en la agresión física y psicológica, en la falta de comida. Hablar de arte en la reinvencción de la realidad es valorar una expresión humana en busca de las bellezas de la vida. Nos reinventamos porque no nos rendimos. Nos reinventamos y creamos porque así nos mantenemos en pie.

En nuestro tiempo, el hambre también aparece con otras caras, además de la ausencia de alimentos. También puede parecer abundante, a través de los embalajes de plástico brillante con bajo valor nutricional. Sea en la batalla contra los productos ultraprocesados y otros subproductos

relações profundas de criação, vivência e sobrevivência que nos atravessam.

Para a instalação dos megaprojetos, é preciso cercar a terra e sonhos. A arte aparece como uma força criativa, tal qual o alicate no arame, ferramenta de luta na disputa pelas narrativas e na teimosia para melhorar a vida, mesmo diante da imposição da precariedade. Escutamos Carolina Maria de Jesus com atenção: “quem inventou a fome são os que comem”². E nessa caminhada entre mulheres atingidas, perguntamos: e nós, inventamos o quê? Não existe romance no roubo da casa, na expulsão da terra, na agressão física e psicológica, na escassez de alimentos. Falar da arte na reinvenção da realidade é valorizar uma expressão humana de busca das belezas da vida. Nós nos reinventamos porque não nos rendemos. Nós nos reinventamos e criamos porque assim seguimos de pé.

No nosso tempo, a fome aparece também com outras caras, que não só a da ausência da comida. Ela pode parecer também fartura, através de empacotados plásticos brilhosos de baixo valor nutricional. Seja na batalha contra os ultraprocesados e outros subprodutos que invadem nossos pratos, seja na luta contra a falta de qualquer comida, a arte insurge como instinto de vida para saciar a barriga e as ideias. Ana Santos, poetisa, culina-

² JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

rista e agricultora, rabiscava versos com a comida antes mesmo de temperar as palavras. Com a sua poesia de comer, disputa o sentido da comida de verdade, sem veneno e para todas e todos.

“A arte tá nos meus turbantes, a arte tá na cozinha, né? Porque, eu sempre cozinhei pras minhas irmãs, né? Aí, eu escrevi até uma poesia, porque eu não queria que elas tivessem que comer as sobras que a minha mãe trazia. Só que a variedade de pratos era muito pouca, né? E não tinha o Google nessa época. Então a arte, ela começou a vir pela criatividade mesmo, de transformar o que eu tinha, né? Minha avó tinha um quintal, que ela plantava. A gente tinha muitas árvores frutíferas e isso era o que transformava todo nosso prato. Aí sempre tinha um suco, sempre tinha um talinho no meio. Então a arte era de transformar aquilo que todos os dias você come.” (Ana Paula Santos)

Derrubando as fronteiras entre o público e o privado, o político e o doméstico, a arte permeia a luta das mulheres, das cozinhas às audiências públicas. Como um instinto vital, a força da criação dobra o impossível. Diante da grande assimetria de poder entre as comunidades atingidas pela mineração em Minas Gerais e as empresas que as exploram, ganhar tempo é um espetáculo à parte. E, foi através de roteiro improvisado, cheio de comprometimento com a história e a leveza da comédia, que Sandra Vita conseguiu articular um grupo aparentemente pequeno e constranger o poder

que invaden nuestros platos, o en la lucha contra la falta de cualquier alimento, el arte surge como un instinto de vida para saciar la barriga y las ideas. Ana Santos, poetisa, cocinera y agricultora, garabateaba versos con la comida incluso antes de darle sabor a las palabras. Con su poesía de comer, disputa el significado de la comida real, sin veneno y para todos.

“El arte está en mis turbantes, el arte está en la cocina, ¿verdad? Porque siempre cocinaba para mis hermanas. Luego incluso escribí un poema, porque no quería que se comieran las sobras que traía mi madre. Pero la variedad de platos era muy poca, y no existía Google en esa época. Entonces el arte, empezó a llegar a través de la creatividad, a transformar lo que tenía, ¿no? Mi abuela tenía un jardín en el que plantaba. Teníamos muchos árboles frutales y eso fue lo que transformó todo nuestro plato. Entonces siempre había un jugo, siempre había un tallo en el medio. Entonces el arte consistió en transformar lo que comes todos los días.” (Ana Paula Santos)

Rompiendo las fronteras entre lo público y lo privado, lo político y lo doméstico, el arte impregna la lucha de las mujeres, desde las cocinas hasta las audiencias públicas. Como instinto vital, la fuerza de la creación encorva lo imposible. Dada la gran asimetría de poder entre las comunidades afectadas por la minería en Minas Gerais y las empresas que las explotan, ganar tiempo es un espectáculo aparte. Y, fue a través

de un guion improvisado, lleno de compromiso con la historia y la ligereza de la comedia, que Sandra Vita logró articular un grupo aparentemente reducido y avergonzar a las autoridades públicas en su casa solemne, en la capital Belo Horizonte, ganando un tiempo precioso, para los que luchan por el aire que respira. Del terreno de lo improbable, el arte encuentra lo que cosechar, y la subversión de los protocolos oficiales del Estado y de las empresas a favor del pueblo son frutos de sabores diferentes en boca de David y Goliat.

“Si no es para causarlo, no lo haremos. Luego llegamos con los carteles, todo salió adelante, al plenario. Colocamos carteles en el pleno, mostramos el cartel delante del concejal, ¿sabes? Un cartel delante del otro concejal, la gente se volvió loca en la Cámara, sacamos todos los proyectos que había ese día. Todos. Entonces, allí tiene el arte.” (Sandra Vita)

Las tramas del arte con las luchas políticas por la liberación de los pueblos son diversas. Se manifiestan en lugares menos obvios, como en carteles y en las brechas de incidencia sobre las instituciones, pero también en la memoria y reproducción de nuestras culturas ancestrales. Desde Chile, Francisca Fernández se hace eco entre nosotras el poder de la danza y otras artes, como las prácticas y metodologías políticas entre las mujeres:

público em sua casa solene, na capital Belo Horizonte, ganhando um tempo precioso para quem luta pelo ar que respira. Do terreno do improvável, a arte encontra o que colher e a subversão dos protocolos oficiais do Estado e das empresas a favor do povo são frutos de sabores diferentes na boca de Davi e Golias.

“Se não for para causar, a gente nem vai. Aí chegamos com os cartazes foi tudo para frente, pra plenária. Colamos cartazes na plenária, mostramos o cartaz na frente do vereador, entendeu? Cartaz na frente do outro vereador, povo pirou na Câmara, nós derrubamos todos os projetos que teve nesse dia. Todos. Então, assim, essa arte aí, tem.” (Sandra Vita)

As tramas da arte com as lutas políticas pela libertação dos povos são diversas. Se manifestam nos lugares menos óbvios, como nos cartazes e nas brechas de incidência sobre as instituições, mas também na memória e na reprodução de nossas culturas ancestrais. Desde o Chile, Francisca Fernández ecoa entre nós o poder da dança e de outras artes, como fazeres e metodologias políticas entre mulheres:

“Portanto, para mim o espaço de luta nunca foi dividido do espaço de dança, mas muito pelo contrário: a dança foi o primeiro elemento pelo qual eu ia impregnando o meu território de resistência. Portanto, é como um elemento vital. Assim, aconteceu-me que na nossa militância ou cantamos, ou dançamos, ou temos um momento de pintura. Não sei,

penso que felizmente mais e mais pessoas e movimentos sociais têm tentado fazê-lo a partir de um conhecimento popular, que é vital para a resistência. Mas a dança é também um elemento de cura e um elemento de resistência.” (Francisca Fernández)

Refletir a arte como metodologia política de enfrentamento e libertação. De volta ao Brasil, Luciana Melo traz, na sua história como educadora militante, muito do que aprendeu junto ao Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra no Pará.

“A arte foi um lindo encontro, um encontro consciente, porque ela sempre esteve presente, de uma forma muito natural, faz parte. Mas quando eu me encontro com a arte no sentido de processos formativos, a arte não só como uma alegoria, não só como diversão, mas a arte como uma oportunidade real de construir alguma coisa, ela se torna o meu lugar, no final das contas.” (Luciana Melo)

Enfeitar, entreter, consumir. Aos olhos do capitalismo, a arte, assim como a cultura, torna-se fundamentalmente uma mercadoria. Ao questionarmos os padrões de consumo da sociedade capitalista, tentam nos estigmatizar como quem quer enfeitar o mundo. E com que coragem as empresas nos acusam de ser contra a beleza se não foram elas quem inventaram as cores, mas a própria natureza a quem esgotam até a última pétala? A beleza do mundo não deve nada ao capital.

“A minha vida é arte, né? Eu acho que o conhe-

“Por tanto, para mí, el espacio de la lucha nunca se dividió del espacio de la danza, sino todo lo contrario: la danza era el primer elemento por el que impregnaria mi territorio de resistencia. Entonces es como un elemento vital. Entonces, me pasó que en nuestra militancia o cantamos, o bailamos, o tenemos un momento de pintura.

No sé, creo que afortunadamente cada vez más personas y movimientos sociales han intentado hacerlo a partir del conocimiento popular, que es vital para la resistencia. Pero la danza también es un elemento de cura y un elemento de resistencia.” (Francisca Fernández)

Reflejar el arte como metodología política de confrontación y liberación. De regreso a Brasil, Luciana Melo trae, en su historia como educadora militante, mucho de lo que aprendió del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra en Pará.

“El arte fue un encuentro hermoso, un encuentro consciente, porque siempre ha estado presente, de una manera muy natural, forma parte. Pero cuando me encuentro con el arte en el sentido de procesos formativos, el arte no solo como una alegoría, no sólo como entretenimiento, sino como una oportunidad real para construir algo, se convierte en mi lugar, después de todo.” (Luciana Melo)

Decorar, entreter, consumir. A los ojos del capitalismo, el arte, como la cultura, se convierte fundamentalmente en una mer-

cancia. Cuando cuestionamos los patrones de consumo de la sociedad capitalista, intentan estigmatizarnos como alguien que quiere hacer feo el mundo. ¿Y con qué valentía nos acusan las empresas de estar en contra de la belleza si no fueron ellas las que inventaron los colores, sino la naturaleza misma, que desgastan hasta el último pétalo? La belleza del mundo no le debe nada al capital.

“Mi vida es arte, ¿verdad? Creo que el conocimiento que tenemos de nuestros antepasados es arte. El conocimiento que tenemos de trabajar con plantas medicinales es una forma de arte. Si yo corto un bambú para hacer un vasito, también es arte. Es un conocimiento, que yo digo conocimiento tradicional, pero él es arte. La forma en que me visto, el turbante que uso, el maquillaje que me pongo, los accesorios que uso. El momento en que me monto, porque siempre digo que me monto. Me produzco. Así que para mí, el arte es mostrar lo hermosa que soy, lo mucho que sé hacer. Que lo que sé hacer es hermoso. Me siento como una obra de arte.” (Dayane Amador)

Entre tantos intercambios, elegimos las palabras de Dayane, quien habla desde su ancestralidad de los quilombos de Marajó, Pará, sobre cómo la defensa de nuestros cuerpos-territorios contra el capital, el racismo y el patriarcado, van de la mano con el arte. Aún en Pará, pero a orillas del río Xingu en Altamira, Ana Laíde Barbosa comparte con nosotras una de las moradas colectivas del arte y su poder reflexivo colectivo.

cimento que a gente tem sobre os nossos ancestrais é arte. O saber que a gente tem, de trabalhar com as plantas medicinais é uma forma de arte. Se eu serro um bambu pra fazer um vasinho, também é arte. É um conhecimento, que eu digo conhecimento tradicional, mas ele é arte. A forma que eu me visto, o turbante que eu uso, a maquiagem que eu coloco, os acessórios que eu uso. O momento que eu me monto. Porque eu sempre digo que eu me monto. Eu me produzo. Então, pra mim a arte é eu mostrar o quanto que eu sou bonita, o quanto que eu sei fazer. Que o que eu sei fazer é bonito. Eu me sinto uma obra de arte.” (Dayane Amador)

Entre tantas trocas, escolhemos as palavras de Dayane, que fala desde a sua ancestralidade dos quilombos de Marajó, no Pará, sobre como a defesa de nossos corpos-territórios frente ao capital, ao racismo e ao patriarcado, caminham lado a lado com a arte. Ainda no Pará, mas nas margens do rio Xingu em Altamira, Ana Laíde Barbosa divide conosco um dos lugares coletivos de morada da arte e sua potência reflexiva coletiva.

“(Nos espaços coletivos a arte está) no pensar. Eu acho que o pensar é uma arte, mas um pensar para o bem e para o bem-viver também, para o comum. A arte de pensar isso hoje e para que a gente possa manter o equilíbrio com a natureza, com os seres humanos, com os animais, com a floresta, com o ar, conosco, com os encantados. É uma arte de pensar, que está sendo destruída, estão arrancando a nossa última gota de esperança. Então pensar hoje, brotar isso novamente, é, sim, uma arte. E essa arte ainda é invisível. Existe arte invisível?” (Ana Laíde Barbosa)

A arte como potência reflexiva coletiva também está presente nas experiências entre mulheres e homens que resistem aos impactos da cadeia mineiro-siderúrgica, no Maranhão.

“Pra mim isso é um processo artístico também, você assume uma posição. Para além disso tem a questão de produzir arte a partir das alternativas populares, da comunicação popular, do teatro, do teatro do oprimido, da educação popular, que são formas de resistência e alternativas que agregam muito conhecimento, muito reconhecimento das comunidades sobre as suas próprias histórias, uma apropriação de suas próprias histórias, e isso dá fortaleza para fazer denúncias, para fazer divulgação, para fazer processo judicial. Na minha opinião, arte é fortaleza para as nossas relações humanas.” (Larissa Santos).

E em nossas lutas, quando se diminui a potência das expressões artísticas à simples adereços ou penduricalhos sem valor de transformação social, o que fazem, se não repetir o colonialismo?

“Eu vi a Luiza Munduruku trazendo forte o canto do Povo Munduruku dizendo ‘seguinto em frente’. Eu vi a arte da fala do Inaldo Gamela, dizendo: ‘Venham, cuidem da terra!’ Então são esses elementos que essa arte aos poucos brota novamente. Essa arte foi abafada. Tentaram arrancá-la de nós. Tentaram matar, aprisionar, mas não se aprisiona, né?! Se colocar água na sua mão, você consegue guardar? Então, essa é a arte também, ela escorre.” (Ana Laíde).

“(En los espacios colectivos, el arte está en pensar. Creo que pensar es un arte, pero pensar por el bien y también por la buena vida, por lo común. El arte de pensar esto hoy y para que podamos mantener un equilibrio con la naturaleza, con el ser humano, con los animales, con el bosque, con el aire, con nosotros, con los encantados. Es un arte de pensar que está siendo destruido, nos están quitando nuestra última pizca de esperanza. Entonces pensar hoy, volver a brotar, es, sí, un arte. Y este arte sigue siendo invisible. ¿Existe el arte invisible?” (Ana Laíde)

El arte como poder reflexivo colectivo también está presente en las experiencias entre mujeres y hombres que resisten los impactos de la cadena mineiro-siderúrgica en Maranhão.

“Para mí esto también es un proceso artístico, tú tomas una posición. Además, está el tema de producir arte desde alternativas populares, comunicación popular, teatro, teatro de los oprimidos, educación popular, que son formas de resistencia y alternativas que suman mucho conocimiento, mucho reconocimiento de las comunidades sobre su propias historias, una apropiación de sus propias historias, y esto les da la fuerza para hacer denuncias, para hacer publicidad, para hacer procesos judiciales. En mi opinión, el arte es una fortaleza para nuestras relaciones humanas.” (Larissa Santos)

Y en nuestras luchas, cuando se disminuye la potencia de las expresiones artísticas a simples adereços o pendones sin valor de

transformación social, ¿qué hacen, sino repetir el colonialismo?

“Vi a Luiza Munduruku trayendo fuerte el canto del Pueblo Munduruku diciendo ‘adelante’. Vi el arte del discurso de Inaldo Gamela, diciendo: ‘¡Ven, cuida la tierra!’ Entonces estos son los elementos que este arte vuelve a brotar lentamente. Ese arte fue sofocado. Intentaron quitárnoslo. Intentaron matar, aprisionar, pero no se aprisiona, ¿eh?! Si pones agua en tu mano, ¿puedes guardarla? Entonces, ese es el arte también, se escurre.” (Ana Laíde)

Al oír a Ana hablar de un arte que busca el bienestar, el equilibrio, el respeto entre especies y vidas diferentes, me acuerdo de otra pensadora. Otra mujer luchadora que nos incita a sentir-pensar, esta reflexión tan profunda que el arte desencadena. Desde la cuna del capitalismo, la escritora estadounidense, Audre Lorde, habla sobre lo que hace que suceda la poesía:

“La destilación de la experiencia de la que brota la verdadera poesía da a luz al pensamiento, así como el sueño da a luz al concepto, así como la sensación da a luz a la idea, así como el conocimiento da a luz, o precede, a la comprensión. (...) La poesía es la forma en que ayudamos a nombrar lo que no tiene nombre, para que se pueda pensar. Los horizontes más lejanos de nuestras esperanzas y temores están pavimentados con nuestros

Ao ouvir Ana falar de uma arte que busca o bem-viver, o equilíbrio, o respeito entre espécies e vidas diferentes, me lembro de uma outra pensadora. Outra mulher lutadora que nos provoca o sentir-pensar, essa reflexão tão profunda que a arte dispara. De dentro do berço do capitalismo, a escritora estadunidense Audre Lorde, fala sobre aquilo que a poesia faz acontecer:

“A destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer – ou antecede – a compreensão. (...) Poesia é a maneira como ajudamos a nomear o que não tem nome, para que possa ser pensado. Os horizontes mais longínquos de nossas esperanças e medos são pavimentados por nossos poemas, esculpidos nas rochas, nossas experiências diárias sentidas com honestidade.” (Audre Lorde)³

E é desse sentir honesto que temem aqueles que trabalham para um sistema de opressão, e que muitos de nossos companheiros de lutas progressistas erram em diminuir. *“A poesia cria a linguagem para expressar e constituir a implementação dessa liberdade”⁴.*

³ Trecho de “A poesia faz alguma coisa acontecer”, publicada no livro “Sou sua irmã: escritos reunidos”, de Audre Lorde; organizado e apresentado por Djamilia Ribeiro e traduzido por Stephanie Borges. (LORDE, Audre. op. cit.)

Extracto de “A poesia faz alguma coisa acontecer”, publicado em el libro “Sou sua irmã: escritos reunidos”, de Audre Lorde; organizado y presentado por Djamilia Ribeiro y traducido por Stephanie Borges. (LORDE, Audre. op. cit.)

E, nessa de tentar ser aquilo que mais honestamente somos, em uma de suas expressões mais profundas, a arte se apresenta como uma chave que nos explica para nós mesmas. Que nos traduz por dentro. A ação do patriarcado em nossos corpos-territórios pode ser feito uma lâmina que sacrifica os desejos e nos molda para a exploração do trabalho e sujeição para o outro. Através da escrita e da literatura erótica, Vera fala do bonito encontro que teve consigo mesma. Da arte como ferramenta de escuta de algo que falava dentro, apesar dos silêncios de fora.

“Então, eu descobri essa parte em mim, da fera contista, que gosta de contos eróticos. Foi dessa negação que eu entendi a arte em mim. Eu gosto de contar para outras mulheres, pra outras pessoas. Homens e mulheres, quem se identificar com eles. Que a escrita seja livre, que voe, que tenha onde pousar, que pouse onde quiser pousar. Eu me encontrei nos meus contos dessa forma, na negação. Foi negado uma vida inteira, e você sabe que aquilo existe, que aquilo é importante, que as pessoas são hipócritas porque gostam, mas não querem falar.” (Vera Domingos)

Uma ponte que começa dentro da gente com a gente mesma, para depois chegar em outros lugares, nas terras desconhecidas do outro.

“Eu sou uma criatura de profundezas e é

poemas, grabados en las rocas, nuestras experiencias diarias sentidas con honestidad”. (Audre Lorde)³

Y es de ese sentir honesto que temen aquellos que trabajan para un sistema de opresión y que muchos de nuestros compañeros de luchas progresistas cometen errores al disminuir. “La poesía crea el lenguaje para expresar y constituir la implementación de esta libertad”⁴

Y, al intentar ser lo que somos más honestamente, en una de sus expresiones más profundas, el arte se presenta como una clave que nos explica a nosotras mismas.

Eso nos traduce por dentro.

La acción del patriarcado en nuestros cuerpos-territorios puede convertirse en una cuchilla que sacrifica los deseos y nos moldea a la explotación del trabajo y al sometimiento al otro. A través de la escritura y la literatura erótica, Vera habla del hermoso encuentro que tuvo consigo misma. Del arte como herramienta para escuchar algo que hablaba por dentro, a pesar de los silencios de fuera.

“Entonces, descubrí esa parte de mí, la bestia contista, a la que le gustan los cuentos eróticos. Fue de esa negación que entendí el arte en mí. Me gusta contar a otras mujeres, a otras personas. Hombres y mujeres, que se identifican con ellos. Que la escritura sea libre, que vuele, que tenga dónde aterrizar, que

⁴ LORDE, Audre, op. cit.

aterrice donde quiera aterrizar. Yo me encontré en mis cuentos de esa forma, en la negación. Se le ha negado toda una vida, y sabes que existe, que eso es importante, que la gente es hipócrita porque les gusta pero no quieren hablar”. (Vera Domingos)

Un puente que parte dentro de nosotras con nosotras mismas, y luego llega a otros lugares, a las tierras desconocidas del otro.

“Soy una criatura de las profundidades y es difícil llegar allí. Pero es importante para nosotros dar un primer paso hacia adentro, saber qué hay dentro y qué hay detrás. Me sumerjo mucho en eso. El arte, de alguna manera, no es cuestión del yo, sino del otro, es romper lo que, de forma violenta, se coloca. Las barreras. El arte sirve como un puente que conecta la naturaleza de los demás porque es una mirada diferente. Normalmente, mi naturaleza no está con los mejores, pero el arte es esta forma de traer la sensibilidad y la belleza de este camino profundo que tomo. Realmente no me gusta hablar de eso, pero es una forma de mostrar.” (Zika Pires)

Sumergirse en sí y en nuestras colectividades. El arte recuerda nuestra humanidad cuando nos toca las profundidades. Y si algo puede recordarnos que somos carne y afecto humano, también podemos intentar usar el mismo instrumento para humanizar al otro. Cuando siento, estoy viva y estar viva es todo lo que necesitamos para actuar.

“Una creatividad que no llega al

difícil chegar lá. Mas é importante a gente caminhar primeiro para dentro, saber o que tem dentro e o que tem atrás. Eu mergulho muito nisso. A arte, de algum modo, nem é questão do eu, mas do outro, é quebrar o que, de forma violenta, é colocado. As barreiras. A arte serve como uma ponte de ligação entre a natureza dos outros porque é um olhar diferente. Normalmente, a minha natureza não está com as melhores caras, mas a arte é essa forma de trazer a sensibilidade e a beleza desse caminho profundo que eu faço. Não gosto muito de falar sobre ele, mas é uma forma de mostrar.” (Zica Pires)

Mergulhar em si e em nossas coletividades. A arte lembra a nossa humanidade quando nos toca as profundezas. E, se algo pode nos lembrar que somos carne e afecto humano, nós também podemos tentar usar o mesmo instrumento para humanizar o outro. Quando sinto, estou viva e estar viva é tudo que precisamos para agir.

“Uma criatividade que não vai para o papel. Uma criatividade que não sei explicar. É uma criatividade que busca despertar a gente! A gente busca dizer que a vida não é morte e que ainda não estamos mortos, que podemos muito mais. É uma arte da linguagem, do saber raciocinar, pensar e trazer tudo que aprendemos com nossos ancestrais, com a nossa floresta, com as nossas águas e dizer: ‘Vem junto, né? Transforma conosco’”. (Ana Laíde Barbosa)

A arte como mensageira e chamada-ora da luta. E quando mesmo diante do cansaço, do esgotamento das palavras,

a arte segue sendo uma ferramenta que possibilita e renova o diálogo.

“A arte tem o poder de traduzir nossa alma de maneira lúdica. Música tem um impacto muito maior. Ele chega direto no seu campo de vibração. Muda o estado das pessoas. Processo de tradução de alma. Só fui ter essa consciência depois de um tempo. Você se abre, vê o chacra cardíaco se colocando para fora [faz o movimento do chacra do cardíaco se ampliando]. Ela fala de outra forma, isso é importante porque eu estou cansada de falar.” (Bárbara Cunha)

O cansaço é uma das sensações mais recorrentes entre mulheres que vivem em contexto de impactação por megaprojetos. Porque o assédio das forças e dos agentes do capital, do patriarcado e do racismo são repetitivas e contam com um volume de recurso que parece inesgotável. Frente a essa assimetria tamanha de poder, parece ingênuo defender que a arte de ganhar tempo através de cartazes, de se comunicar através da dança, da música ou das pinturas possa ter algum peso nesse cabo de guerra nos territórios. Mas no meio de tantas vozes plurais, de mulheres tão diferentes entre si, seus sotaques, corpos e identidades, a arte sobressai, como espaço de conexão.

Dos saberes ancestrais que nos conectam com a nossa história, da escrita que nos revela o que somos e queremos ser,

papel. Una creatividad que no puedo explicar. ¡Es una creatividad que busca despertarnos! Intentamos decir que la vida no es muerte y que aún no estamos muertos, qué podemos hacer mucho más. Es un arte del lenguaje, de saber razonar, pensar y traer todo lo que aprendimos de nuestros ancestros, de nuestros bosques, de nuestras aguas y decir: ‘¿Vamos? Transfórmate con nosotros?’. (Ana Laíde Barbosa)

El arte como mensajera y llamadora de la lucha. Y cuando incluso ante el cansancio, el agotamiento de las palabras, el arte sigue siendo una herramienta que posibilita y renueva el diálogo.

“El arte tiene el poder de traducir nuestra alma de una manera lúdica. La música tiene un impacto mucho mayor. Llega directamente a su campo de vibración. Cambia el estado de las personas. Proceso de traducción del alma. Solo me di cuenta de esto después de un tiempo. Te abres, ves salir el chacra del corazón [amplía el movimiento del chacra del corazón]. Ella habla diferente, esto es importante porque estoy cansada de hablar.” (Bárbara Cunha)

El cansancio es una de las sensaciones más recurrentes entre las mujeres que viven en un contexto de impacto por megaproyectos. Porque el acoso de fuerzas y agentes del capital, el patriarcado y el racismo son repetitivos y tienen un volumen de recursos que parece inagotable. Ante esta enorme asimetría de poder, parece ingenuo defender que el arte de ahorrar tiem-

po a través de carteles, de comunicar a través de la danza, la música o la pintura puede tener algún peso en este tira y afloja en los territorios. Pero en medio de tantas voces plurales, de mujeres tan distintas entre sí, sus acentos, cuerpos e identidades, destaca el arte, como espacio de conexión.

Desde el saber ancestral que nos conecta con nuestra historia, desde la escritura que revela lo que somos y lo que queremos ser, desde las palabras que acercan al otro, desde la condimentación que alimenta la esperanza y la vida cotidiana: entre mujeres en lucha, el arte se hace y rehace uniendo ideas y personas, sin dejar de traspasar fronteras. Da sentido y despierta la creatividad, cavando otros horizontes en medio del intento de naturalizar la exploración y el agotamiento del cuerpo humano y la naturaleza. Recuerdo a Teresa Boedo, quien nos contó, desde Guatemala, sobre el poder del arte como herramienta para compartir el sueño emancipatorio entre las mujeres.

Frente a las robustas máquinas de dominación, el arte refuerza algo tan importante en las historias de las luchas de las mujeres: que no se debe subestimar al pequeño. El poder del susurro, el truco de los encantos, la seducción de los olores, la riqueza de las especias. Una lucha sin los miles de millones, sin las 24 horas en la televisión, sin los maquillajes de los grandes diplomas, pero con la sencillez del coraje. En sus innumerables posibilidades y sutilezas, como algo que despierta, pulsa y reúne. Pequeños trucos que ponen en peligro los megaproyectos porque, a veces, hay que ser pequeño para romper con el gran capital. Amplios horizontes que se abren con pequeños agujeros.

das palavras que trazem o outro para perto, do tempero que alimenta a esperança e cotidiano: entre as mulheres em luta, a arte se faz e refaz juntando ideias e pessoas, enquanto corta fronteiras. Dá sentido e desperta a criatividade, cavando outros horizontes em meio a tentativa de naturalização da exploração e do esgotamento do corpo humano e da natureza. Lembro de Teresa Boedo, que nos contou, desde a Guatemala, da potência da arte como ferramenta de partilha do sonho emancipatório entre mulheres.

Diante das máquinas robustas de dominação, a arte reforça algo tão importante nas histórias das lutas das mulheres: que não se subestime o pequeno. A força do cochicho, a manha dos encantos, a sedução dos cheiros, a riqueza dos temperos. Uma luta sem os bilhões, sem as 24 horas na televisão, sem as maquiagens dos grandes diplomas, mas com a simplicidade da coragem. Nas suas inúmeras possibilidades e sutilezas, como algo que acorda, pulsa e ajunta. Pequenas artimanhas que tecem perigo aos megaprojetos porque, às vezes, é preciso se apequenar para romper com grandes capitais. Largos horizontes que se abrem com pequenos furos.



SEMEANDO AUTOGESTÃO E SOBERANIA ALIMENTAR NA FAVELA DA PENHA-RJ

SEMBRANDO AUTOGESTIÓN Y SOBERANÍA ALIMENTARIA EN LA FAVELA DE PENHA, RIO DE JANEIRO

Ana Paula Santos

Iniciei com as águas do mar e pelas águas das nascentes da APARU - Área de Proteção Ambiental e Recuperação da Serra da Misericórdia, Complexo de favelas da Penha na cidade do Rio de Janeiro, território urbano e rururbano¹, de potência agrícola, fonte de recursos naturais, carregado de memórias e resistências, e sigo nessa prosa. Não tem como esquecer a primeira vez que pisei na mata exuberante destacando-se em volta das casas, morros, em meio a um abandono que ao mesmo tempo refletia um esperançar. Ali estava com Marcelo Silva, quando nos apaixonamos pela potência daquele verde, da possibilidade de um trabalho local transformador, que seguisse lado a lado aos moradores. A história aqui contada é a mistura indissociável entre a vida e a luta coletiva que construo nesse lugar onde habito hoje, e se torna parte do corpo-território preto que sou.

Comencé con el mar y las aguas de manantial de APARU - Área de Protección Ambiental y Recuperación de Serra da Misericórdia, Complejo de favelas de Penha en la ciudad de Rio de Janeiro, territorio urbano y rururbano¹, de potencia agrícola, fuente de recursos naturales, cargada de recuerdos y resistencias, y sigo en esta prosa. No hay forma de olvidar la primera vez que pisé el frondoso bosque, destacándose alrededor de las casas, cerros, en medio de un abandono que al mismo tiempo reflejaba una esperanza. Ahí estaba yo con Marcelo Silva, cuando nos enamoramos de la potencia de ese verde, de la posibilidad de un trabajo local transformador que iría al lado de los vecinos. La historia que aquí se cuenta es la mezcla inseparable entre la vida y la lucha colectiva que construyo en este lugar donde vivo hoy, y se

³ Termo usado como referência a áreas e territórios que trazem características rurais e urbanas.
Término utilizado para referirse a áreas y territorios que aportan características rurales y urbanas.

Aqui da Serra da Misericórdia começa a história. Estávamos sem entender muita coisa, mas com muita garra para realizar um trabalho sociocultural e ambiental. A educação já fazia parte de nossas realidades, mas a defesa de uma área verde era inédita para a gente. Inicialmente a proposta foi defender a existência do Parque Municipal da Serra da Misericórdia, projeto desenhado por lideranças de grupos como Raízes em Movimento e Verdejar Socioambiental, que vinham há duas décadas verdejando a Serra e que, nós, recém-chegados, agregamos força na luta, quando em 2012, fundamos o CEM - Centro de Educação Multicultural, focados na reconstituição e cultivo dessa última área verde.

Ali, mesmo depois de toda exploração da terra, muitas famílias ainda cultivavam em seus quintais com muitas memórias. Desde então fomos construindo e reconstruindo conforme fomos nos relacionando com as nossas realidades, as pessoas e a favela. Importante destacar que antes do aparecimento das mineradoras nesse local e a expansão da urbanização, na década de 1970, as pessoas viviam da criação de animais, do plantio, da caça em harmonia com toda área verde e suas infinitudes de nascentes. A perda dos espaços verdes veio junto com o crescimento da desconexão entre os moradores.

Outro fator fundamental foi a chegada

convierte en parte del cuerpo-territorio negro que soy.

Aquí en Serra da Misericórdia comienza la historia. No entendimos mucho, pero teníamos bastante determinación para realizar un trabajo sociocultural y ambiental. La educación ya formaba parte de nuestras realidades, pero la defensa de una zona verde no tenía precedentes para nosotros. Inicialmente, la propuesta era defender la existencia del Parque Municipal Serra da Misericórdia, un proyecto diseñado por líderes de grupos como Raízes em Movimento y Verdejar Socioambiental, que llevaban dos décadas enverdeciendo la Serra y que, como recién llegados, sumamos fuerza a la lucha, cuando en 2012 fundamos o CEM - Centro de Educación Multicultural, enfocado a la reconstitución y cultivo de esta última área verde.

Allí, incluso después de toda la explotación de la tierra, muchas familias seguían cultivando en sus patios con muchos recuerdos.

Desde entonces, hemos estado construyendo y reconstruyendo el trabajo a medida que nos relacionamos con nuestras realidades, la gente y la favela. Es importante resaltar que, ante la aparición de las mineras en este lugar y la expansión de la urbanización, en los años 70, la gente ahí vivía de la ganadería, la siembra, la caza en armonía con toda la zona verde y sus infinitos manantiales. La pérdida de espacios verdes vino junto

con la creciente desconexión entre los residentes.

Otro factor fundamental fue la llegada a la Red Carioca de Agricultura Urbana en 2013/2014, un hito, ya que nos presentó, desde la agricultura urbana agroecológica, otros significados que no solo rediseñan nuestros objetivos, sino que fortalecen caminos de diálogo con nuestra área verde, la comida, la gente, con nuevos aliados como el Instituto Pacs. La contribución del Pacs a mi fortalecimiento, mujer negra, se refleja en el trabajo colectivo con mujeres y en la comprensión y capacitación sobre la autogestión en la favela. ¡La economía debe ser feminista!

Así, seguimos moviendo el territorio a través de la lucha por vivir y sembrar, y principalmente, a través de la autogestión y el fortalecimiento de la colectividad entre las mujeres. Hace 3 años soplaron nuevos vientos y nos desafiamos a trabajar el tema de la soberanía alimentaria con el colectivo de mujeres que nació de la relación con el SUS, tras el desmantelamiento de las clínicas familiares, bajo el gobierno municipal de Marcelo Crivella. Las primeras medidas del desmantelamiento fueron el despido de nutricionistas, empezando por las que trabajaban en las periferias. En este contexto, creamos la estrategia de encuentros itinerantes en hogares de mujeres y la realización de diversas actividades autoorganizadas, involucrando a diferentes socios e invitadas.

na Rede Carioca de Agricultura Urbana em 2013/2014, divisor de águas, pois nos apresentou, a partir da agricultura urbana agroecológica, outros sentidos que não só redesenham nossos objetivos, mas fortalecem caminhos de diálogo com a nossa área verde, a comida, as pessoas, com novos parceiros como o Instituto Pacs. A contribuição do Pacs para o fortalecimento da preta aqui reflete no trabalho coletivo com as mulheres e no entendimento e formação sobre autogestão na favela. A economia precisa ser feminista!

Assim, seguimos movimentando o território através da luta pelo morar e plantar, e principalmente, através da autogestão e do fortalecimento da coletividade entre mulheres. Há 3 anos, novos ventos sopraram e nos desafiamos a trabalhar o tema da soberania alimentar com o coletivo de mulheres que nasceu da relação com o SUS, após o desmonte das clínicas das famílias, no governo municipal do Marcelo Crivella. As primeiras medidas do desmonte foram desempregar as nutricionistas, a começar pelas que atuavam nas periferias. Diante desse contexto, criamos a estratégia dos encontros itinerantes nas casas das mulheres e da realização de diversas atividades autogestionadas, envolvendo diferentes parceiros e convidadas.

Diante desse trabalho, uma questão

central que tem acompanhado minha caminhada, é: “*Quem cuida de quem cuida?*”. Cuidar para estar forte junto às mulheres, todo dia isso passa pela minha cabeça. O pensar sobre o cuidado – sobre cuidarmos de nós mesmas e uma das outras – também circula na Roda de Mulheres da Rede CAU e no GT Mulheres da AARJ. Assim, saber para onde se deseja ir, quando se está imerso em fragilidades e vulnerabilidades, sempre foi um grande aprendizado e desafio, ao mesmo tempo um impulsionador que nos faz construir outras alternativas. Assim como dar passos atrás, caminhando para um trabalho de base, foi algo fundamental para que ali fossem se fortalecendo nossos caminhos na discussão da segurança e soberania alimentar vinda da favela.

Foi quando fomos obrigados a conduzir o trabalho para uma atuação muito mais política e identitária, que refletisse diretamente na construção de um território de bem viver, onde a produção de alimentos sem veneno era a potência do morar e plantar sentidos que aprendemos com a Coletiva Hortelã, nas Vargens. A partir do trabalho de educação popular foi possível envolver mulheres, crianças e a juventude local, integrando escolas, espaços públicos da saúde e assistência. A atuação em rede no território possibilitou a ampliação do trabalho, num formato de teia dentro da favela. Assim se constituiu o Arranjo Local Penha²,

Ante este trabajo, una pregunta central que ha acompañado mi camino es: “¿Quién cuida a quién cuida?” Cuidando para ser fuerte junto a las mujeres, todos los días eso me pasa por la cabeza. Pensar en cuidar, en cuidarnos a nosotras mismas ya las demás, circula también en el Círculo de Mujeres de la Red CAU y en el Grupo de Mujeres de AARJ. Así, saber a dónde quieres ir, cuando estás inmerso en debilidades y vulnerabilidades, siempre ha sido un gran aprendizaje y desafío, a la par que es un motor que nos hace construir otras alternativas. Además de dar un paso atrás, encaminarse hacia un trabajo de base, fue fundamental que nuestros caminos se fortalecieran allí en la discusión de seguridad y soberanía alimentaria proveniente de la favela.

Fue entonces cuando tuvimos que encaminar el trabajo hacia una actuación mucho más política y basada en la identidad, que se refleja directamente en la construcción de un territorio del bien vivir, en el cual la producción de alimentos sin veneno era la potencia de vivir y sembrar. A partir del trabajo de educación popular se logró involucrar a mujeres, niños y jóvenes locales, integrando escuelas, salud pública y espacios asistenciales. El trabajo en Red en el territorio permitió expandir el trabajo, en formato de red dentro de la favela. Así se constituyó el Arranjo Local Penha², un sistema participativo e interactivo que tiene como eje prin-

principal la soberanía alimentaria y la agricultura urbana. Además, en el ámbito de las luchas político-institucionales, el CEM participa en el Consejo Estatal de Seguridad Alimentaria (CONSEA), el Consejo Municipal de Desarrollo Agrario, el Frente Parlamentario de Seguridad Alimentaria y Agricultura Urbana en la ciudad de Rio de Janeiro, en el Foro Permanente de Agricultura.

Una de las grandes lecciones aprendidas del movimiento agroecológico, junto a las mujeres de Vargens, y al lado GT Mujeres de la AARJ, fue apostar por otras posibles economías, a través de la cocina agroecológica como parte fundamental del empoderamiento de las mujeres, cocineras, culinarias, agricultoras urbanas, en la mayoría negras, faveladas, nordestinas, nortistas. Con ellas se ha podido generar acciones concretas para luchar por la soberanía alimentaria nutricional, trayendo al debate la importancia del papel de la agroecología como trinchera de una economía feminista, política y emancipadora. Esto implica reflexionar sobre el racismo, el impacto de los megaeventos y megaproyectos, como la expropia-

um sistema participativo, interativo e que tem como eixo principal a soberania alimentar e agricultura urbana. Além disso, no âmbito das lutas político-institucionais, o CEM participa do Conselho Estadual de Segurança Alimentar (CONSEA), Conselho Municipal de Desenvolvimento Agrário, da Frente Parlamentar de Segurança Alimentar e Agricultura Urbana da cidade do Rio de Janeiro e do Fórum Permanente de Agricultura.

Um dos grandes aprendizados junto ao movimento de agroecologia, às mulheres das Vargens, ao lado do GT Mulheres da AARJ, foi apostar em outras economias possíveis, através da cozinha agroecológica como parte fundamental do fortalecimento da mulher, cozinheira, culinária, agricultora urbana, em sua maioria, preta, favelada, nordestina, nortista. Com elas tem sido possível criar ações concretas de luta por soberania alimentar nutricional, trazendo para o debate a importância do papel da agroecologia como trincheira de uma economia feminista, política e emancipatória. Isso implica em refletir sobre racismos, impacto dos me-

² O Arranjo Local da Penha, é uma parceria com a organização AS_PTA, e tem o objetivo é promover a agricultura urbana, a alimentação saudável e as culturas tradicionais locais. A ideia é pensar coletivamente estratégias e desenvolver ações diversas, que impulsionem o debate sobre alimentação, saúde e agroecologia no território. Para saber mais: <https://www.instagram.com/arranjolocalpenha/>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

O Arranjo Local da Penha, es una asociación con la organización AS_PTA, y tiene como objetivo promover la agricultura urbana, la alimentación saludable y las culturas locales tradicionales. La idea es pensar colectivamente estrategias y desarrollar diferentes acciones, que estimulen el debate sobre alimentación, salud y agroecología en el territorio. Para saber más : <https://www.instagram.com/arranjolocalpenha/>

gaeventos e megaprojetos, como a desapropriação de terras, violência sexual, a falta de investimento para quem é entendido como quem não faz parte da cidade.

Precisamos avançar no debate, tomando em conta a condição de um Estado religioso como o nosso e os desafios que ele traz para o trabalho comunitário e de agricultura urbana com as mulheres. O distanciamento dessas mulheres com a sua ancestralidade só cresce! Não se reconhece mais a guiné. As ervas de cura são vistas negativamente como instrumentos da “macumba”, o que impacta diretamente na sua qualidade de vida, na perda dos conhecimentos ancestrais. A falta de procura faz muitas ervas da Serra irem desaparecendo. Mas basta falar delas, buscá-las que elas rebrotam, vão voltando a aparecer ao nosso redor. Agora precisamos multiplicar e ganhar forças, pois a indústria vem ganhando e expandindo sua produção de veneno também para cultivo dos alimentos voltados para a “grande massa”.

É urgente para nós, na Serra da Misericórdia, para a roça da Penha, resgatar culturas locais, da reza, das medicinas populares e do cultivo urbano, ampliando o diálogo sobre saúde coletiva, e a importância da agroecologia na favela, o que possibilita a condução de um trabalho participativo e político junto às mulheres.

ción de tierras, la violencia sexual, la falta de inversión para quienes no son entendidos como parte de la ciudad.

Necesitamos avanzar en el debate, tomando en cuenta la condición de un Estado religioso como el nuestro y los desafíos que trae al trabajo comunitario y la agricultura urbana con mujeres. ¡La distancia entre estar mujeres y sus ancestralidades solo aumenta! Ya no se reconoce la guiné. Las hierbas curativas son vistas negativamente como instrumentos de la macumba, lo que impacta directamente en su calidad de vida, la pérdida de conocimientos ancestrales. La falta de demanda hace desaparecer muchas hierbas de Serra. Pero basta hablar de ellas, buscarlas para que vuelvan a crecer, vuelven a aparecer a nuestro alrededor. Ahora necesitamos multiplicarnos y ganar fuerza, ya que la industria ha ido ganando y expandiendo su producción de veneno también para el cultivo de alimentos destinados a la “gran masa”.

Es urgente para nosotros, en la Serra da Misericórdia, por la granja da Penha, rescatar las culturas locales, la reza, las medicinas populares y el cultivo urbano, ampliando el diálogo sobre la salud colectiva y la importancia de la agroecología en la favela, que posibilita la realización del trabajo participativo y político con mujeres.

Al mismo tiempo que se cocina

rescatando hierbas, prácticas alimentarias y culturas como el uso de la yaca verde, el plátano y la yuca, las mujeres de la favela cultivan sus productivos patios traseros contemplando los dos extremos de la cadena de producción alimentaria: del cultivo al consumo. Esto es soberanía alimentaria nutricional a través de la generación de autonomía de subsistencia, economías circulares, preservación del bosque, convivencia y plantación.

Es en estos espacios donde se fortalece el feminismo comunitario negro, produciendo conocimiento en la práctica. En los círculos de conversación y reuniones temáticas periódicas con los temas de salud, autocuidado, alimentación, antirracismo, comunicación, entre otros, promovidos de manera autónoma en patios, cocinas y microespacios organizados por el CEM, por el Arranjo Local Penha y aliados como Instituto Pacs, AS_PTA, Red de Agricultura Urbana Carioca, Red Ecológica y, principalmente, por las mujeres que viven en el complejo de favelas Penha y alrededor de la Serra da Misericórdia, que creen y apuestan en el trabajo.

Presencí en casa los dolores de una mujer que vivió bajo la violencia doméstica, traición y sobrecarga en las tareas del hogar. La pérdida constante de niños y jóvenes a causa de la violencia armada fue algo que vine a ver en la favela. ¿Qué tan fuertes deben ser estas mujeres?

Ao mesmo tempo em que se cozinha resgatando ervas, práticas e culturas alimentares como o uso da jaca verde, a banana e o aipim, as mulheres na favela cultivam seus quintais produtivos contemplando as duas pontas da cadeia produtiva de alimentos: do cultivo ao consumo. Isso é soberania alimentar nutricional através da geração de autonomia da subsistência, das economias circulares, da preservação da mata, do morar e plantar.

É nesses espaços que se fortalece o feminismo preto comunitário, produzindo conhecimento na prática. Nas rodas de conversa e encontros periódicos temáticos com os temas da saúde, autocuidado, alimentação, antirracismo, comunicação, entre outros, promovidos de maneira autônoma nos quintais, cozinhas e micro espaços organizados pelo CEM, pelo Arranjo Local Penha e parceiros como Instituto Pacs, AS_PTA, Rede Carioca de Agricultura Urbana, Rede Ecológica, GT Mulheres da AARJ e instituições locais e, principalmente, pelas mulheres moradoras do Complexo de favelas da Penha e entorno da Serra da Misericórdia, que acreditam e apostam no trabalho.

Presenciei dentro de casa as dores de uma mulher que vivia a violência doméstica, traição e sobrecarga nos trabalhos da casa. A perda constante de crianças e jovens para a violência armada foi algo que vim presenciar na favela. O quanto essas mulheres ainda precisam

ser fortes? Suportar a dor da perda e, na semana seguinte, continuar encarando o trem cheio bem cedo e a ausência do criar suas crias, pois muitas já dormem com o aluguel no travesseiro ou mesmo a sinfonia das barrigas que não param de roncar. E essa família só tem direito de comer?

O trabalho coletivo na favela junto às mulheres me sinaliza que quando outros fazeres surgem como possibilidade, as faxinas continuam, mas elas passam a escolher e colocar suas regras. Há pouco ouvi da Vanessa, mãe de quatro meninas que participam das atividades do CEM há uns 05 anos: “*Vou dar mole nada, prefiro ficar aqui recebendo menos, mas sem me desgastar*”. A moradora Sandrinha, disse que com a produção das quentinhas durante as ações de solidariedade, recebeu em 1 dia, mais do que recebe em 2 faxinas onde se mata de trabalhar. Não é muito, é um empurrão, sabe? Momentos de escuta e de oportunidades de menos exploração. Afinal, uma mulher preta mexe com todas as estruturas né, Rosa Luxemburgo? E, você, tem medo de quê?

Aguanta el dolor de la pérdida y, a la semana siguiente, seguir afrontando el tren completo muy temprano y la ausencia de criar a sus crías, ya que muchas ya duermen con la renta en la almohada o incluso la sinfonía de sus vientres que no paran de roncar. ¿Y estas familias solo tienen derecho a comer?

El trabajo colectivo en la favela con mujeres me señala que cuando surgen otras tareas como posibilidad, el trabajo con limpieza continúa, pero ellas comienzan a elegir y marcar sus reglas. Hace poco escuché de Vanessa, la madre de cuatro niñas que han participado en las actividades del CEM durante unos cinco años: “No me voy a ablandar en absoluto, prefiero quedarme aquí cobrando menos, pero sin desgastarme”. La residente Sandrina, dijo que, con la elaboración de los platos para llevar durante las acciones solidarias, recibió en 1 día más de lo que recibe en 2 trabajos de limpieza donde se deja la piel. No es mucho, es un empujón, ¿sabes? Momentos de escucha y oportunidades para menos exploración. ¿Después de todo, una mujer negra mueve todas las estructuras, cierto, Rosa Luxemburgo? ¿Y de qué tienes miedo?





CUIDADO COM O OUTROS É O LEGADO, O CUIDADO CONSIGO É O DESAFIO

CUIDAR A LOS DEMÁS ES EL LEGADO, CUIDARTE A TI MISMO ES EL DESAFIO

Yasmin Bitencourt

A relação entre mulher e cuidado é histórica. Somos mães, avós, irmãs, tias, amigas, lideranças, articuladoras, trabalhadoras... E a perspectiva do cuidado é imposta a nós como uma atribuição natural. No campo profissional, é recorrente escutarmos muitas vezes que nossa capacidade de trabalho e relação com colegas é diferenciada por um certo “cuidado”. Nas nossas casas e relações pessoais, principalmente na relação com crianças e idosos, já escutamos que sabemos instintivamente cuidar, e que por isso é melhor estarmos responsáveis por aqueles que precisam de apoio, educação ou cuidado. Quem são aqueles que podem não ter cuidado com o/a outro/a? Por que é interessante deixar que essa responsabilidade esteja sempre nas costas das mulheres? O que é ou o que entendemos como cuidado?

“Cuidado é quando você pensa no bem-estar do outro, em que você se move pra promover esse bem-estar. Cuidado

La relación entre la mujer y el cuidado es histórica. Somos madres, abuelas, hermanas, tías, amigas, líderes, articuladoras, trabajadoras. . . Y la perspectiva del cuidado se nos impone como una atribución natural. En el ámbito profesional, a menudo escuchamos que nuestra capacidad de trabajo y relación con los compañeros se diferencia por un cierto “cuidado”. En nuestros hogares y relaciones personales, especialmente en relación con los niños y los ancianos, ya hemos escuchado que instintivamente sabemos cuidar, y que por eso es mejor ser responsables de quienes necesitan apoyo, educación o cuidados. ¿Quiénes son los que pueden no tener cuidado con la otra persona? ¿Por qué es interesante dejar que esta responsabilidad siempre recaiga sobre las mujeres? ¿Qué es o qué entendemos por cuidado?

“El cuidado es cuando piensas en el bienestar de los demás, en el que te mueves para promover ese bienestar. Tener cuidado es estar

é você estar atenta pra que algo de mau não aconteça, nem pra você e nem pra outra pessoa. Porque também se você não se cuida, e se esse algo de mau acontece a você, como você protege ela que tá junto de você? [...] Então se não tem o autocuidado, não tem como ter cuidado. Se eu não cuido de mim, eu não tenho como cuidar de ninguém.” (Sandra Vita).

A atenção necessária para o cuidado gera uma tensão profunda. O trabalho gerado pelo cuidado é grande, por isso é tão necessária à nossa atenção a isso. A “eterna” busca pelo equilíbrio entre cuidar e ser cuidada. O autocuidado, termo que assistimos ser apropriado pelo mercado a partir do individualismo e da mercantilização da saúde não é só uma ideia para vender, é uma necessidade¹. O patriarcado e o racismo têm condicionado nossos corpos e desejos, construindo nos homens, sobretudo homens brancos e ricos, a demanda por serem assistidos, e nas mulheres, sobretudo mulheres negras, o dever da assistência, do prestar serviço. Pode ser comum, então, enquanto mulheres, pensarmos e priorizarmos as necessidades do outro. Mas quem vai priorizar as nossas necessidades? Se não pisamos no freio e olhamos para nós, todo trabalho e olhar é dedicado ao outro, e as nossas forças e poderes são deixados para trás.

alerta para que no suceda algo malo, ni a ti, ni a nadie. Porque también si no te cuidas, y si te pasa algo malo, ¿cómo la proteges quien está contigo? [. . .] Entonces, si no tienes cuidado personal, no puedes tener cuidado. Si no me cuido, no puedo cuidar a nadie.”
(Sandra Vitta)

La atención necesaria para el cuidado crea una tensión profunda. El trabajo que genera el cuidado es grande, por eso nuestra atención a esto es tan necesaria. La “eterna” busca por el equilibrio entre cuidar y ser cuidada. El autocuidado, término que vemos que se está apropiando del mercado a partir del individualismo y la mercantilización de la salud, no es solo una idea para vender, es una necesidad . El patriarcado y el racismo han condicionado nuestros cuerpos y deseos, construyendo en los hombres, sobre todo los blancos y ricos, la exigencia de ser atendidos, y en las mujeres, principalmente las negras, el deber de asistencia, de prestar servicio. Puede ser común, entonces, como mujeres pensar y priorizar las necesidades de los demás. Pero, ¿quién priorizará nuestras necesidades? Si no pisamos el freno y nos miramos a nosotras mismas, todo el trabajo y la mirada se dedican al otro, y nuestras fortalezas y poderes quedan atrás.

Para mí el cuidado tiene que

¹ O termo (auto) cuidado começou a ser disseminado na década de 1980 por feministas e antirracistas, como potência para transformação social e para a criação de outros imaginários.

El término (Auto)cuidado comenzó a ser difundido en la década de 80 por feministas y antirracistas, como un poder de transformación social y para la creación de otro imaginario.

ver, desde el momento en que me cuido preservándome, además de limpiarme, además de limpiarme las uñas, esto es un cuidado para mí. . . Limpiar mi hogar, tener mi casa limpiar, mi ropa limpia. Cúdame, soy yo llevándola, y ni siquiera sé si eso es lo que estás preguntando, pero, por ejemplo, soy yo tomando una toalla y cuando me seco con la toalla, si ella huele, no puedo secarme con ella. Eso para mí es cuidado, ¿sabes? (Sandra Vitta)

Como comenta Sandra, el cuidado es mantenernos seguras en todos los espacios que ocupamos. En nuestros hogares, cuando nos enfrentamos a las tareas domésticas diarias para garantizar la alimentación, la limpieza del medio ambiente y nuestra ropa. El cuidado está en la higiene cuando salimos a la calle, cuando aprendemos a lavarnos las manos y usar máscaras, en medio a la pandemia provocada por el Covid-19. ¿Quiénes son los que cumplen, concientizan y hacen posible que otros tengan este cuidado, siendo niños, hermanos, sobrinos, compañeros. . .? A lo largo de la pandemia podemos experimentar aún más abiertamente quién toma la primera línea para garantizar la vida. Vimos cómo el tiempo de aislamiento aumentaba el trabajo de las mujeres en el hogar, en garantizar las comidas, la higiene necesaria, en la limpieza y organización de la casa, en el cuidado y cuidado de los que se enferman. Desde que nacimos exigimos cuidados y si bien esta responsabilidad aún se distribuye de manera desigual en la sociedad, tenemos mucha lucha por hacer.

“Pra mim, cuidado tem a ver, desde o momento em que eu me cuido enquanto me preservar, assim como me limpar, assim como limpar minhas unhas, isso pra mim é um cuidado... Limpar minha casa, estar com a minha casa limpa, estar com as minhas roupas limpas. Cuidado para mim, é eu pegar, e eu nem sei se é isso que vocês tão perguntando, mas, por exemplo, é eu pegar uma toalha e na hora que for secar com a toalha se tiver como cheiro, eu não consigo secar com ela. Cuidado pra mim é isso, entendeu?” (Sandra Vita).

Como Sandra comenta, o cuidado está em nos mantermos seguras em todos os espaços que ocupamos. Nas nossas casas, quando encaramos o trabalho diário doméstico para garantir comida, limpeza do ambiente e das nossas roupas. O cuidado está na higiene quando vamos a rua, ao aprender a lavar as mãos e usarmos máscaras, em meio à pandemia causada pelo covid-19. Quem são as que cumprem, conscientizam e viabilizam que outros tenham esses cuidados, sendo filhos, irmãos, sobrinhos, companheiros...? Durante a pandemia podemos vencer de forma ainda mais escancarada quem assume a linha de frente para garantir a vida. Vimos como o tempo em isolamento aumentou o trabalho das mulheres em casa, na garantia das refeições, da higiene necessária, na limpeza e organização da casa, na atenção e nos cuidados daqueles que ficam doentes. Desde que nascemos demandamos cuidados e enquanto essa responsabilidade

ainda for desigualmente distribuída na sociedade, nós temos muita luta a fazer.

O cuidado é por si só uma prática de luta e transformação individual e coletiva fundamental à vida. A partilha da responsabilidade dele caminha para a construção de uma sociedade mais justa. Colabora, também, para garantir vida pulsante, que movimenta e constitui a sociedade todos os dias. Movimentos feministas trabalham desde a reflexão sobre o cuidado, já que é esse trabalho, que dentro e fora das casas garante a vida, a produção e a manutenção do sistema em que vivemos. É necessário reconhecer essa dimensão das nossas vidas diariamente, no pequeno e no grande, até mesmo para entender como é possível revolucioná-la e transformar essas relações em diferentes níveis. Antes de tudo reconhecer o trabalho do cuidado é olhar para a vida das mulheres e conseguir ver o tamanho e poder que ele tem. É nesse momento que também chega a pergunta: quem cuida de quem cuida? *“Cuidado com o outro é legado, cuidado consigo é desafio”*. Essa frase foi o primeiro fio desse texto. O legado do trabalho do cuidado invisibilizado é a base que sustenta a vida. Nosso desafio feminista diário é de romper com uma ordem que não nos permite que nos olhemos, por acumularmos tanto trabalho, tanta tensão nas costas. O desafio é entender que não nos é natural cuidar. O cuidado é uma necessidade hu-

El cuidado es en sí mismo una práctica de lucha y transformación individual y colectiva fundamental para la vida. Compartir su responsabilidad va hacia la construcción de una sociedad más justa. También colabora para garantizar una vida palpitante, que mueve y constituye la sociedad todos los días. Los movimientos feministas trabajan desde la reflexión sobre el cuidado, ya que es este trabajo, el que dentro y fuera de los hogares garantiza la vida, producción y mantenimiento del sistema en el que vivimos. Es necesario reconocer esta dimensión de nuestra vida cotidiana, en los pequeños y grandes, incluso para entender cómo es posible revolucionarla y transformar estas relaciones a diferentes niveles. En primer lugar, reconocer el trabajo de cuidar es mirar la vida de las mujeres y poder ver el tamaño y el poder que tiene.

Es en este momento cuando también surge la pregunta: ¿quién cuida de cuida? “Cuidar a los demás es el legado, cuidarte a ti mismo es el desafío”. Esta frase fue el primer hilo de ese texto. El legado del trabajo de cuidado invisible es la base que sustenta la vida. Nuestro reto feminista diario es romper con un orden que no nos permite mirarnos, porque hemos acumulado tanto trabajo, tanta tensión en la espalda. El desafío es comprender que no es natural que nos importe. El cuidado es una necesidad humana común a todos: bebés, niños, jóvenes, adultos, ancianos,

personas con discapacidad y otras. Esta responsabilidad debe dividirse para que haya suficiente espacio y tiempo para que el autocuidado entre y ocupe su lugar.

“El día que no quiero pensar en nada, que no quiero saber nada, que no quiero platicar de eso, que no quiero hablar de eso, me gusta mucho quedar sola. Me gusta mi presencia, me gusta mi compañía. Me encanta estar en mi compañía, ¿sabes? Y me gusta mucho jugar a las cartas en el celular con el robot. Y hay algo que me gusta, que no siempre hago. . . Es estar tirada en el sofá, ¿sabes?” (Sandra Vitta)

El autocuidado puede ser individual, interno, espiritual y energético. Ahí es cuando podemos conectar con nosotras para escuchar nuestros deseos más simples y profundos, así como los más inútiles y nuestros grandes sueños. No creo que haya bien o mal, hay sentimiento de cuidarnos. Sea viendo una telenovela, charlando, duchándonos sin que nadie llame. . . Es cuando podemos relajarnos y rendirnos en el momento presente y concentrarnos en nuestro cuerpo, nuestra mente, nuestros sentidos, deseos, sueños y anhelos. Es escribir, escuchar música y bailar, ejercitar el cuerpo, darse un chapuzón en el mar y el río, es cocinar nuestra comida favorita, es estar presente a la hora de comer y no pensar en otras cosas, arreglarse las uñas o aplicarte una crema en el cabello. Principalmente, no olvidarnos de nosotras mismas, quiénes

mana comum a todes – bebês, crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência e outras. Essa responsabilidade deve ser dividida para que exista espaço e tempo suficiente para que o autocuidado entre e tome o seu devido lugar.

“O dia que eu não quero pensar em nada, que eu não quero saber de nada, que eu não quero conversar sobre isso, que eu não quero falar sobre isso, eu gosto muito de ficar sozinha. Eu gosto, eu gosto da minha presença, eu gosto da minha companhia. Eu amo estar na minha companhia, sabe? E eu gosto muito de jogar buraco no celular com o robô. E aí uma coisa que eu gosto, que eu não sou muito de fazer, não... É de deitar no sofá, sabe?” (Sandra Vita).

O autocuidado pode ser individual, interno, espiritual e energético. É quando conseguimos nos conectar conosco para ouvirmos nossos desejos mais singelos, profundos, assim como os mais fúteis e os nossos grandes sonhos. Não acredito que exista certo ou errado, existe nos sentirmos para nos cuidarmos. Seja vendo uma novela, batendo papo, tomando um bom banho sem ninguém chamar... É quando conseguimos relaxar e nos entregarmos no momento presente e focar em nosso corpo, nossa mente, nossos sentidos, desejos, sonhos e vontades. É escrever, ouvir música e dançar, exercitar o corpo, dar um mergulho no mar e no rio, é cozinhar nossa comida preferida, é estar presente ao fazer uma refeição e não pensando em outras coi-

sas, fazer as unhas ou passar um creme no cabelo. É principalmente não esquecermos de nós mesmas, do que somos e do que queremos ser. Com as mulheres em luta, aprendemos que o autocuidado não se relaciona com o consumo, mas com o diálogo consigo, com o ser e estar no tempo presente onde nos encontramos, com suas potências e limites. Percebe como é profundamente poderoso e perigoso para o mundo capitalista?

“O cuidado é visto ali (a partir dos feminismos) como um elemento essencial para continuar a luta. Se não houver cuidado, não há maneira de se sustentar. Assim, parece-me que, a partir do feminismo, ele se torna um critério-base e um sentido comum” (Francisca Fernández).

A ausência desses momentos, que demandam tempo, planejamento e atenção daquelas que usualmente se dedicam ao outro, faz somatizar e adoecer. Isso é um sintoma do capital agindo na nossa vida profundamente. O mesmo que invade territórios destruindo comunidades inteiras, que separa povos de sua natureza ancestral, o que usa toda a água do bairro, o que está espalhando pó que respiramos e nos demanda ainda mais trabalho com a casa e com o adoecimento que causa em familiares. É o capital, em sua lógica local e internacional, que considera nossas vidas descartáveis e pouco considera o nosso cuidado. Descartáveis porque podem ser usadas e

somos y qué queremos ser. Con las mujeres en lucha aprendimos que el autocuidado no está relacionado con el consumo, sino con el diálogo contigo, con el ser y el estar en el presente donde estamos, con sus poderes y límites. ¿Darse cuenta de lo profundamente poderoso y peligroso que es para el mundo capitalista?

“Allí se ve el cuidado (desde los feminismos) como un elemento imprescindible para continuar la lucha. Si no tiene cuidado, no hay forma de mantenerse. Así, me parece que, desde el feminismo, pasa a ser un criterio básico y un sentido común. (Francisca Fernández)

La ausencia de estos momentos, que exigen tiempo, planificación y atención por parte de quienes suelen dedicarse a los demás, les hace somatizar y enfermar. Este es un síntoma de que el capital actúa profundamente en nuestras vidas.

El mismo que invade territorios destruyendo comunidades enteras, separando pueblos de su naturaleza ancestral, aprovechando toda el agua del barrio, esparciendo el polvo que respiramos y exigiendo aún más trabajo con la casa y con la enfermedad que provoca en los familiares. Es el capital, en su lógica local e internacional, que considera nuestras vidas desechables y poco tiene en cuenta nuestros cuidados. Desechables porque se pueden usar y malgastar por sí mismos, y luego tirarlos de un lugar a otro. Es un capital que no se preocupa por

nuestra memoria, que es estéril y que no crea vínculos.

El autocuidado, aunque centrado en nosotras, es colectivo. Solo es posible cuando se valora colectivamente y, sobre todo, se respeta. Es cuando hay niveles de división del trabajo de cuidados.

“Se necesita todo un pueblo para criar a un niño”, dice un proverbio africano y de eso se trata. De ser madres, pero de poder cuidar no solo a nuestro bebé, sino de nosotras mismas, porque otras personas están compartiendo los cuidados de esa vida. El cuidado personal también es un legado. Legado de los más poderosos. Es un legado de la memoria, de nuestros anhelos y deseos, es un legado para nuestra salud, nuestro envejecimiento saludable. Es un legado de poder para nosotras, para el mundo y para otras mujeres.

usurpadas de si mesmas, e depois jogadas de um lugar para o outro. É o capital que não se importa com a nossa memória, que é estéril e que não cria vínculos.

O autocuidado, apesar de centrado em nós, é coletivo. Ele só é possível quando coletivamente é valorizado e, principalmente, respeitado. É quando existe níveis de divisão do trabalho do cuidado.

“É preciso uma aldeia inteira para criar uma criança” diz um provérbio africano e é sobre isso. Sobre sermos mães, mas podermos não cuidar somente do nosso bebê, mas de nós mesmas, porque outras pessoas estão dividindo o cuidado daquela vida. O autocuidado é legado, também. Legado dos mais poderosos. É legado da memória, das nossas vontades de anseios, é legado para a nossa saúde, nosso envelhecimento sadio. É legado de poder para nós mesmas, para o mundo e para outras mulheres.

SOBRE AS AUTORAS E REALIZADORAS

SOBRE LAS AUTORAS Y REALIZADORAS



Aline Lima é especialista em gerenciamento de projetos sociais, psicóloga, militante feminista, educadora popular, atriz e mãe. Atualmente coordenadora geral do Instituto Pacs. | *Aline Lima es especialista en gestión de proyectos sociales, psicóloga, activista feminista, educadora popular, actriz y madre. Actualmente es coordinadora general del Instituto Pacs.*



Ana Luisa Queiroz é feminista interseccional, educadora popular, neta de Graça e de Marlinda. Mestre em Sociologia e Antropologia pela UFRJ, compõe a equipe do Instituto Pacs como coordenadora de projetos e pesquisadora. | *Ana Luisa Queiroz es una feminista interseccional, educadora popular, nieta de Graça y Marlinda. Máster en Sociología y Antropología por UFRJ, forma parte del equipo del Instituto Pacs como coordinadora de proyectos e investigadora.*



Ana Santos é agricultora urbana, co-fundadora do Centro de Integração na Serra da Misericórdia, no Complexo da Penha, Zona Norte do RJ. Integrante da Rede Ecológica, Rede Carioca de Agricultura Urbana e atuante no GT Mulheres da AARJ e Consea-Rio. | *Ana Santos es agricultora urbana, cofundadora del Centro de Integración de la Sierra de la Misericordia (CEM), en el Complejo da Penha, Zona Norte de RJ. Miembro de Rede Ecológica, Rede Carioca de Agricultura Urbana y activa en el GT Mulheres da AARJ y Consea-Rio*



Camila Schindler é graduada em Design gráfico e estudou artes plásticas, arte e psicanálise e fotografia. Sua prática artística combina diferentes técnicas e se desenvolve através da investigação sobre a poética das vivências subjetivas das mulheres e suas interações com a natureza, a fé, e a sociedade. | *Camila Schindler es licenciada en diseño gráfico y ha estudiado bellas artes, arte y psicoanálisis y fotografía. Su práctica artística combina diferentes técnicas y se desarrolla a través de la investigación sobre la poética de las experiencias subjetivas de las mujeres y sus interacciones con la naturaleza, la fe y la sociedad.*



Carolina Dias é professora da rede estadual do Rio de Janeiro e militante do campo do projeto popular. Em uma trajetória com organizações de juventude e de luta pela reforma agrária, vai se construindo como educadora e lutadora. Atualmente, é, também, doutoranda em Sociologia e Antropologia, na UFRJ. | *Carolina Dias es profesora en el estado de Río de Janeiro y activista del campo de los proyectos populares. En una trayectoria con organizaciones juveniles y la lucha por la reforma agraria, se está construyendo como educadora y luchadora. Actualmente, también es estudiante de doctorado en Sociología y Antropología en la UFRJ.*



Cris Faustino é Feminista Negra, integrante do Instituto Terramar, da Rede Brasileira de Justiça Ambiental, conselheira da ONG Justiça Global/RJ e atual presidenta do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos do Ceará. | *Cris Faustino es feminista negra, forma parte del Instituto Terramar, de la Red Brasileña de Justicia Ambiental, consejera de la ONG Justicia Global/RJ y actual presidenta del Consejo Estatal de Defensa de los Derechos Humanos de Ceará.*



Francisca Fernández Droguett é ecofeminista chilena, integrante do Movimiento por el Agua y los Territorios, do Comité Socioambiental de la Coordinadora Feminista 8M e da Cooperativa La Cacerola. | *Francisca Fernández Droguett es una ecofeminista chilena, parte del Movimiento por el Agua y los Territorios, del Comité Socioambiental de la Coordinadora Feminista 8M y de la Cooperativa La Cacerola.*



Isabelle Rodrigues é jornalista, da zona norte do Rio de Janeiro, antirracista e militante pelas lutas das mulheres e da população negra através da informação. Atualmente é coordenadora da área de comunicação do Instituto Pacs. | *Isabelle Rodrigues es periodista, de la zona norte de Río de Janeiro, antirracista y activista por las luchas de las mujeres y la población negra a través de la información. Actualmente es la coordinadora del área de comunicación del Instituto Pacs.*



Jessica Patrocínio Pessanha é nascida e criada em Duque de Caxias, RJ, é graduanda em Letras Português/Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua como tradutora e professora de espanhol do LICOM-UERJ. | *Jessica Patrocínio Pessanha nació y creció en Duque de Caxias, RJ, es estudiante de posgrado en Literatura Portuguesa/Española en la Universidad Estatal de Río de Janeiro, y trabaja como traductora y profesora de español en LICOM-UERJ.*



Karoline Kina é jornalista carioca e comunicadora do Instituto Pacs. Por meio da comunicação, busca contribuir para a luta da defesa dos direitos humanos e, principalmente, pelos direitos das mulheres. | *Karoline Kina es periodista de Río de Janeiro y comunicadora del Instituto Pacs. A través de la comunicación, pretende contribuir a la lucha por la defensa de los derechos humanos, especialmente los de las mujeres.*



Larissa Santos é coordenadora política na Justiça nos Trilhos. Jornalista(UFMA) e mestra em Ciências da Comunicação (UFPA). Entende e defende a comunicação com um direito humano e a articulação coletiva como o caminho para a transformação social. | *Larissa Santos es coordinadora política de Justiça nos Trilhos. Periodista (UFMA) y Máster en Ciencias de la Comunicación (UFPA). Entiende y defiende la comunicación como un derecho humano y la articulación colectiva como vía de transformación social.*



Lorena Cabnal é feminista comunitária da Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario Territorial desde Iximulew-Guatemala. | *Lorena Cabnal es feminista comunitaria de la Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario Territorial desde Iximulew-Guatemala.*



Marina Praça é pesquisadora e educadora popular, coordenou essa publicação e esse campo de trabalho no Pacs durante alguns anos. Bióloga e mestra em Educação pela UFRRJ. Sua trajetória militante se dá na luta pela terra, território e pela vida, desde os olhares da educação popular, dos feminismos populares e do pensamento crítico latino-americano. | *Marina Praça es investigadora y educadora popular, coordinó esta publicación y este campo de trabajo en Pacs durante algunos años. Es bióloga y tiene un Máster en Educación por la UFRRJ. Su trayectoria militante se basa en la lucha por la tierra, el territorio y la vida, desde la educación popular, los feminismos populares y el pensamiento crítico latinoamericano.*



Saney Souza é mulher preta, poeta, pesquisadora militante, estudante de serviço social na UERJ integrante da coletiva As Caboclas, da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste e da Rede Carioca de Agricultura Urbana. Mãe de Zayon Souza. Filha de Dona Hellen. | *Saney Souza es una mujer negra, poeta, investigadora militante, estudiante de servicio social en la UERJ, miembro del colectivo As Caboclas, del Colectivo Popular de Mujeres de la Zona Oeste y de la Red Carioca de Agricultura Urbana. Madre de Zayon Souza. Hija de Doña Hellen.*



Vera Domingos é mulher negra, feminista, agricultora rural, presidenta da Sociedade dos Pequenos Agricultores de Ponte dos Carvalhos Cabo de Santo Agostinho, Assistente Social de formação e Defensora de Direitos Humanos. | *Vera Domingos es una mujer negra, feminista, agricultora rural, presidenta de la Sociedad de Pequeños Agricultores de Ponte dos Carvalhos Cabo de Santo Agostinho, trabajadora social formada y defensora de los derechos humanos.*



Wanessa Afonso é moradora de Santa Cruz, Ativista Climática, Educadora Popular e Mestranda em Física. | *Wanessa Afonso es residente en Santa Cruz, activista climática, educadora popular y estudiante de un máster en Física.*



Yasmin Bitencourt é graduada em Relações Internacionais na UFRRJ, feminista, pesquisadora e educadora popular. Constrói sua atuação política e profissional desde práticas feministas, latino-americanas, anticapitalistas e antirracistas. | *Yasmin Bitencourt es una joven feminista de la Baixada Fluminense de Río de Janeiro. Es licenciada en Relaciones Internacionales por la UFRRJ, investigadora y educadora popular. Construye su actuación política y profesional desde prácticas feministas, latinoamericanas, anticapitalistas y antirracistas para la construcción de otros mundos posibles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teias de luta : narrativas feministas em
resistência aos megaprojetos = Tramas de luta :
narrativas feministas en resistencia a
megaproyectos / organização Instituto Pacs ;
tradução Jessica Patrocínio Pessanha. --
Rio de Janeiro, RJ : Pacs, 2021.

Vários autores.

Ed. bilíngue: português/espanhol

ISBN 978-65-992516-7-2

1. Entrevistas 2. Mulheres - Aspectos sociais
3. Mulheres - Condições sociais - América Latina
4. Mulheres - Histórias de vida 5. Relatos pessoais
6. Resistência I. Instituto Pacs. II. Título: Tramas
de luta : narrativas feministas en resistencia a
megaproyectos.

21-79435

CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Condições sociais : Sociologia 305.42

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

